

ANA MARIA CASTELO BRANCO RABELO

# **A BUSCA DA ORDEM EM *THE MIMIC MEN***

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre, Área de Concentração: Literaturas de Língua Inglesa, do Curso de Pós-Graduação em Letras. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1984

A meus queridos pais, à minha madrinha Lúcia Clara e Johann.

#### **AGRADECIMENTOS**

A Prof<sup>a</sup> Dr. SIGRID RENAUX, Orientadora desta dissertação pelo constante auxílio e incentivo no decorrer do trabalho.

A todos que contribuíram para a realização deste estudo.

## S U M Á R I O

### RESUMO

|   |     |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO .....                                      | 01  |
| 1 - A LITERATURA NAS ÍNDIAS OCIDENTAIS .....          | 06  |
| 1.1 - Abordagem sobre o colonialismo .....            | 13  |
| 1.2 - As Antilhas Britânicas: Trinidad e Tobago ..    | 19  |
| 1.3 - V.S. Naipaul e seu mundo .....                  | 24  |
| 1.4 - A criação literária de V.S. Naipaul .....       | 33  |
| 1.5 - <u>The Mimic Men e a crítica</u> .....          | 50  |
| 2 - ESPAÇOS CONFRONTADOS DA ORDEM E DA DESORDEM ..... | 57  |
| 2.1 - O Mundo Ideal .....                             | 62  |
| 2.2 - Isabella .....                                  | 66  |
| 2.3 - Londres .....                                   | 97  |
| 3 - A PERSONAGEM E A BUSCA DA ORDEM .....             | 124 |
| 3.1 - "Student" .....                                 | 130 |
| 3.2 - "Householder" .....                             | 138 |
| 3.3 - "Man of Affairs" .....                          | 142 |
| 3.4 - "Exile" .....                                   | 151 |
| 4 - CONCLUSÃO .....                                   | 156 |
| 5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                  | 160 |

## R E S U M O

Este trabalho pretende examinar o tema da busca da ordem na obra de The Mimic Men de V.S. Naipaul.

Através de uma abordagem textual examinamos os ambientes percorridos pela personagem Singh, tentando evidenciar os contrastes existentes entre os mundos de Isabella , Londres e o Ideal. Outro aspecto desta busca é destacar através do elemento temporal as quatro fases do ciclo vivido pela personagem.

Na INTRODUÇÃO delimitamos o que entendemos por busca da ordem e estabelecemos o nosso objetivo dentro da obra.

No primeiro capítulo apresentamos a LITERATURA NAS ÍNDIAS OCIDENTAIS juntamente com outros dados geográficos, biográficos e crítica.

No segundo capítulo, ESPAÇOS CONFRONTADOS DA ORDEM E DA DESORDEM, verificamos o deslocamento da personagem entre os Mundos Ideal, Isabella e Londres.

No terceiro capítulo, A PERSONAGEM E A BUSCA DA ORDEM , apresentamos cronologicamente as fases vividas pelo protagonista. O tempo dentro da narrativa é apresentado por meio das quatro fases, que o próprio Singh divide em: "Student", "Householder", "Man of Affairs", e, "Exile", sendo os espaços de ação do protagonista conhecidos através do desenvolvimento de cada uma destas fases.

Finalmente, a CONCLUSÃO nos leva a uma apreciação sobre a obra e a busca da ordem dentro do enfoque a que nos propomos.

## ABSTRACT

The main purpose of this dissertation is to examine the theme of the search for order in Naipaul's novel The Mimic Men.

Through a textual approach we examine the settings in which the main character, Singh, has been during his life, trying to point out the contrasts which exist between his ideal world, Isabella and London. Another aspect of this approach is to make evident, through the temporal element, the fourfold division that composes his life cycle.

The INTRODUCTION delimits the objective of this thesis and what we mean by the search for order.

In the first chapter, we present WEST INDIAN LITERATURE as well as other geographical, biographical and critical data.

In the second chapter, THE CONFRONTATION OF SETTINGS, we examine the dislocation of the main character from his Ideal World, Isabella and London.

In the third chapter, THE CHARACTER AND HIS SEARCH FOR ORDER, we present chronologically the phases lived by the protagonist. Time in the narrative is presented by means of several phases, which Singh himself divides into "Student", "Householder", "Man of Affairs" and "Exile". The locals where the protagonist's actions take place are known through the development of each of these phases.

Finally in the CONCLUSION we give an evaluation of the work and of the search for order according to approach we have chosen.

## INTRODUÇÃO

The Mimic Men<sup>1</sup> é uma das obras literárias que escapa dos limites do puramente individual para ganhar uma dimensão de universalidade. O próprio título da obra revela a intenção do autor: tornar universal o processo de busca que no livro está condensado na personagem em particular.

O crítico William Walsh<sup>2</sup> afirma que do ponto de vista temático, a obra de V.S. Naipaul reflete a busca da ordem. Para isto, o autor recorre ao método habilidoso de imagens, que revelam a personalidade de Singh, a personagem, e imprime à ação um ritmo oscilante - para frente e para trás - à medida que esta se torna memória e as imagens se deslocam do plano ideal para o real e material.

Quanto a este estudo, ele não se restringe apenas à busca da ordem. Vai mais longe, pois procura evidenciar como Naipaul nos apresenta este anseio e suas implicações, estabelecendo um paralelo entre a vida da personagem e a vida do mundo colonial, ambas marcadas pela indefinição, inautenticidade e contradições.

Na verdade, é próprio do ser humano dispendir os mais incessantes esforços à procura da ordem, nos fatos que constituem "seu mundo" e o mundo em que vive. Naipaul não foge à regra e se deixa levar neste livro, pela paixão de buscar um sentido e uma ordem em sua vida, projetada na per

sonagem e no âmago das sociedades que visitou e viveu. Voltou-se, em especial, para o chamado mundo em desenvolvimento, sempre procurando respostas para as indagações que se possam formular neste sentido. Assim, o escritor em The Mimic Men convida-nos a viajar com ele pelos mundos de sua personagem-titular, Singh. Faz-nos sentir a inquietação daqueles que se refugiam em mundos ideais, por não terem onde fincar suas raízes, ávidas por um solo onde a tradição, a segurança econômica, a integração social, a liberdade de ser livre, sejam os alimentos. Singh e Isabella; uma vida, um espaço; duas faces de uma mesma moeda: o mundo colonial com seus anseios, pretensões, limitações e contradições.

Sem esgotar o assunto, propomo-nos a focalizar o livro sob um novo prisma, destacando a distância existente entre o mundo ideal perfeitamente ordenado e a realidade sempre tocada pelo caos, numa incansável luta contra a desordem - elemento constante no mundo interior de cada um e, por extensão, nos mundos que buscam também a autonomia e afirmação. No decorrer desta dissertação daremos ênfase ao deslocamento da personagem tanto no tempo como no espaço, num processo de busca de suas raízes, que se realiza em quarenta anos, nos espaços do Velho e Novo Mundo.

Tentaremos evidenciar que, onde quer que seja que Naipaul coloque sua personagem, em Londres ou Isabella, em hotéis ou pensões, bares ou casas, o ambiente reflete um



constante jogo ordem/desordem, fazendo-nos sentir a condição do ser estranho num determinado local, independentemente da condição de estar situado neste ou naquele tempo ou lugar.

Se a narrativa original se apresenta centrada no tempo psicológico, nesta dissertação o tempo é alterado, porque nos propusemos a estabelecer uma cronologia à qual se prendem as fases vividas pela personagem dentro de um ciclo cujo fim dá início a outra busca; agora, dentro de novas perspectivas onde a ordem interior se projeta no mundo exterior através do processo criativo de Singh.

O que vem a ser o processo de busca em torno do qual gira a ação da personagem de The Mimic Men? Ela nasce do inconformismo de Singh diante de sua realidade, e, ao mesmo tempo da consciência que ele tem da sua impossibilidade de transpor os abismos que a solidão, o tédio, a desorientação, abrem dentro e fora de si. Resulta da crise que dele se apossa à medida que vai constatando sua condição de "outsider", um ser sem raízes, sem objetivos definidos; vivendo em toda sua intensidade o conflito entre o ideal e o real.

Vivendo a crise, ele se lança a buscar uma ordem para sua vida. Ordem, no caso, sinônimo de afirmação pessoal, "status", aceitação e segurança. Procura um espaço onde esta ordem verdadeiramente reine, transformando em con-

creto o existente em seu Mundo Ideal. Tenta assim preencher o vazio que o devora na incessante mudança de todas as coisas que o atraem, cercam e impulsionam sua vida.

Toda crise pede uma opção, uma decisão, pois no seu cerne está a ação que realiza o ato de escolha. E paradoxalmente as escolhas de Singh na sua busca da ordem, fazem-no desempenhar diversos papéis que o afastam gradativamente das coisas às quais aspira e impedem-no de assumir de liberadamente uma determinada posição no tabuleiro da realidade. Geram a desordem, porque Singh inverte a escala de valores e acaba por se degradar, abrindo caminho para o fracasso e à conclusão que a ordem absoluta não existe efetivamente no mundo real.

Em suma, como demonstraremos, a personagem de Naipaul ao tentar vencer o abismo aberto em sua existência pela falta de tradição e por não encontrar um espaço onde possa se integrar e se realizar como pessoa, vai escrevendo sua história, que também é a das sociedades do mundo colonial.

Ressaltamos que para dar ao nosso estudo maior em basamento recorreremos, a citações tiradas da obra The Mimic Men e também a diversos críticos de V.S. Naipaul e teóricos de literatura, sem entretanto nos prendermos a uma determinada corrente crítica, pois o nosso objetivo precípuo se revela na intenção de buscar maiores subsídios para o nosso trabalho e assim o enriquecer. E, sendo nosso propósito divulgar no Brasil o autor V.S. Naipaul, assim como as idéias contidas em sua obra, apresentamos este estudo em Língua Portuguesa.

NOTAS

<sup>1</sup>NAIPAUL, V.S. The Mimic Men. Harmondsworth, Penguin, 1973. 251p. Todas as citações presentes neste trabalho serão retiradas desta obra. Os grifos são de minha autoria.

<sup>2</sup>WALSH, expressa sua opinião sobre a obra de V.S. Naipaul e neste trecho ele nos apresenta o tema da ordem presente em The Mimic Men: "The action swrils back and forward in a rhythm that follows the starts and turns of memory. But there is one insistent theme, the pursuit of order, and one recurrent image, the image of landscape, both real and ideal, which informs the waried material of Ralph Singh's life with an inward and poetic unit." (WALSH, W. V.S. Naipaul. Edinburgh, Oliver & Boyd, 1973. p.54).

## 1 - A LITERATURA NAS ÍNDIAS OCIDENTAIS

No final do século XV (1492) Cristovão Colombo descobriu as Índias Ocidentais. Na sua terceira viagem pelo Atlântico encontra Trinidad, que passa a pertencer à Espanha até ser invadida pelos holandeses (1640), pelos franceses (1677) e, finalmente, pelos ingleses, até sua independência (1962). Além dos dominadores, a ilha recebe outros contingentes: indianos, chineses, negros, o que veio a causar conflitos raciais e culturais na sociedade que então se formou.

Como toda colônia, Trinidad não foge à regra: foi mais explorada do que colonizada, dentro de padrões próprios que possibilitassem uma verdadeira emancipação social, política e cultural, refletindo aquela sociedade em toda autenticidade. No século XVII a exploração da ilha pautada na produção açucareira, exigiu a importação de mão-de-obra africana e mais tarde, com a abolição da escravatura, em 1834, vieram para Trinidad chineses, indianos orientais, causando naquela sociedade, agora ainda mais heterogênea, uma profunda transformação nas relações humanas e levantando uma série de problemas sociais. O informativo do Conselho Britânico assim comenta a vinda dos chineses e indianos orientais:

Between 1845 and 1912, 145.000 indentured labourers from India were recruited, saving the

Sugar Industry from collapse. From 1853 to 1866, about 25.000 immigrants from China were brought into the country. They did not adapt so well to the climate and were not as submissive to authority as the East Indians. They quickly left the estates to purchase their own land or open small businesses.<sup>1</sup>

Por sua vez, William Walsh utiliza-se das palavras de G.R. Coulthard para evidenciar o "background" histórico do Caribe, onde a necessidade e o desespero são características comuns a todas as ilhas e tão bem captadas pelos escritores da região:

The historical background in all the island has followed the same pattern: discovery and conquest by the Spaniards; extermination of the native Indian population and their replacement by slave-labour from Africa; the introduction of Sugar and the world of the Sugar Estate, both during and after slavery; (...) All the islands have known the common experience of colonialism, exploration, poverty and economic frustration. In all the island racial discrimination has been a problem, and racial resentments and complexes continue to be an important factor. The last twenty-five years have seen the growth of the middle class in all the islands, living largely on borrowed values (either American British or French), and an intelligentsia seeking urgently a spiritual and cultural orientation of its own.<sup>2</sup>

Como não podia deixar de ser, estes acontecimentos históricos iriam se refletir implícita ou explicitamente na literatura das Índias Ocidentais, ainda em formação, porém já tendo assegurado seu lugar dentro da Literatura Inglesa. Pode-se dizer que esta literatura floresceu após a Segunda Guerra Mundial e uma das principais razões para que isto acontecesse foram as mudanças políticas e sociais que assinau

laram o final do Império Britânico. Com a aproximação do fim da dominação estrangeira, o passado foi se tornando um mito e nas colônias começou a surgir um cenário local, camponeses assumiram feições de heróis e a comunidade, nação e raça passaram a ganhar expressão e projeção, através de ritmos e formas de discursos locais.

A formação histórica das Índias Ocidentais e a influência da união multi-racial na produção de uma literatura de características próprias, são muito bem ressaltadas por William Walsh :

The West Indies Literature is the product of a society descended from European land-lords, functionaries and traders, African slaves and indentured Indians. The scope of whose origins and indeed sufferings, matches the virtuosity of the language which is its voice.<sup>3</sup>

Convém lembrar que nas Índias Ocidentais a literatura, apesar de relativamente nova e com um número de publicações abalisadas ainda insuficiente, revela um conteúdo de grande interesse social, político e humano. Nesta literatura George Lamming em The Pleasures of Exile aponta três eventos importantes na história do Caribe Britânico: o primeiro foi a descoberta; o outro a abolição da escravatura e conseqüente chegada dos indianos orientais e chineses e o terceiro evento foi a descoberta do romance pelos indianos ocidentais, como forma de investigar e projetar a experiência interior da Comunidade Indiana Ocidental. Ele acrescenta: "The West Indian reality is hardly twenty years old".<sup>4</sup>

Outrossim, foi no século XX, na década de 50 que a Literatura Indiana Ocidental obteve seu reconhecimento, deixando de ser uma tentativa de imitação da Literatura Inglesa, como aconteceu com a maior parte do que já foi escrito antes, quando ela se resumia nos relatos de "forasteiros" ,... tais como Aphra Behn e Monk Lewis e outros, de cujos escritos Kenneth Ramchand inclui trechos em sua antologia: West Indian Narrative (1966).<sup>5</sup> Todos estes escritores emitem observações a respeito da vida e dos costumes das Índias Ocidentais, numa época em que este povo não tinha oportunidade de escrever sobre si mesmo. Embora, estes relatos não possam ser considerados como Literatura Indiana Ocidental, é inegável que um conhecimento maior sobre eles é fundamental para a compreensão desta literatura que surgiu mais recentemente, porque a consciência indiana ocidental desenvolveu-se não apenas através do que foi escrito pelos indianos ocidentais, mas também pelo que liam sobre eles mesmos.

Há inúmeras outras descrições da vida local em livros tanto de ficção quanto de viagens de ingleses nos séculos XVIII e XIX. Destes, os mais famosos são provavelmente Tom Cringle's Log (1836) de Michael Scott; The West Indians and the Spanish Main (1859) de Anthony Trollope; The West Indies (1888) de James Anthony Froude. O próprio Naipaul, na busca de uma história verdadeira de seu país, voltou-se para a interpretação desses antigos trabalhos, aceitando ou rejei

tando os pontos de vista desses autores como, por exemplo, em The Middle Passage onde se baseia nas opiniões de Trollope e de Froude, enfocadas numa ótica pessimista:

They were valued only for the wealth which they yielded, and society there has never assumed any particularly noble aspect: There has been splendour and luxurious living, and there have been crimes and horrors, and revolts and massacres. There has been romance, but it has been the romance of pirates and outlaws. The natural graces of life do not show themselves under such conditions. There has been no saint in West Indies since Las Casas, no hero unless philonegro enthusiasm can make one of Toussaint. There are no people there in the true sense of the word, with a character and purpose of their own.<sup>6</sup>

A esta altura convém caracterizar o ambiente social de Trinidad (terra de origem de Naipaul), a fim de tornar mais clara e compreensível a origem e desenvolvimento do caráter crítico-social que o escritor imprime às suas obras:

...there was no community. We were of various races, religions, sets and cliques; and we had somehow found ourselves on the same small island. Nothing bound us together except this common residence. There was no nationalist feeling; there could be none. There was no profound anti-imperialist feeling; indeed, it was only our Britishness, our belonging to the British Empire which gave us any identity.

Como é possível se constatar no trecho acima não há em Trinidad o que se poderia chamar de consciência nacional, sendo uma das principais causas a heterogeneidade da sociedade que abriga diversas raças e religiões. O único ponto comum é o de serem membros da Comunidade Britânica. A falta de integração nacional reflete-se nos escritores das Índias Ocidentais que registram em suas obras o conflito social resultante desta heterogeneidade.



NOTAS

<sup>1</sup>COMMONWEALTH INSTITUTE. Trinidad. London, 1977.

<sup>2</sup>COULTHARD, G.R. Caribbean Literature: an anthology. London, 1966. p.10-11. Citado por WALSH, W. Commonwealth Literature. London, Oxford University Press, 1973.

<sup>3</sup>WALSH, W. Commonwealth Literature. London, Oxford, 1973. p.47.

<sup>4</sup>LAMMING, G. The pleasures of exile. London, 1960. p.36-7. Citado por WALSH, W. p.55. William Walsh apresenta a opinião de George Lamming sobre a história literária do Caribe: "The first event in the abolition of slavery and the arrival of East - India and China - in the Caribbean Sea... The third important event... is the discovery and projecting the inner experience of the West Indian community."

<sup>5</sup>BOXILL, A. The beginnings to 1929. In: KING, B. ed. West Indian Literature. London, Macmillan, 1979. p.30-44. Boxill apresenta um repecto da história da literatura nas Índias Ocidentais. Neste capítulo ele ressalta que: "West Indian consciousness developed not only in what was written by West Indians but also as a result of what they read, then it is necessary for a student of the region's literature to consider these early works very seriously. There are numerous others descriptions of local life in books both of fiction and of travel by Englishmen in the eighteenth and nineteenth centuries. More significant than these accounts of more visitors to the islands is the writing that was done by West Indians themselves and by others who had lived in the West Indies for substantial periods." (p.31) Boxill continua dizendo que: "At the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth a group of writers began to emerge who though not convinced that West Indian society was ready to stand on its own, recognised nevertheless that it was different and that this difference from English society was not necessarily contemptible. The development of West Indian consciousness was probably helped by the interest that folklorists were taking in the culture of the region." Na conclusão deste capítulo ele acrescenta: "All the things for which West Indian literature is known and admired today can be observed evolving over a period of time. West Indian writers gradually abandoned their English models, experimented more and more the language of the West Indian people, and concentrated more and more on trying to present to the people what was distinct and worthwhile in their lives."

<sup>6</sup>FROUDE, J.A. The English in the West Indies. 1978. Citado por NAIPAUL, V.S. The middle passage. Harmondsworth, Penguin, 1962. No prefácio de seu livro Naipaul utiliza-se das

palavras de Froude demonstrando como o povo do Caribe era visto pelos estrangeiros. Este é o ponto de partida para que Naipaul faça também sua própria análise sobre esta região.

<sup>7</sup> NAIPAUL, The middle passage, p.41.

### 1.1 UMA ABORDAGEM SOBRE O COLONIALISMO

Esta abordagem se faz necessária para uma melhor compreensão da situação das sociedades nascidas sob o domínio colonial, das suas características próprias, das suas questões conflitantes (desordem) e os anseios por uma vida melhor, mais justa, mais rica e ordenada. Estas sociedades são apresentadas por Naipaul através de suas obras, ao mesmo tempo em que ele nos dá também uma visão histórica do Novo Mundo e suas relações com o velho continente.

No século XX é considerada uma nova forma de colonialismo a de qualquer território que esteja debaixo de esmagadora influência política ou econômica de outro país. Segundo esta definição as Índias Ocidentais podem ser consideradas colônias.

Quanto ao período do colonialismo ocidental propriamente dito, este teve suas origens no renascimento europeu, época de grande desenvolvimento no terreno das ciências experimentais e das grandes viagens de navegação. Tal período começou aproximadamente em 1450 e alcançou seu clímax por volta de 1900. Porém, com o término da Primeira Guerra Mundial surgiu um surto de nacionalismo e com ele cresceu mais ainda o anseio pela independência no âmago das sociedades coloniais. O resultado não poderia ser outro:

a decadência dos impérios coloniais. Contudo, as antigas metrópoles continuaram a dominar por meio de métodos mais sutis de dominação: a exportação de capitais e os investimentos nos postos-chaves da economia, porque os territórios coloniais que se iniciam na vida política e econômica quando independentes, não possuem técnica e capitais, e só as antigas potências dominantes podem fornecê-los. A ajuda é compensada através de acordos que permitem certo controle sobre a vida do país, que assim não detém total soberania.

Esta nova forma de colonialismo conhecida pela denominação de neocolonialismo também tem seus dias contados, pois a conscientização dos povos colonizados e semi-colonizados é um dos acontecimentos que marcam indelévelmente a atual história da nossa civilização. Tornou-se um fenômeno universal e se pode dizer que resulta da perda de hegemonia. É o refluxo da raça branca, cujo fluxo teve início na época dos descobrimentos marítimos, quando se espalhou pelo mundo e, em especial, pelas Américas, então conhecidas pela denominação de Índias Ocidentais. Tal refluxo - no dizer de Maurice Crouzet - determina igualmente o recuo das influências culturais do Ocidente Europeu.<sup>1</sup> Embora fracas no terreno político, militar e econômico, as novas nações independentes caracterizam-se pela busca de uma verdadeira consciência nacional, firmada nas bases da cultura até hoje con

siderada marginal pelo elemento dominador e pela classe dominante nativa. Indo ao encontro de suas autênticas raízes, essas nações escreverão sua verdadeira história que será a história da realização de um anseio de séculos: viver autenticamente a liberdade de ser e de agir.

Consciente deste fato histórico, Naipaul, excelente observador, passou a adotar uma posição crítico-reflexiva sobre sua época. Nenhum escritor das Índias Ocidentais consegue captar tão bem o espírito de luta pela busca de autenticidade e o anseio de libertação que marcam estes povos, divididos entre a realidade vivida e o sonho acalentado. Libertação e autenticidade que somente se tornarão realidade quando o sonho acabar, dando lugar ao grande despertar.

Robert Schnerb no capítulo: A Índia e a Ásia Oriental diante da Expansão Ocidental, que consta da obra História Geral das Civilizações, analisa muito bem o efeito do colonialismo na Índia, que pode por extensão ser comparado ao das Índias Ocidentais.<sup>2</sup> Segundo ele, assim como as Ilhas do Caribe, também o continente asiático sofreu o estigma da dominação estrangeira e os efeitos negativos da perda de autenticidade, da hegemonia, à medida que se deixava tomar pelos sentimentos de inferioridade e impotência diante da força do poder europeu. Ao contrário do Japão, que revela uma ordem excepcional mesmo nos momentos mais adversos da sua história, um desses países, a Índia, deixou-

se levar pelos agentes da desordem e hoje desperta no viajante que contempla sua antiga magnificência, "o sentimento de inexorável decadência".

Se o exotismo ainda encontra com o que se satisfazer nos jardins de Srinagar, na cidade de Jeipore, o drama se esconde na deteriorização dos costumes, no ataque à cultura original. A concorrência européia vai sufocando as fontes criadoras, levando à decadência a maioria dos artigos que faziam a reputação do trabalho indiano, como os bordados em ouro e prata, as gazes de Bengala, a desmaquinagem. Se há alguma renovação, esta não se realiza como forma de inovação, mas sim como imperativo da necessidade de satisfazer o gosto estrangeiro, mesmo que resulte na morte da autenticidade, na depreciação do produto nativo.

Se outrora a Índia vendia mais do que comprava, arrecadando notável fração do estoque mundial de dinheiro, a dominação estrangeira a tornou devedora. Forçou-a a em prestar para pagar os custos da presença britânica, enquanto a sociedade inglesa elevava os seus padrões de vida.

A dominação alcançou também a mentalidade indiana, perverteu o espírito nacional. Príncipes indus chegaram a colocar à disposição do Vice-rei, sob as ordens de oficiais britânicos, milhares de indianos para cooperarem na defesa da ordem imposta pelo dominador. Segundo Lord Curzon "... a dominação da justiça, levando a paz e a ordem e o

bom governo a quase um quinto da totalidade da raça humana" se fez "... mediante uma coerção tão suave que os governantes são apenas um grupinho no meio dos governados..."<sup>3</sup>

Pouco numerosos e discretos, os ingleses evitavam as populações nativas. "O inglês habita uma cidade própria onde dispõe de condições de existência comparáveis às da Metrôpole". Em Calcutá, a "cidade de lama" onde os nativos se amontoam em condições subhumanas contrasta com a "cidade dos palácios" adornada por belos parques. A "cidade negra" de Bombaim se opõe a Malabar Hill, reduto de elegância e riqueza.

O contraste entre o luxo e a miséria, o confronto entre o desperdício e a carência, são as notas da ordem e da desordem sucedendo-se no campo da dominação. Schnerb as destaca em sua análise sobre a situação da Índia colonial.<sup>4</sup> Ele nos aponta como principais causas de submissão absoluta ao domínio estrangeiro, as divisões de classe ocasionadas pela diversidade de raças, religiões e língua. Diversidades que impedem a manifestação da unidade nacional, sufocada pela rivalidade e pelas culturas que se entrechocam. Nas Índias Ocidentais os efeitos da dominação se fazem sentir de forma idêntica, como nos revela Naipaul, em suas obras inspiradas nas sociedades saídas do ventre do colonialismo: as "half made societies".

**NOTAS**

<sup>1</sup>CROUZET, M., dir. História geral das civilizações.  
São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961. t.6.

<sup>2</sup>SCHNERB, R. A Índia e a Ásia Ocidental diante da  
expansão ocidental. In: CROUZET, t.6, cap.6, p.115-64.

<sup>3</sup>COURZON citado por SCHNERB, p.121.

<sup>4</sup>SCHNERB, p.115-64.



## 1.2 AS ANTILHAS BRITÂNICAS — TRINIDAD E TOBAGO

No contexto das nações marcadas pelo colonialismo Trinidad e Tobago têm um lugar especial. Trinidad, por ser a terra natal de Naipaul, merece que façamos algumas considerações sobre a sua sociedade e história.

Com a invasão da ilha de Barbados em 1627, a Grã - Bretanha estendeu sua influência e domínio sobre o Caribe durante séculos; porém, depois da Primeira Guerra Mundial, sua hegemonia passou a sofrer um abalo, em consequência do sentimento nacionalista que ali surgiu, cresceu e enfraqueceu sua supremacia. Tentando conservar seus territórios nas Antilhas, em 1958, a Grã-Bretanha criou a Federação das Índias Ocidentais, constituída por Barbados, ilhas do Sotavento e Barlavento, Jamaica, Tobago e Trinidad, que foi escolhida para capital. Problemas de ordem étnica, cultural e geográfica, contudo, fizeram que a Federação fracassasse e Trinidad, unida a Tobago, tornou-se um Estado independente em 1962, sem deixar de todo seus laços com a Grã-Bretanha, pois se tornou membro da Comunidade Britânica<sup>1</sup>.

Trinidad e Tobago são um país tropical no Caribe e podem ser vistos como um prolongamento do continente sul americano, porque ficam bastante próximos da Venezuela. No

entanto, todo seu sistema de vida é pautado nos padrões ingleses. Sua população é composta na sua maioria por descendentes de africanos e indianos. Chineses, europeus e outras etnias completam o quadro racial, que por sua heterogeneidade é causa de conflitos, rivalidades e preconceitos, que muito perturbam a interação dos diversos grupos num só corpo social. O próprio Naipaul em The Middle Passage assim se expressa: "When people speak of the race problem in Trinidad they do not mean the Negro-white problem. They mean the Negro-Indian rivalry"<sup>2</sup>. Também não há unidade lingüística (além do Inglês, do Hindu, e do dialeto Francês, fala-se o Espanhol) nem religiosa, o que nos mostra Trinidad e Tobago como uma sociedade multifacetada e dividida.

Com toda nação em busca de desenvolvimento, Trinidad e Tobago se vêem envolvidas por muitos problemas, tanto no terreno social, onde a tradição, os preconceitos, as dificuldades de ajustamento social travam as mudanças necessárias ao progresso, como no econômico, cuja emancipação ainda não se completou inteiramente, possibilitando amplo aproveitamento das suas riquezas. Sua base econômica repousa na exploração do asfalto natural, além das plantações de cana-de-açúcar, cacau, frutas cítricas e café. A pesca e a extração de madeiras também acrescentam dividendos à sua balança comercial.

Também julgamos interessante acrescentar ao que já foi exposto sobre Trinidad e Tobago, informações sobre o seu espaço, do ponto de vista geográfico, pois Naipaul utiliza de alguns dos seus elementos para configurar o cenário ficcional de Isabella, em *The Mimic Men*.

Trinidad is separated from the Venezuelan coast by the shallow Gulf of Paria and the narrow channel of the Dragons Mouth (Bocas del Dragón). It is roughly rectangular in shape, about 100 mi long, 40 mi, broad and 1,864 sq. mi in area. It is mostly flat or undulating and swampy in parts, except for two narrow belts of highland traversing the island (...) The area between these highlands is drained by the Caroni river, which enters the Gulf of Paria after passing through the saline mangrove channels of the Caroni swamp. (...)

Geologically, Trinidad is a continuation of the Venezuelan mainland. The northern range is composed mainly of phyllites, marbles, limestones, (...) The remainder of the island is composed of (...) mudstones, marls and clays, a highly detrital succession of sediments in shallow seas (...)

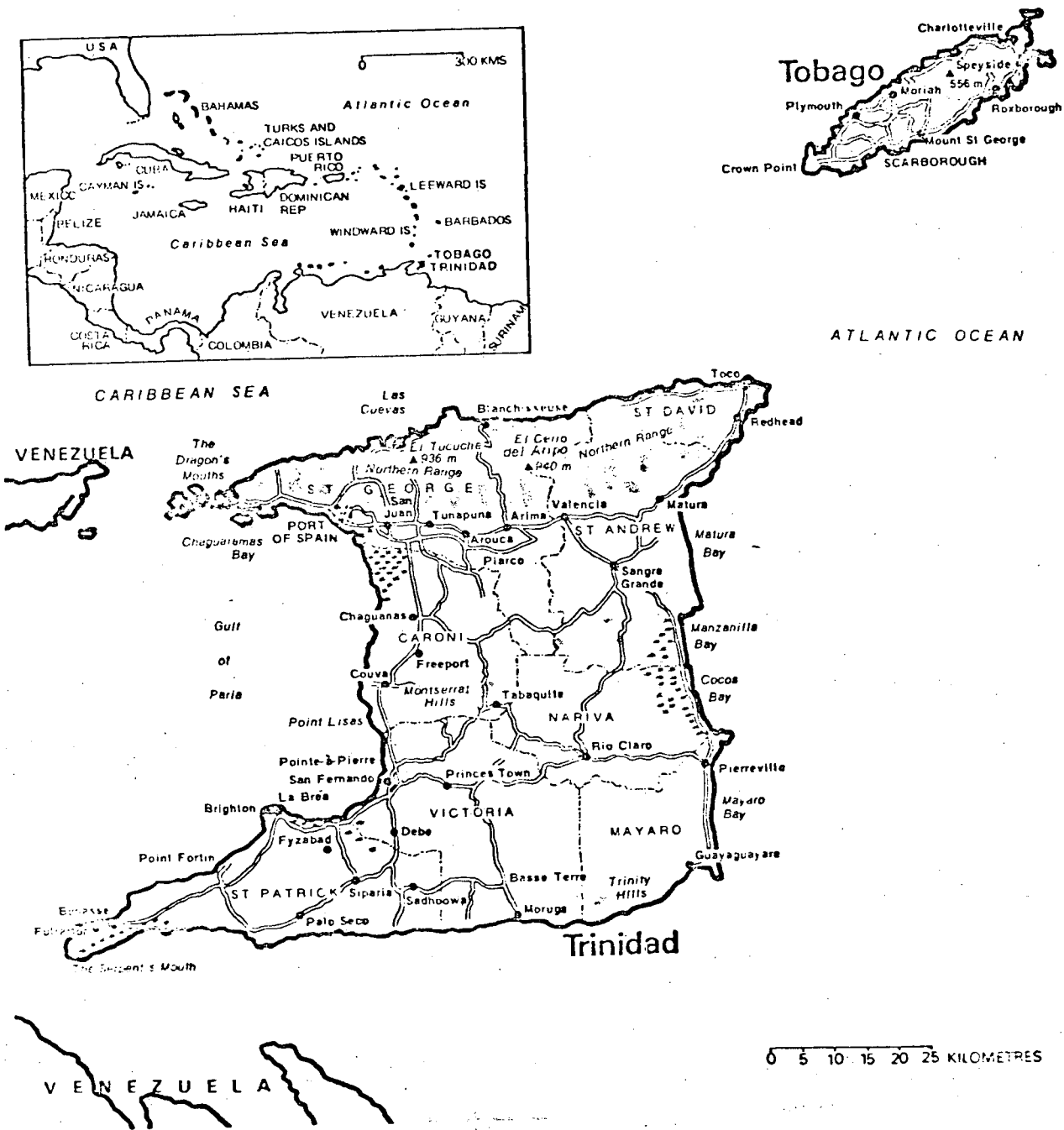
The stress set up by these movements have resulted in a number of small but active mud volcanoes (salses) and mudflows.

The climate is tropical (...) hot by day but cooling rapidly at night.

The soils of Trinidad are mainly derived from sedimentary rocks, often re-sorted as alluvium, with considerable development of tropical clays, while in the south they become sandy, unstable and much less fertile. (...) The coastlands are mostly clothed with a littoral woodland, adapted to sea spray, while the swamplands comprise a variety of mangrove forests and reeds.

Assim é Trinidad Tobago, país de contrastes que busca uma afirmação no quadro das nações que pertencem à família das Índias Ocidentais e sobre o qual deste modo se refere Naipaul em *The Middle Passage*: "I knew Trinidad to be unimportant, uncreative, cynical". "... a society which produced nothing, never had to prove its worth, and never called upon to be efficient".<sup>3</sup>

O mapa abaixo nos apresenta a localização de  
Trinidad e Tobago no Caribe:



**NOTAS**

<sup>1</sup>GEOGRAFIA ilustrada. São Paulo, Abril Cultural, 1971:3, p.910.

<sup>2</sup>NAIPAUL, V.S. The middle passage. Harmondsworth Penguin, 1962. p.83-4.

<sup>3</sup>NAIPAUL, p. 43.

<sup>4</sup>ENCYCLOPAEDIA Britannica, Chicago, 1968. V. 22, p.238. (Não há grifos no original).

### 1.3 V.S. NAIPAUL E SEU MUNDO

V.S. Naipaul nasceu em Trinidad em 1932. Pertence a uma família de terceira geração de imigrantes indianos orientais, da qual não conserva a tradição religiosa, lingüística e cultural. Seu distanciamento familiar talvez seja a gênese da fragmentação que nele se percebe, pois Naipaul é um homem dividido entre o mundo de seus avós, o de seu pai e o seu próprio. Não conseguindo situar-se em nenhum deles, refugia-se em um mundo ideal — o mundo da literatura, cujo centro é Londres.

Depois de ter feito parte de seus estudos em Trinidad, consegue uma bolsa de estudos para a University College em Oxford. Ao se formar, radica-se em Londres, por considerar a cidade uma espécie de território neutro e ali inicia sua vida literária. Isto faz William Walsh dizer que Naipaul é "a free untethered soul, an expatriate in his birthplace, an alien in his ancestral land, a disengaged observer of Britain and other countries"<sup>1</sup>. Walsh baseia-se no fato de Naipaul viajar por vários países do mundo, inclusive uma dúzia de vezes pelas Índias Ocidentais, ali ficando cada vez menos tempo e sentindo-se cada vez mais deslocado. Desde que deixou Trinidad por Londres, este tem sido o lugar onde o autor é melhor recebido, seja do ponto de vis-

ta dos editores, seja por parte dos críticos e jornalistas.

Tendo vivido em sociedades diferentes, podemos chamar Naipaul de um escritor sem "sociedade". Tanto como criança indiana em Trinidad, como estudante indiano ocidental em Oxford ou, ainda, romancista britânico visitando a Índia, o autor tem sempre sido um "outsider" — condição que ele explora assumindo uma posição de neutralidade diante das coisas e lugares, tornando assim sua análise do comportamento humano mais precisa e aguçada. Sua sutileza e clareza não só transformaram suas primeiras comédias sociais em obras-primas como também deram uma autoridade espantosa à sua visão "without regret or hope"<sup>2</sup>, que se faz notar em seus trabalhos mais recentes, como In a Free State, A Bend in the River, The return of Eva Peron...

Vencedor de vários prêmios literários importantes e dono de uma reputação que se afirma cada vez mais fora das Índias Ocidentais ele é bastante visado pela crítica. William Walsh assim se refere ao escritor:

Naipaul is the finest living novelist writing in English,... His consummate technical mastery of narrative, dialogue and characterisation... enables him to pinpoint an elusive complexity of meaning through a prose style of lucid purity.<sup>3</sup>

O crítico inglês V.S. Pritchett o considera, também "the greatest living writer in the English language".<sup>4</sup>E

o autor americano Irving Howe diz que "whatever we may want in a novelist is to be found in his book... he is a novelist who is unafraid of using his brains".<sup>5</sup>

Os críticos também o comparam com O. Runyon, R. Firbank, C. Dickens, J. Conrad e outros escritores categorizados. Tais cumprimentos são merecidos, porém são comparações impróprias, porque Naipaul é atualmente um dos escritores dos quais não se pode dar um parecer a respeito de onde vêm suas influências. Sendo das Índias Ocidentais, ele tem uma visão própria da sua sociedade, visão esta que está refletida em sua produção literária: "Living in a borrowed culture, the West Indian, more than most, needs writers to tell him who he is and where he stands".<sup>6</sup> Defendendo este ponto de vista seu enfoque será mostrar uma sociedade "continually growing and changing, never settling into any pattern" onde "there were no local standards (...) In the immigrant society, memories growing dim, there was no guiding taste (...)".<sup>7</sup> Não havia um padrão porque não havia os elementos essenciais que o pudessem compor.

Quanto às influências ainda temos a dizer que a única que se pode considerar e é admitida pelo próprio autor é a de seu pai, autor de "Gurudeva and Other Indian Tales".<sup>8</sup> Naipaul inspira-se no tema desta obra, de cunho social, aprofundando-o e estendendo-o através de sua produção literária e, em especial, nos seus três primeiros li-



vros.

Quanto à sua visão social, conhecida nas primeiras obras, ela sofre restrições por parte da crítica, que o aponta como um excêntrico, um escritor impiedoso, um satírico castrador. George Lamming assim se refere a esta fase inicial do autor:

His books can't move beyond a castrated satire; and although satire may be a useful element in fiction, no important work, comparable to Selvon's can rest safely on satire alone. When such a writer is a colonial, ashamed of his cultural background and striving like mad to prove himself through promotion to the peaks of a "superior" culture whose values are gravely in doubt, then satire, like the charge of philistinism, is for me nothing more than a refuge. And it is too small a refuge for a writer who wishes to be taken seriously.<sup>9</sup>

O crítico Bruce King<sup>10</sup> nos diz que Naipaul reconhece que seu interesse principal foi o de criar um mundo fictício o mais próximo possível do real, e densamente tecido, onde ele pudesse confrontar as sociedades caóticas e mutantes, não só das Índias Ocidentais como de outros países ocidentais ou não. O escritor alia à arte de um repórter, a de um analista. Nada lhe escapa, as habitações, os detalhes dos vestuários, as maneiras e falas, tudo está cuidadosamente registrado em sua obra, onde, usando a paródia, a ironia, as justaposições e contraposições, traça um retrato

fiel das sociedades nas quais os valores não são estáveis , pois estão sempre sofrendo a ação do colonialismo.

Naipaul, contudo, não se prende apenas aos aspectos sociais das sociedades, ele busca também as suas origens históricas, procurando no passado a explicação para o presente e as possibilidades para o futuro, propósito que se concretiza não só em seus livros de viagem como ao longo de toda sua obra e, principalmente, nos livros de abordagem histórica propriamente dita. Por esta razão Naipaul considera sua obra como um todo, em que a parte de não-ficção e a de ficção se harmonizam perfeitamente.

Outro aspecto que podemos ressaltar é o que se traduz pelo constante processo da busca da ordem e pelo anseio por um mundo ideal. Esta busca se estende pelos diversos continentes (África, Ásia, Europa, Américas) e sociedades por ele percorridas, cenários em que a ordem e a desordem se contrapõem. Paradoxalmente, as respostas dadas ao anseio da ordem pelas religiões, sistemas filosóficos e políticos, geram conflitos, rejeições, humilhações, divisões, atributos da desordem tão bem evidenciados na obra do escritor, que não deixa de ser um reflexo da própria ânsia de Naipaul.

Vivendo em Londres, depois de dez anos, retorna a Trinidad e às Índias Ocidentais. No seu relato de viagem , The Middle Passage, constatamos as impressões desfavoráveis

acerca daquele mundo onde nasceu e a impossibilidade de ali permanecer, porque percebeu que Trinidad não possui os critérios que se dá à uma nação civilizada e em evolução. Era um país de camponeses e de cidades de cabanas; sem líderes, sem ordem nem autenticidade, nem princípios essenciais:

... a peasant-minded, money-minded community, spiritually static because cut off from its religion reduced to rites without philosophy, set in a materialistic colonial society...<sup>11</sup>

Outrossim, Trinidad se lhe apresentava como um ambiente desencorajador, sem possibilidades:

(...) we knew that something was wrong with our society, we made no attempt to assess it. Trinidad was too unimportant... a place which was, as everyone said, only a dot on the map of world. Our interest was all in the world outside, the remoter the better...<sup>12</sup>

Ainda buscando reencontrar suas raízes Naipaul vai à Índia, terra idealizada por seus ancestrais em Trinidad. O resultado é decepcionante como podemos verificar em An Area of Darkness, pois constata ser por demais ocidentalizado para aceitar a maneira indiana de viver. Continua viajando, porém a busca da ordem não mais se centraliza nos trópicos: agora se dirige ao continente europeu. A ilha é a Inglaterra e a cidade é Londres, tida pelo autor como o centro do seu mundo ideal, porém agora vista sob outro ângulo. É com desapontamento que Naipaul percebe não mais ter um lugar na grande cidade, pois seu mundo acabou por se restringir

gir a um pequeno espaço. O mito desvaneceu-se:

I came to London. It had become the centre of my world and I had worked hard to come to it. And I was lost. London was not the centre of my world. I had been misled; but there was nowhere else to go. It was a good place for getting lost in a city no one ever knew (...). Here I became no more than an inhabitant of a big city, robbed of loyalties, time passing, taking me away from what I was, thrown more and more into myself, fighting to keep my balance and to keep alive the thought of the clear world beyond the brick and asphalt and the chaos of railway lines. All mythical lands faded, and in the big city I was confined to a smaller world than I had ever known. I became my flat, my desk, my name.<sup>13</sup>

O anseio de Naipaul por um "clear world" não morre e suas viagens continuam. Viajar para Naipaul é fundamental, faz parte do seu processo de busca, que caracteriza de forma significativa sua maneira de ser como autor.

**NOTAS**

<sup>1</sup>WALSH, W. V.S. Naipaul. Edinburgh, Oliver & Boyd, 1973. p.25.

<sup>2</sup>NAIPAUL, V.S. Without regret or hope: the return of Eva Peron with the killings in Trinidad. New York Review of Books. New York, 27:20-1, 12 June, 1980. "He renders societies in which the dynamic of change opens new frontiers only for opportunists, "half-made societies... doomed to remain half-made". He insists that "the corruption of causes" is intrinsic, built in, the logical extension of the rhetoric itself. He persists in translating undereducated, undone by imported magic and borrowed images, metaphors, fantasies and applauded lies, fairy tales. He posits what has been the controlling, historical trope of our time - the familiar image of the new world emerging from the rot of the old, the free state from the chrysalis of colonial decay - as a fairy tale, a rethorical commodity, and his contempt for those who trade in it is almost total. (...) The sense of a world as a physical fact without regret or hope, a place of intense radiance in which ideas may be fevers that pass, suggests a view of human experience that now seems less than comforting to many people, but the view is Naipaul's, and I suspect it to be the long one."

<sup>3</sup>WALSH, W., p.74.

<sup>4</sup>PRITCHETT, V.S. Citado por WEBB, P.; BEHR, E.; KIRKLAND, E. The master of the novel. Newsweek. New York, 96 (7):44, Aug. 1930.

<sup>5</sup>HOWE, I. Citado por WEBB et alii, p.44.

<sup>6</sup>NAIPAUL, V.S. The middle passage. Harmondsworth, Penguin, 1962. p.73.

<sup>7</sup>NAIPAUL The middle passage. p.73.

<sup>8</sup>NAIPAUL, V.S. Foreward. In: NAIPAUL, S. The Adventures of Gurudeva; and other stories. London, Deutsch, 1976. p.7-23. No prefácio do livro The Adventures of Gurudeva Naipaul aponta a importância do jornalismo na criação de seu pai e também na sua: "It was through his journalism on MacGowan's Guardian that my father arrived at that vision of the countryside and its people which he later transferred to his stories. And the stories have something of the integrity of the journalism: they are written from within a community and seem to be addressed to that community: a Hindu community essentially, which, because the writer sees it as whole, he can at times make romantic and at other times satirize. There

is reformist passion; (...) I stress it because this way of looking, from being my father's, became mine; my father's early stories created my background for me."

<sup>9</sup> LAMMING, G. The pleasure of exile. London, 1960. p.225. Cited by WALSH, p.75.

<sup>10</sup> KING, B. V.S. Naipaul. In: \_\_\_\_\_. West Indian Literature. London, Macmillan, 1979. p.161-78.

<sup>11</sup> NAIPAUL, The middle passage, p.47.

<sup>12</sup> NAIPAUL, The middle passage, p.23.

<sup>13</sup> NAIPAUL, V.S. An area of darkness. Harmondsworth, Penguin, 1964. p.42.

#### 1.4 A CRIAÇÃO LITERÁRIA DE NAIPAUL

A obra de Naipaul apresenta no seu todo uma evolução no questionamento da busca da ordem, tônica que recai sobre toda sua produção literária. Desde cedo percebemos seu objetivo primordial: escrever sobre as Índias Ocidentais e, em particular, sobre Trinidad. Entretanto sua obra não fica restrita ao regionalismo, pois à medida que a sua produção literária cresce ela toma um cunho de universalidade e se torna cada vez mais atual.

Sua obra vai, aos poucos, mostrando a evolução de um mundo caótico e ressaltando a inutilidade da imposição de valores estranhos à ordem, por parte das sociedades marcadas pela multiplicidade das raças e fragmentação cultural.

Os três primeiros livros do autor surgiram na década dos anos 50. São livros que refletem sua infância e adolescência e como o próprio autor relata, elas compõem a sua fase de aprendizado — "apprenticeship" — influenciada pela visão paterna:

The writing that has mattered most to me is that of my father, which has never been published. It taught me to look at things that had never been written about before, and seemed dull

in life, yet when transformed to paper became very surprising. A great deal of my vision of Trinidad has come straight from my father. Other writers are aware that they are writing about rooted societies; his work showed me that one could write about another kind of society.<sup>1</sup>

A classificação como "aprendizado" não se aplica tanto a seu estilo que já está consagrado pela crítica, mas pela atitude do próprio Naipaul em relação à sua temática. Os livros desta fase de "aprendizado" podem ser vistos como comédias que refletem a sociedade de Trinidad. Apresentam o aspecto cômico inerente a uma sociedade em mudança, passando da situação de colônia a de uma nação independente. E registram os antagonismos, as rivalidades, os conflitos causados pela heterogeneidade racial e os contrastes numa sociedade sem padrões, submissa e amorfa. Esta sociedade sem ordem é a Trinidad que Naipaul apresenta em sua primeira fase de escritor.

O primeiro livro é The Mystic Masseur (1957) que fez jus ao "John Leewelyn Rhys Memorial Prize". É a história de um indiano, Ganesh Ramsummair, que começa sua carreira como um professor e depois como massagista. Contudo, ele só consegue sucesso quando apela para o misticismo. Como místico dedica-se a cuidar dos problemas espirituais de Trinidad. O seu "talento" como líder espiritual é um passo para que se transforme em escritor, em político e diplomata. A figura



desta personagem na obra de Naipaul parece ser o modelo para todas as contradições que caracterizam o Novo Mundo e que se traduzem na falta de tradição, alienação, inadequação à realidade, necessidade de afirmação e, principalmente na ausência de objetivos definidos.

The Suffrage of Elvira é seu próximo livro, editado em 1958. Esta obra relaciona-se com um evento político : a eleição em Elvira um pequeno bairro de Trinidad — o mais isolado e negligenciado. O autor mostra o clima de superstição, ignorância, num ambiente multi-racial onde os interesses divergem e predomina a desordem. A eleição tem a função de revelar todos os elementos de um caos social — ambição, corrupção, jogo de interesses, falta de objetivos comuns , valores ultrapassados e atitudes demagógicas:

Democracy had come to Elvira four years before in 1946; but it had taken nearly everybody by surprise and it wasn't until 1950, a few months before the second general election under universal adult franchise, that people began to see the possibilities. (...) Until that time Baksh had only been a tailor and a man of reputed wealth. Now he found himself the leader of the Muslims in Elvira. He said he controlled more than a thousand Muslims votes. (...) It was a puzzle: how Baksh came to be the Muslim leader. He wasn't a good Muslim. (...) Chittaranjan, now, the other power in Elvira was aloof and stiff, and whenever he talked to you, you felt he was putting you in your place. Baksh mixed everybody, drank and quarrelled with everybody. Perhaps it was this that helped to make Baksh the Muslim leader...<sup>2</sup>

O terceiro livro Miguel Street (1959) também pre-

miado com o "Somerset Maugham Award", é o primeiro em compo  
sição. Nele Naipaul utiliza-se de um narrador ainda menino  
 que vai apresentando a sociedade e os tipos humanos que a  
 integram através de uma visão crítica. São dezessete histó-  
 rias ligadas por uma mesma temática: a desordem presente em  
 uma rua situada em uma área suburbana de Trinidad. A vida ali  
 evocada revela uma sociedade degradada onde não há lugar pa-  
 ra "scientists, engineers, soldiers or poets".<sup>3</sup> Naipaul mos-  
 tra como as pessoas fugindo de um meio hostil sem perspecti-  
vas, refugiam-se em um mundo de fantasias, que se choca com  
 a realidade.

A opinião da crítica sobre esta fase apresenta-se  
 de forma controvertida. George Lamming — como já disse-  
 mos — acusa-o de usar "castrated satire" para tratar dessa  
 sociedade. E, em relação às personagens dos seus três pri-  
 meiros livros afirma A. C. Derick que eles são: "a satiric  
 demonstration of individual and social limitations" e ainda  
 que:

The social condition that Naipaul represents in  
 his novels is shoddy and limiting, offering  
 little more than an absurd or ridiculous  
 existence (...) The social condition itself,  
 with its myriad flaws, is presented as fixed  
 and unalterable and no character ever achieves  
 anything worthwhile.<sup>4</sup>

Este mesmo crítico opina sobre o cenário das obras  
 de Naipaul, dizendo que "what is perhaps most unsatisfying  
 about the novels set in the second rate West Indian colonies

is their final hollowness their lack of balance<sup>5</sup> (...)" .

O crítico William Walsh também apresenta sua opinião sobre esta fase:

The combination of peasant sagacity and cultivated intelligence, of muscle and nerve, in Miguel Street, The Mystic Masseur and The Suffrage of Elvira makes the books which are fed from regional springs and realised in regional detail more than simply regional detail more than simply regional. There are murmurations in them all of more inclusive humanity. And yet, and yet... These novels communicate an air of capability, of sinewy resource, which seems more extensive than the matter dealt with. Their richness, after all, resides in minute perfections and their force is a limited and contained one. The reader is aware of considerable powers put to rather too markedly a parochial purpose. There is perhaps a shade too much emphasis on charm. One begins to long for something more severe and more testing. One wants to feel not just powers in the author but power in the work... If one wanted to specify one's uneasiness about the first three novels it would have to do, I think, with one's sense of a certain discrepancy between the perfection of the surface and the inclusiveness of the theme. The surface connects, it seems, only with a vague depth whereas one feels it requires to be supported with something more powerful and profound: 'requires' that is, if the significance of the work is to be level with the capacity of the author.<sup>6</sup>

No seu artigo "London" que faz parte do livro The Overcrowded Barracoon Naipaul fala de seu material literário e da reação da crítica a respeito dele, contrargumentando:

My material is abundant, new and easily grasped. I need no gimmicks. But I have certain handicaps. The social comedies that I write can be fully appreciated only by someone who knows the region

I write about. Without that knowledge it is easy for my books to be dismissed as farces and my characters as eccentrics. There can also be misunderstanding: the critic of the "Observer" thinks I get my dialect from Ronald Firbank. And there can be simple exasperation: the critic of the "Yorkshire Post" says she is just fed up with Trinidad dialect. This from Yorkshire: It isn't easy for the exotic writer to get his work accepted as being more than something exotic, something to be judged on its merits. The very originality of the material makes the works suspect.<sup>7</sup>

O próximo livro é A House for Mr Biswas (1961), considerado pela crítica como a obra-prima de Naipaul. Na opinião do crítico Michael Thorpe este livro "is a work of rare distinction, it is both Naipaul's most widely read, popular novel and, at the same time a 'novelist's novel', a model work"<sup>8</sup>. Thorpe faz tal afirmação pelo seguinte motivo: a popularidade do livro deve-se à universalidade do tema. É a vida e a luta de um homem comum, a simplicidade de suas aspirações, o desejo de ter segurança, "status" e de se perpetuar através de seu filho. O outro aspecto, o artístico, surge do poder criativo do autor que faz uma mescla de realismo social e psicológico com uma rica simbologia.

Este livro marca um avanço no tema da busca da ordem presente nos livros anteriores. Mr Biswas também busca dar ordem à sua vida alcançando um lugar na sociedade que se lhe apresenta limitada e por vezes hostil. Para isso tenta se libertar do jugo das tradições ( indianas) e possuir uma casa

que seja realmente sua. No livro a casa ganha uma conotação simbólica: a busca de uma estrutura sólida que possa sustentar a autenticidade de uma raça deslocada no espaço do Novo Mundo. Para ressaltar a inutilidade de sua busca tão frágil quanto à casa que chega a possuir, feia e penhorada e na qual se considerando vitorioso vem a morrer, Naipaul injeta no livro toda a finura de sua ironia.

A House for Mr Biswas apresenta a vida de três gerações em Trinidad — é uma fração da história dos indianos nas Índias Ocidentais. Sua personagem Mohoun Biswas foi decalcada na vida do pai do escritor, um jornalista que se dedicava a registrar os acontecimentos da história daquela sociedade. O registro se estende por três gerações porque assim se pode evidenciar o distanciamento da cultura indiana das suas origens. Mr Biswas cresce em importância à medida que luta incessantemente contra todos os obstáculos que surgem e, suas fantasias o levam a se refugiar em mundos ideais. Outro tema que Naipaul realça é a solidão, como condição para o homem, ameaçado por forças superiores às suas, encontrar em si mesmo uma resposta para o seu problema existencial e conquistar aquilo a que se propõe.

O crítico Bruce King considera este livro como obra prima de Naipaul e a ele se refere como "a New World epic celebrating the struggles of an immigrant towards acculturation and success".<sup>9</sup>

Mr Stone and the Knights Companies (1963) recebe o "Hawthorden Prize". Foi escrito em Srinagan Kashmir durante a visita de Naipaul à Índia. É a primeira obra do autor em que o cenário é Londres e as personagens são inglesas. Ela indica uma expansão no que concerne à busca, pois Naipaul não se restringe mais ao espaço das Índias Ocidentais mas volta-se igualmente para o continente europeu, onde apresenta a vida rotineira e ordenada de Mr Stone. Neste livro o problema da velhice e suas conseqüências é equacionado, nele Naipaul apresenta a personagem como escravo dos hábitos e das tradições. Paradoxalmente, esta personagem de vida tão ordenada e em uma sociedade igualmente ordenada, sente-se impelida a fugir para um mundo de sonhos, porque só assim consegue escapar do tédio. Como as demais personagens de Naipaul, Mr Stone busca integrar-se no mundo que tenta anulá-lo. O questionamento de Mr Stone tem início onde o de Mr Biswas pára — este último pensa que a ordem e a segurança estão em possuir uma casa fora das Índias Ocidentais. Naipaul mostra a inutilidade de tal pensamento, colocando a casa de Mr Stone em Londres. Entretanto, ela não oferece refúgio para a solidão e proteção contra a morte e o esquecimento que estão em toda a parte.

O problema de Mr Stone é colocar em sua vida um novo objetivo, pois não encontra mais sentido nas tradições e rituais que o cercam. É um homem para quem o vácuo

entre o mundo real e o espiritual torna-se muito grande e a vida muito ordenada transforma-se num teatro onde todos representam e não há mais lugar para a individualidade.

A Flag on the Island é publicado no mesmo ano que The Mimic Men (1967) que será objeto de nosso presente estudo. A Flag on the Island vem a ser uma série de histórias, nas quais o tema da busca de uma ordem é motivo para ressaltar o comportamento de uma sociedade em transição. A emancipação pede a busca de novos padrões, em detrimento dos antigos — herdados dos ingleses; os padrões agora adotados são os americanos, pois este povo traz à ilha a promessa de uma nova ordem e outras oportunidades. In a Free State (1971) novamente o tema da busca da ordem está presente, agora nos três episódios que compõem este livro merecedor do "Booker Prize". O cenário apresentado se estende pelos continentes contendo os seguintes lugares: Alexandria, Bombaim, Índias Ocidentais, América do Norte, Egito e uma jovem nação africana não especificada. É de forma irônica que Naipaul trata os seres que se deslocam entre esses mundos à procura de uma nova ordem para suas vidas; personagens soltos como que num vácuo — prisioneiros da própria liberdade.

Quanto às suas obras de não-ficção (abordagens históricas, relatos de viagens, reportagens) Naipaul diz considerá-las como uma parte do todo que constitui sua produção literária. Numa entrevista dada a Ronald Bryden para "The

Listener"<sup>10</sup> o autor assim se expressa sobre sua obra em conjunto e também a respeito de seu processo criador:

All my work is really one. I'm really writing one big book. I came to the conclusion that, considering the nature of the society I come from, considering the world I have stepped into and the world which I have to look at, I could not be a professional novelist in the old sense. I realised then that my response to the world could be expressed equally imaginatively in non-fiction, in journalism and I take my journalism extremely seriously because I think it's a very fair response to my world: It's something that can't be converted into fiction. It is almost too private. I went to India for a year in 1962 just to have a look, and I was full of this thing of being the novelist, the man who invented, the man who converted experience into something else, that when I came back from India I tried to convert my experience into a novel and actually spent about six or seven weeks pretending to write a novel. It failed because the experience was far too particular. Someone like myself, coming from Trinidad, living in England, being a writer, then going to India to have a look — that was too particular experience, and the correct form that was non-fiction.

The Middle Passage (1963) é o primeiro livro de viagens de Naipaul. Relata sua visita às Índias Ocidentais — mundo que também serve de cenário para suas obras ficcionais. Foi escrito dez anos após sua permanência na Inglaterra, ocasião que o autor visita outras sociedades do Caribe: Trinidad, Jamaica, Guiana, Suriname e Martinica. Naipaul tenta avaliar o mundo que viveu e que projeta em suas obras de ficção. Observa com espírito crítico a Trinidad contemporânea e outros pequenos países da região do



Caribe, alguns emancipados, outros não.

A obra resulta de uma busca dos padrões julgados essenciais pelo autor que não os encontra na sociedade em que nasceu. O tom deste livro vai da crítica ao desencanto. É um livro que relata de maneira sensível certos aspectos da vida real das Índias Ocidentais. Países cujas sociedades acham-se mergulhadas na ignorância, na superstição e peculiarmente susceptíveis à ação de aventureiros sem padrões morais ou sociais. Neles a corrupção, na acepção mais ampla da palavra, pode se manifestar nos mais diversos campos da atividade humana.

An Area of Darkness (1964) marca a busca do escritor na Índia, visitando a terra de seus ancestrais. Para lá foi buscando a realidade de um mundo idealizado que conhecia somente através de narrativas que despertavam sua imaginação. Ele conhecia unicamente o lado ordenado e positivo daquela sociedade. Ao deparar com a realidade onde a desordem predominava, choca-se e descobre que ali não havia mais lugar para ele. Mais uma vez é tomado pela sensação de distanciamento e a tentativa de encontrar um lugar onde fixar suas raízes resulta numa total desilusão. O próprio Naipaul nos mostra seu desapontamento, que resulta desta viagem ao afirmar que a Índia era parte de uma noite, um mundo morto e distante e acrescenta: "It was a journey that ought not have been made; it had broken my life in

two".<sup>11</sup> A viagem à Índia lhe trouxe ainda, o conhecimento de que era muito ocidentalizado para aceitar naturalmente a tradição asiática com todas as suas implicações.

India a Wounded Civilization (1976). Nesta obra mais uma vez Naipaul expressa suas impressões tiradas da sua segunda viagem à Índia, enriquecidas com uma abordagem sobre os efeitos do colonialismo naquela sociedade. Ele também salienta o distanciamento entre os indianos orientais e a geração dos indianos ocidentais — distantes não só geográfica como culturalmente. O autor continua sentindo-se deslocado naquela sociedade — ali não há lugar para ele — o que reforça sua condição de cidadão do mundo:

(...) In India I know I am a stranger; but increasingly I understand that my Indian memories of that India which lived on into my childhood in Trinidad, are like trapdoors into a bottomless past.<sup>12</sup>

India, which I visited for the first time in 1962, turned out to be a very strange land. A hundred years had been enough to wash me clean of many Indian religious attitudes; and without these attitudes the distress of India was — and is — almost insupportable.<sup>13</sup>

India is for me a difficult country. It isn't my home and cannot be my home; and yet I cannot reject it or be indifferent to it; I cannot travel only for the sights. I am at once too close and too far.<sup>14</sup>

Além dos relatos de viagem o autor também transpõe sua busca para o terreno histórico. Dentro deste enfoque The Loss of Eldorado (1965) é o histórico de todo pro-

cesso colonial das Antilhas e na América do Sul, onde os colonizadores tentaram impor suas ideologias e todo seu empenho em criar um novo império. Em seu questionamento histórico Naipaul avalia dois processos, o do colonizado e do colonizador, avaliando em ambos os seus efeitos favoráveis e desfavoráveis (ordem/desordem). Outro ponto focalizado em The Loss of Eldorado é o político. A política posterior à emancipação não passa de um jogo, onde quem verdadeiramente não tem poder julga-se capaz de dar as cartas. A sociedade refletida então é uma sociedade de sonhos frustrados, onde cada realização é logo destruída; mesquinharia, pequenez, corrupção e caos destroem igualmente bons e maus.

The Overcrowded Barracoon (1972) é uma coletânea de artigos feitos para revistas que datam de 1958 a 1972. O autor coloca seus artigos dentro de uma ordem que revela a ação dos povos que sofreram o jugo do colonialismo e tornaram-se impossibilitados de reger o seu próprio destino. Através de observações de sociedades como Trinidad e outras descritas na obra, Naipaul aponta características comuns às sociedades ainda em fase de transição, como não possuírem coerência e autenticidade, e o fato de estarem mais próximas da desordem do que da ordem. Conclui que a ordem tem que ser encontrada na própria sociedade e não fora dela. Tem que ser autêntica para conferir ao povo um sentido, um propósito e um valor.

As obras mais recentes são marcadas pela ação das lideranças políticas, seus efeitos positivos e negativos (ordem/desordem) nas sociedades que buscam uma nova ordem dentro do caos em que foram colocadas pela cobiça, corrupção e resquícios da dominação estrangeira; males que dominam as sociedades cuja autonomia verdadeiramente não existe. Guerrillas (1975), A Bend in the River (1979) e The Return of Eva Peron (1980). Livros compostos por diferentes episódios, nos quais Naipaul analisa as diversas facetas do ser humano na busca do poder. Em Guerrillas (1975) o personagem leva-nos ao mundo do fanatismo e das idéias revolucionárias. A história baseia-se num fato verídico ocorrido em Trinidad, onde Michael X, um líder do "Black Power", mostra as lutas da raça negra no seu processo de ascensão social e política. A personagem tem um fim melancólico. Em The Return of Eva Peron o tema é retomado. Destaca o papel de liderança de Eva Peron que não termina com sua morte, pois Eva transforma-se em um mito, através do qual a vida política da Argentina busca se afirmar no populismo. Naipaul vê a Argentina, antes tida como um modelo de ordem, mergulhada num verdadeiro caos. O último episódio apresenta um estudo sobre as lideranças no Zaire já presente no livro A Bend in the River (1979). Os africanos são apresentados pelo escritor como vítimas de idéias alienantes. No episódio em questão a ação do governo Mobuto também é analisada, e, destacada em um ce

nário ficcional o problema da liderança dividida, causa de perdas e desordem numa sociedade ainda sem um verdadeiro sentimento de nacionalidade. Among the Believers: An Islamic Journey (1981) é seu último livro de viagens; nele o escritor registra suas impressões sobre o que viu no mundo islâmico. Relata-nos a situação do Irã após a queda do Xá Reza Pahlevi e o tumultuoso envolvimento do país, sob o domínio Khomeini, em uma antiga ordem restaurada pela tradição religiosa — geradora de fanatismo e desordem. As impressões de viagem se estendem a outros países, tais como: Paquistão, Indonésia e Malásia, antigas colônias, agora nações em busca da ordem, apoiadas nos padrões de uma tradição longínqua, pois no presente nada encontram a não ser a desordem causada pela herança colonial.

NOTAS

<sup>1</sup>BATES, A. V.S. Naipaul. Sunday Times, London, 12:3, 26 May, 1963. Citado por WHITE, L. V.S. Naipaul. London, Macmillan, 1975. p.26.

<sup>2</sup>NAIPAUL, V.S. The suffrage of Elvira. Harmondsworth, Penguin, 1958. p.13.

<sup>3</sup>WALSH, W. Commonwealth Literature. London, Oxford University Press, 1973. p.59. Walsh diz que Naipaul na fase de "aprendizado": evokes the life of a society based upon the degrading fact of colonialism, a world without "scientists, engineers, soldiers or poets".

<sup>4</sup>DERRICK, A.C. Naipaul's technique as a novelist. Journal of Commonwealth Literature, London, (7):32-44, July, 1969. Este crítico também apresenta a sua opinião a respeito da visão social que Naipaul possui em suas obras corroborando a opinião de outros críticos sob o mesmo enfoque e confronto dos ideais da ordem e da desordem.

<sup>5</sup>DERRICK, p.32.

<sup>6</sup>WALSH, W. V.S. Naipaul. Edinburgh, Oliver & Boyd, 1973. p.12-3.

<sup>7</sup>NAIPAUL, V.S. London. In: \_\_\_\_\_. The overcrowded barracoon. Harmondsworth, Penguin, 1976. p.11.

<sup>8</sup>THORPE, M. V.S. Naipaul. London, Longman, 1976. p.14.

<sup>9</sup>KING, B. V.S. Naipaul. In: \_\_\_\_\_. West Indian Literature. London, Macmillan, 1979. p.165.

<sup>10</sup>NAIPAUL, V.S. The novelist V.S. Naipaul talks about his work to Ronald Bryden. The Listener, London: 367, 22, mar. 1973.

<sup>11</sup>NAIPAUL, V.S. An area of darkness. Harmondsworth, Penguin, 1964. p.265.

<sup>12</sup>NAIPAUL, V.S. India a wounded civilization. London, Deutsch, 1967. p.10.

<sup>13</sup>NAIPAUL, India a wounded civilization, p.9.

<sup>14</sup>NAIPAUL, India a wounded civilization, p. 10.

### 1.5 THE MIMIC MEN E A CRÍTICA

Segundo a crítica, ao contrário das outras obras de Naipaul, The Mimic Men apresenta uma abordagem bem mais séria. Nela, o tom leve e despreocupado das outras obras não mais se faz notar. O patético que emana das páginas de A House for Mr Biswas e Mr Stone and the Knights Companion, em The Mimic Men transforma-se em desespero, transformação esta sobre a qual William Walsh assim se refere:

The hilarity of the early novels, in which indeed there was sometimes a note of desperation, has now turned into something bordering on despair, and all that quality of wild high spirits is quite bleached away.<sup>1</sup>

O crítico Bruce King, por sua vez, aponta The Mimic Men como a segunda obra mais importante do escritor depois de A House for Mr Biswas.<sup>2</sup> Para ele a estrutura fragmentada de The Mimic Men é um recurso que estará presente em obras posteriores como In a Free State em que se misturam histórias e autobiografias — e em Guerrillas. Ele destaca que a tentativa de buscar a ordem em The Mimic Men ganha um tratamento mais sério do que aquele dado à história de The Mystic Masseur.



Também não escapa ao espírito crítico de Bruce King a colocação das características do Terceiro Mundo nas obras de Naipaul, as quais emergem de um universo de fantasia. Características que se revelam nas sensações de pobreza; de seu isolamento e acima de tudo na idéia de um poder distante quase impossível de ser alcançado em sua plenitude. Ainda em sua apreciação, Bruce King ressalta pontos igualmente evidenciados neste estudo, que não só marcam o comportamento da personagem central de The Mimic Men como caracterizam o mundo colonial com as suas contradições e anseios. A falta de padrões autênticos na vida de Singh, sua atitude distanciada frente aos acontecimentos dos quais participa mais na qualidade de observador do que como elemento atuante são alguns desses pontos. Observa ainda que a personagem de Naipaul, no decorrer da narrativa, liga-se mais à sensação de posse do que propriamente aos objetivos de suas conquistas, mesmo que pertençam ao terreno do sexo ou dos acontecimentos políticos.

Já Victor Ramraj em seu artigo "The All-Embracing Christlike Vision: Tone and Attitude in The Mimic Men", destaca em The Mimic Men um caráter mais abrangente, o que dá à obra maior extensão, pois ela deixa de se restringir apenas ao espaço de Londres, buscando igualmente o cenário das Índias Ocidentais.<sup>3</sup>

Ramraj, no citado artigo, procura ainda evidenciar em The Mimic Men a tendência naturalista de Naipaul. Faz notar que na obra as personagens são apresentadas como vítimas de forças que estão além do controle de cada uma. As imagens de "shipwrecks", as forças naturais lembrando seres malévolos e a falta de determinação da personagem Singh exercendo pouco controle sobre os fatos de sua vida, reforçam o pensamento do crítico a respeito das características naturalistas, em The Mimic Men.

Quanto a enquadrar os livros de Naipaul no terreno da sátira ou da comédia social, como fazem alguns críticos, Ramraj não o faz. Para ele The Mimic Men é na verdade um livro diferente, porque Naipaul muda o tom com o qual trata suas personagens. A sátira que se percebe em outros livros, transforma-se nesta obra em ironia, da qual o próprio Naipaul se diz adepto:

I am not a satirist. Satires comes out of a tremendous optimism. One simply does not indulge in satire while one is awaiting death. Satire is a type of anger. Irony and comedy, I think come out of a sense of acceptance.<sup>4</sup>

Realmente o livro, através de Singh, mostra o lado sombrio do autor, seu ceticismo em relação ao mundo onde não há lugar para a comédia. Por meio das situações vividas por Singh, o escritor confronta as sociedades do colonizador e

do colonizado, em uma abordagem rica em antinomias, marcada por um agudo senso crítico e por um tom de fina ironia. Não é sem razão que David Pryce Jones, na apreciação que faz sobre este livro e seu autor, para a revista London Magazine, ressalta que em The Mimic Men os "... oppressed have now become oppressor"<sup>5</sup>. Verdadeiramente, na parte política da obra quando as personagens (Singh e Browne) defendem os ideais de independência da ilha, a conduta política de ambos nos indica que, aos poucos, os colonizados vão adotando o comportamento dos colonizadores. Consequentemente, David Pryce Jones está certo quando continua dizendo que:

The oppressed have now become oppressors, but more deviously, more anonymously, than their old imperial masters. The masses close in, their ambitions tightening on to selfish aims; the world is no longer concerned, as another phrase in The Mimic Men has it, with 'the discovery of little intimate thing.

No mesmo artigo David Pryce Jones afirma: "Mr Naipaul has become a novelist of loss",<sup>6</sup> referindo-se à perda de humor que Naipaul vai gradativamente assumindo à medida que sua visão das sociedades torna-se mais amarga. Isto explica a preferência do autor por determinados vocábulos repetidos ao longo de The Mimic Men, tais como: "diminishing", "narrow", "not at people", "failure", "shipwreck". E os sentimentos de perda, solidão, distanciamento, banimento, emprestados às

suas personagens, levam-nos à idéia de desordem e traduzem todo o descontentamento de Naipaul por não ter tradição , não viver no seu mundo ideal, e por ser colonial.

O mesmo pensamento encontramos em Michael Thorpe no seu comentário a respeito da obra. Nele Thorpe nos leva a crer que em The Mimic Men não há mais lugar para o sonho nem para a farsa, como aconteceu em Miguel Street, outra obra de Naipaul. A visão cética do escritor determina toda a concepção de The Mimic Men e é responsável pela atmosfera sufocante, apropriada, no caso, à narrativa de cunho pessoal onde o fracasso é constantemente evidenciado. Por outro lado o livro se apresenta como uma análise apurada das causas que levam o mundo colonial à impossibilidade de conquistar uma estabilidade no plano do poder.<sup>7</sup>

Em suma, Naipaul em The Mimic Men teve uma boa receptividade por parte da crítica, que vê em seu livro o início de uma nova fase mais questionadora, realista, imparcial. Ao extrapolar o espaço de Isabella, Naipaul atinge a universalidade e consegue refletir a condição desordenada do mundo atual.

Após havermos examinado a Literatura nas Índias Ocidentais em seus diversos tópicos, passaremos agora para uma análise do tema da tese, que é a busca da ordem através dos espaços que a personagem percorre.

NOTAS

<sup>1</sup>WALSH, W. V.S. Naipaul. Edinburgh, Oliver & Boyd, 1973. p.54.

<sup>2</sup>KING, B. V.S. Naipaul. In: \_\_\_\_\_. West Indian Literature. London, Macmillan, 1979. p.171. Bruce King afirma que: "The Mimic Men is probably Naipaul's second most important novel (...) Ralph Kripal Singh, the main character, is representative of a generation which gains power at independence and can only mimic the authenticity of selfhood. His many unsatisfactory sexual encounters are similar to his house and politics; they show someone more concerned with the thought of possession than the actual experience. His failures, are indicative of a large failure - the very lack of purpose, will, energy and creativity of which he accuses the political leaders of his island.

<sup>3</sup>RAMRAJ, V. The All-Embracing Christlike Vision: tone and attitude in the mimic men. In: RUTHERFORD, A. Commonwealth. Aarhus, 1972. p.125-34. Ramraj faz uma apreciação sobre a evolução do tom que Naipaul adota em suas obras: "(...) there is evidence that Naipaul does not have a consistent tone, shifting often from satire to farse, to comedy, and back again. He has described these early novels as works of his apprenticeship period and unevenness of tone bears this out (...) The many ideas and perceptions which Naipaul mentions in The Mimic Men give it a compactness and a complexity not evident in his other works even in A House for Mr Biswas with its vast canvas, its buzzing activities and its host of characters. (...) in The Mimic Men, Naipaul goes beyond the moment of folly and vice with which satire concerns itself, to a perceptive analysis of the circumstances - fortuitous or otherwise - which lead his protagonists into their wickedness and shortcomings. (...) In The Mimic Men, Ralph apportions blame to one in particular in this therapeutic autobiography: the personages are all seem as victims of forces beyond their control. There is the bleakness of the naturalistic novel here, which is underlined by the recurring images of tainted seas and of shipwrecks, with their suggestion of malevolent natural forces (...)" Neste mesmo artigo Ramraj utiliza-se das palavras de Naipaul onde ele explica porque prefere ser considerado como adepto da ironia.

<sup>4</sup>NAIPAUL, citado por RAMRAJ, p. 126.

<sup>5</sup>JONES, D.P. Selected Books. London Magazine. p.82-4.

<sup>6</sup>JONES, p.83.

<sup>7</sup>THORPE, M. V.S. Naipaul. London, 1976. p.26.  
Thorpe também diz que: "The Mimic Men grows naturally from numerous insights and suggestions which are scattered through the earlier writing (...) some such sceptical view, implicit through Naipaul's work, seems to have governed the conception of The Mimic Men and determined its static airless quality - appropriate to a brooding personal narrative of failure, but at the same time suggesting that this novelist is developing a fiction of diminishing possibilities.

## 2. ESPAÇOS CONFRONTADOS DA ORDEM E DA DESORDEM

Em The Mimic Men V.S. Naipaul utiliza-se da vida da personagem Kripal Singh para desenvolver sua temática da busca da ordem. Singh é apresentado como um homem de 40 anos, desiludido, ex-político, que através de lembranças avalia os espaços em que passa as diversas fases de sua vida, dando-nos o seu critério de ordem/desordem e revelando os efeitos provocados pela ação do meio ambiente em sua existência. É por meio da voz e da focalização de Singh que a narrativa vai se configurando e personagens e meio ambiente vão surgindo. As descrições apresentadas têm o propósito de visualizar a ação do protagonista dentro da narrativa e ao mesmo tempo projetam o mundo psicológico das personagens que ali vivem. Servindo-se dos espaços Naipaul evidencia a idéia de desordem e desequilíbrio, que caracterizam os mundos de Isabella e Londres e a necessidade de buscar uma ordem; ordem esta que a personagem projeta através de suas fantasias em um mundo ideal. Portanto, nesta análise procuraremos revelar o espaço percorrido pela personagem nesta obra e mostrar como os ambientes agem sobre ela.

Destacaremos alguns destes ambientes e a influência que exerceram sobre Singh. Influências exercidas pelos

fatores naturais: neve, praia, mar, lama, ferrugem, alvorecer, coqueiros, areia..., e pelos fatores artificiais: as luzes da cidade, as ruínas, quartos, barcos, música e outros; também os fatores sociais, a família, e a sociedade são destacados.

À medida que formos apresentando estas influências, procuraremos expor como Naipaul nos revela a sua personagem narrador Singh, efetuando seu processo de busca, vinculado aos espaços do Mundo Ideal, Isabella e Londres. A personagem descreve os ambientes sugerindo ao leitor as emoções vividas, localizando cenários, expondo sentimentos e mostrando a atmosfera que deles emana. Isto através de uma narrativa na qual, por vezes, os espaços revelam a personagem ou então, falam à personagem, influenciando a sua ação física ou psicológica, e indicando a sua personalidade através dos objetos que contêm<sup>1</sup>. Isto pode ser comprovado em The Mimic Men, pois os quartos de Liení, Mr Shylock e outros espaços podem ser vistos como prolongamento de suas personalidades e conflitos.

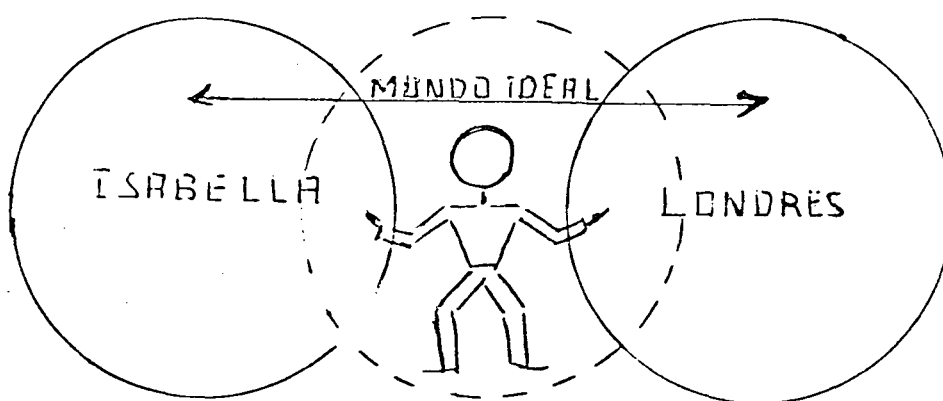
Segundo Orlando Pires, o cenário onde se desenvolve a ação é o espaço e, dentro de uma configuração subjetiva o espaço será construído por certas projeções do psiquismo da personagem.<sup>2</sup> É o que se pode notar em The Mimic Men no desenrolar da narrativa de certos ambientes percorridos pela personagem ao rememorar os lugares que marcaram as fa-



ses de sua vida. Outrossim, a abordagem do espaço, nesta obra, evidencia a afirmação de Massaud Moisés: "a frequência e a intensidade e densidade com que os lugares geográficos se impõem no conjunto de uma obra ficcional, estão em função de outras características, portanto compete-nos conhecer-lhes a interação, evidenciar a razão de ser"<sup>3</sup>.

Em The Mimic Mem a paisagem tem como função primordial projetar as personagens ou evidenciar conflitos, não é uma simples moldura, mas "interiorizada e possuidora de força dramática". A neve em Londres e o mar em Isabella (fatores naturais) têm igualmente por funções contribuir para o desenvolvimento da ação narrativa como elementos de uma paisagem dramática, onde a personagem vive as diversas fases de sua busca.

Quanto ao Mundo Ideal, Isabella e Londres, podemos dizer que são três mundos, porém um só universo: o de Singh.



Interpenetração dos dois mundos  
pelo Mundo Ideal

O centro dominante, o mundo ideal, estende suas linhas pelos outros dois mundos que, embora distantes, estão ligados pela desorientação, pela confusão entre os valores adotados e os defendidos e a realidade que os ignora ou disfarça. Este antagonismo vai se refletir no pensamento , nos sentimentos e ainda mais na posição perante a vida dos que se agitam neste universo turbulento. A desordem que em tudo se esconde ou. tudo disfarça, junta-se ao ideal da ordem. Esta união é responsável, em última análise, pelo anseio de um novo ideal de vida, justiça e realização pessoal — objetivo revelado intensamente em toda ação da personagem na busca de um espaço verdadeiramente seu.

NOTAS

<sup>1</sup>MOISÉS, nos mostra o espaço como elemento constituinte da obra de ficção, "na verdade, a frequência e a intensidade e densidade com que o lugar geográfico se impõe no conjunto de uma obra ficcional, está em função de suas características. (...) a paisagem vale como uma espécie de projeção das personagens ou o local ideal para o conflito, carece de valor em si, está condicionada ao drama em causa; não é pano de fundo, mas algo como personagem inerte, interiorizada e possuidora de força dramática, ao menos na medida em que participa da tensão psicológica entre as personagens. (...) se arquiteta (...) a relação personagem x ambiente (...) no romance introspectivo, onde a geografia pode confundir-se com o protagonista ou tornar-se um seu mero prolongamento. (Os grifos são de minha autoria). (MOISÉS, M. Guia prático de análise literária. São Paulo, Cultrix, 1970. p.108-9).

<sup>2</sup>PIRES, objetivamente diz que: "espaço narrativo é o cenário onde se desenvolve a ação. O crítico também diz que: em uma "configuração subjetiva, ele será construído por certas projeções do psiquismo de personagens e poderá servir para caracterizar o estado emocional de um determinado momento narrativo."

Pires ainda nos apresenta dentro da narrativa ficcional uma divisão espaço dimensional (físico/real) e espaço não dimensional (psicológico/virtual). (PIRES, O. Manual de teoria e técnica literária. Rio de Janeiro, Presença, 1981. p.127-8).

<sup>3</sup>MOISÉS, M. A criação literária. São Paulo, Melhoramentos, 1979. 368 p.

2.1 O MUNDO IDEAL

É o mundo de referências lendárias onde o espaço geográfico inexistente, pois não é dimensional. Vai surgindo na biblioteca à medida que Singh, menino, lê a obra The Aryan People and Their Migration. Através desta leitura estabelece uma ligação com a família de seu avô materno e toma conhecimento de suas origens indianas. Este mundo ligado à história dos arianos — seus ancestrais — é apresentado por Singh como contido em "an old book with an old smell" (p.102). A frase indica que era um livro velho contendo a história de uma velha civilização. Seu difícil conteúdo não atraía muitos leitores. O próprio Singh confessa ter sido o primeiro a retirá-lo da biblioteca porque: "It was not an easy book to read" (p.102). Nele o protagonista encontra alimento para sua curiosidade e fantasias, e a possibilidade de estabelecer laços com a cultura de seus antepassados, que cada vez mais se faz distante no tempo e no espaço.

É neste mundo dos Rajputs e dos Arianos que Singh vai encontrar os padrões para o seu Mundo Ideal — padrões ultrapassados, contrastantes com a realidade de Isabella.

Refugiando-se nessa leitura Singh vivia:

(...) a secret life in a world of endless plains, tall bare mountains, white with snow

at their peaks, among nomads on horseback,  
daily pitching my tent beside cold green  
mountain torrents that raged over grey rock,  
waking in the mornings to mist and rain and  
dangerous weather. (p.98)

Ali, naquele lugar de fantasia, Singh julga-se um verdadeiro líder, porém "shipwrecked on an island...", por isso impossibilitado de assumir sua liderança.

Na escola, o Mundo Ideal se desloca para o continente europeu. O protagonista imagina cenários onde a ordem é representada pelo elemento neve, não existente no mundo de Isabella.

Na Europa, imagina-se em terras cujas montanhas cobrem-se de neve. Vê-se participando do que oferece esse meio ambiente sem se importar com os riscos: "I longed in that barrenness to go skiing even at the risk of breaking my leg"(p.146). Estes fatores naturais, neve, montanha, levam-no a sentir-se em lugares onde a ordem, segundo pensa, esteja presente: "There in Liège a traffic jam, on the snow slopes of the Laurentians, was the true, pure world"(p.146). Este mundo de pura fantasia é visto como um modelo de perfeição, capaz de dar a Singh plena consciência de sua identidade, determinação e notoriedade. No entanto, está cristalizado, dominado pela paisagem da neve. Ele não condiz com o mundo tropical de Isabella, estabelecendo-se assim um conflito nascido do contraste entre o real e o ideal (Isabella/Europa). O

conflito se evidencia pela justaposição dos elementos naturais que compõem o espaço e se destacam no cenário de Isabella (mar, praia, coqueiros) com os do mundo ideal (montanha, neve, luzes). "Beaches and coconut trees, mountains and snow. I set the picture next to one another" (p.98). Este contraste leva Singh a rejeitar cada vez mais sua terra — ilha geograficamente limitada, pequena, obscura e sem história. Em Isabella julga-se sufocado, incapaz de concretizar os seus ideais de realização e afirmações pessoais. "My chieftaincy lay elsewhere" (p. 133). "...This tainted island is not for me... this landscape was not mine". (p. 51)

A incompatibilidade do Mundo Ideal com Isabella se deixa mostrar até na ausência do elemento da ordem: a neve; ordem que ele espera encontrar mais precisamente em Londres, lugar em que pela primeira vez confronta-se realmente com o fenômeno da neve. Este elemento em Londres perde seu caráter atrativo e torna-se carregado dos atributos da desordem. Deixa de ser um fator de vida e beleza e se apresenta como elemento frio, distante, dissimulador. Lembra a morte dos valores espirituais. Perde o aspecto mágico, que cobre tudo de encanto, suavidade e luz. Mostra-se agora como algo que camufla o que lhe parecia ideal. Entretanto, não é somente a neve que para Singh perde seu atributo essencial: a ordem. Londres também deixa de ser o centro do seu mundo ideal, até então ligado a uma determinada paisagem

seja na terra de seus ancestrais, seja no mundo europeu. Unicamente quando vive a última fase do ciclo de quarenta anos, Singh compreende que o mundo ideal não depende de uma paisagem, marcada por este ou aquele fenômeno natural. O mundo ideal manifesta-se, sim, através de uma forma de vida. É o que Singh evidencia quando ele se decide pela carreira de escritor e finalmente se encontra. Agora ele não procura a ordem, ele impõe uma ordem no seu mundo e em sua vida.

## 2.2 ISABELLA

Isabella é uma pequena ilha tropical localizada no Caribe. Ela se apresenta como um verdadeiro cartão postal aos olhos dos turistas — um ambiente pacífico e acolhedor. Sua vegetação exuberante, a música, o som do mar, as praias, o vento, sugerem um recanto paradisíaco; uma ilha em "tecnicolor" incrustada no Novo Mundo. É o cenário ideal para os filmes de corsários e verdadeira atração para os turistas que ali procuram sentir a atmosfera de aventuras e amor sugerida pelo filme "The Black Swan".<sup>1</sup>

The wind whipped the crest of waves into spray and the spray was shot with a rainbow. Then one morning, waking to stillness, we looked out and saw the island. Each porthole framed a picture: a pale blue sky, green hills, brightly-coloured houses, coconut trees, and the green sea... The island before me now; the Technicolour island of "The Black Swan", of cinema galleons and men-o'-war, of rippling sails and morning music by Max Steiner. (p. 31)

Realmente, em Isabella os elementos que compõem o cenário natural da ilha, convidam ao lazer e evocam a beleza: o alvorecer, o leque das palmeiras, os barcos à distância — tudo lembra a ordem. Entretanto, a personagem-narrador modifica esta visão. Ao destacar os contrastes existentes na ilha, ele revela o "avesso" do car



tão postal. "As we drew nearer the docks, the island of the travel poster vanished..." (p. 52). Este lado "avesso" é projetado para toda estrutura da ilha, que se mostra limitada, dependente, sem autonomia, o que a faz buscar padrões culturais pertencentes a outras nações, não fugindo à regra dos demais países do Novo Mundo. Esta limitação é ainda ressaltada pela ausência de ordem, pelo isolamento: "at the end of an empty world", pela falta de tradição e possibilidade de expressão. Isabella surge agora como o reino da violência, da "pirataria", da corrupção e da morte.

Esta ambivalência no espaço de Isabella é manifestada através dos diversos elementos espaciais, que formam a paisagem natural, sendo um dos mais significativos o mar. Além de ser um elemento de beleza, de lazer, o mar é fonte de vida e da atividade econômica da ilha (a pesca). É também o elemento que aprisiona a pequenez geográfica de Isabella e, conseqüentemente, seus habitantes:

The sea broke on us almost without warning. Only a height of sky and quality of openness behind the tops of trees suggested that little way there was no more land. And then, at end of an avenue of coconut trees was the living destroying element, almost colourless... The trees swayed and rustled and crackled. The white surf crashed and hissed on the wide beach. (p. 106)

Verificamos que, além de elemento cerceador, Singh atribui ao mar um aspecto infernal, apresentando-o como um

ser destruidor, devorador da população e do cenário de Isabella. Assim o elemento natural toma forma antagônica, corporifica tudo o que é maligno e dissimulador:

About me on the beach movement was continuous but unhurried and undefined. From... the turnover came the gramophone. I remember the song it played. It was "Besame Mucho". Words and music rose above the wind and surf and went out ragged over that ragged crowded beach. Then I heard. People were drowning. There in that infernal devouring element people were drowning...  
(p. 108)

Paradoxalmente a música "Besame Mucho" entra no cenário como algo dissonante em relação à morte trazida pelo mar. Ela não traz alegria ao ambiente, mas acentua a tristeza e contrasta com aquela atmosfera de morte, onde a delicadeza dá lugar à brutalidade que emana da ação do mar. O aspecto negativo do cenário é enfatizado pela interpenetração dos elementos, vento, mar, música e morte.

Outros elementos são apresentados para salientar a ilha em estado de formação e desenvolvimento - tanto sujeita às forças positivas (de construção) como as negativas (destruição). A lama, a ferrugem, a areia, a chuva, e a decomposição, são elementos escolhidos para o confronto destas duas forças, por não apresentarem condições para qualquer ação que exija sólidas estruturas e duração. Num plano simbólico a lama seria o caos materializado, berço do primitivo que lembra a origem de Isabella. Ao contrário da neve usada pelo autor para marcar os ambientes londrinos e dissimulá-los, es

condendo as suas imperfeições, com sua brancura, brilho e suavidade, a lama, em Isabella, ressaltava a fealdade que se oculta nos espaços e adere às pessoas. Ela destaca fielmente todo um processo de desordem. E o barro, lama em estado de solidez, mostra a fragilidade do que se tenta construir em Isabella; fragilidade denunciada pela cabana onde o pai de Singh se refugia como "sanyasi" — um líder espiritual. A localização da cabana está também relacionada com a presença da lama, como se pode verificar:

It was an ugly clearing, a disfiguring of the woods. He, or the disciples he still had with him, had turned the ground between the tree stumps into mud; and on the mud they had laid passageways of planks and coconut trunks. The land was not cleared all the way down to the sea. (...) A thin screen of woods hid the sea, as though that was a tainted view. At one end of the clearing was his hut, with mud walls and a thatch of carat palms. (p. 176/177)

Espalhando-se pela areia da praia e pelos diversos cenários da ilha, a lama vai estabelecendo um forte contraste, pois é a fealdade empanando a beleza daqueles espaços tidos como paradisíacos. Ela simboliza no plano moral a corrupção e no plano físico a decadência que se apossa dos habitantes de Isabella, passivos diante das forças que os dominam, sejam provocadas, sejam naturais. A lama está presente até mesmo nas águas do mar, vinda de outros espaços para a ilha, como se pode verificar:

Afterwards I went for a walk on the beach. The

coast here was wild and untidy. The water at times frothed yellow with mud. The beach was littered with driftwood and other debris from the mighty South American rivers which in flood, pushed their discolouring fresh waters as far north as this. (p. 178)

A lama também se faz presente na zona rural, espaço das terras pantanosas. Ela é o elemento que se liga à atividade humana marcada pela pobreza e pelas parcas perspectivas. A presença da lama se associa a tudo que oprime e não tem brilho, nem cor. É o que Singh nos mostra:

We were in the area of swamps. Sodden thatched huts, set in mud, lined the road. It was a rainy day, grey, the sky low and oppressive, the water in the ditches thick and black, people everywhere semi-naked, working barefooted in the mud which discoloured their bodies and faces and their working rags. (p. 98)

Para ressaltar o contraste entre o atraente e o repulsivo, entre a vida e a morte, o autor escolhe a praia, espaço este que apresenta um cenário de desolação e morte:

The first body appeared, the second, the third. They had all died together, the rolling, drifting bodies, mingled now, as the seine come in to the shore, with fish, alive and silver. (...) And there were thousand of little fish. And soon everything lay strained and dry on the dirty beach. (...) The bodies laid out side by side on the sand in the sun... (...) remained matt marks where the bodies had lain, scrapings and scratchings and scuffed sand to show, just for a few more hours, what had happened. The beach was strewn with small fish so recently whole and now so dull, so like garbage, silver turning to dark grey. The pariah dogs prowled nervously. The vultures watched from the coconut trees. The stingray, on its brown back, its underside bluish-white,

showed a bloody stump where its tail had been hacked off. (p. 110/111).

A decomposição está presente no ambiente da praia, impregnada de morbidez, evidenciada pela perda de brilho que se faz sombra, pela presença dos cachorros vadios (abandono), peixes que entregam sua cor de prata à morte. Os abutres — frutos da morte, por excelência — contrapõem duas forças: vida e morte, pois ao mesmo tempo são a vida devorando a morte numa promessa de renovação. Singh ainda reforça a idéia de abandono e contaminação no trecho abaixo, onde a sujeira, restos jogados na areia, águas contaminadas, nuvens esfarapadas, evocam a idéia de desordem e justificam seu desapontamento em relação à ilha, que tão diferente do "cartão postal" se lhe apresenta. Esta é a visão do protagonista: "The sand was black and pebbly and sharp. Another cloudy day, the clouds as dirty and ragged as the sea and beach". (p. 178)

A ferrugem é um elemento de transformação e desgaste. Age sobre os objetos que completam o cenário da ilha. Até mesmo as árvores têm seus troncos marcados por manchas amareladas, que evocam a ferrugem. Também os telhados das casas dos trabalhadores são atingidos pela ação deste elemento, que em um plano simbólico marca a decadência que se alastra pela ilha atingindo seus habitantes. A ferrugem ainda reflete a passividade do nativo diante dos fatores naturais, e, de certo modo, a dominação estrangeira que vai desgastando a sua

autenticidade. É o que Naipaul com tanta propriedade evidencia na sua obra.

Concluimos que o ambiente insular é desenhado com traços contrastantes em que a harmonia (ordem) é substituída pela desordem, o que provoca uma idéia de verdadeiro caos, onde a ação humana e a natureza se confundem num incessante jogo de antinomias.

Contudo, nem sempre Isabella é apresentada por Singh como uma terra sem perspectivas, dominada pelos conflitos que minam seu organismo social e político. Ela é também encarada sob um outro prisma através da visão de "Deschampsneufs" - representante da raça francesa na ilha, dos missionários e do próprio Singh, quando este põe suas esperanças em Crippleville. Isabella mostra-se, para os missionários, como a Terra Prometida, símbolo da ordem, marcada pela glória de Deus.

The centre of this world was their missionary activity; ... Isabella became an almost biblical land, full of symbols and portents and marks of God's glory, a land of stoic journeys through scoffing crowds, encounters with khaki clad officials hostile to the work, and disputations with devious Brahmins in oriental robes seeking to undermine the work. (p. 87)

A apreciação de Deschampsneufs reforça a idéia de Isabella como Terra Prometida, pois o descendente dos franceses ali encontra a ordem, a exuberância que os estrangeiros viam nas terras do Novo Mundo e registraram com pormenores nos seus relatos de viagem.

A total integração dos Deschampsneufs naquele meio natural, onde conquistam uma posição privilegiada também é evidenciada. Já enraizados nas terras que vieram explorar, sentem-se perfeitamente integrados à ilha e assim vêem Isabella: "This place is a paradise..." (p. 172).

Um outro espaço é Crippleville, as terras improdutivas herdadas por Singh, que ele transforma em próspero loteamento. Assim sendo, esse cenário tem por função mostrar a transformação de um local abandonado em uma fonte de renda, o que Singh consegue graças à sua visão cosmopolita:

I had inherited a 120 acre block of wasteland just outside the city. It was part of a blighted citrus plantation which had been allowed to go derelict during the depression (...) it was not much of a thing to inherit (...) A derelict citrus plantation is one the slums of tropical nature. The soil is not rich; the barks of the tree are mildewed and mossy; the grey branches are thin and brittle-looking and almost bare; the leaves are yellow; and the fruit rots before it ripens, hanging soft and blanched like disease in a pestilential smell (...) This was the land which I now thought to develop (...) I divided the land into one hundred and fifty half-acre plots... (p. 58)  
... And Crippleville worked. There is no drama to record. Within a year a hundred of the plots were taken. (p. 57-8-9)

Além de Crippleville outras terras são igualmente evidenciadas, todas ligadas ao passado histórico de Isabella.

Um dos recursos que Naipaul usa para nos levar ao cenário da ilha, ligado ao passado, é o passeio de carro que o pai de Singh faz com a família. O passeio tem por função nos mostrar as diversas raças que compõem a população de Isabella,

e que estão ligadas ao processo histórico da ilha. A segregação de cada uma a seu espaço cultural, o contraste econômico e social, são bem destacados, dando-nos uma perfeita idéia da fragmentação existente naquela sociedade. O cenário descrito sugere uma viagem aos tempos remotos, evidenciando o abandono do cacau como fonte de riqueza, substituído pelo arroz e pela cana-se-açúcar. Singh assim descreve o acontecido:

...My father didn't take us on the usual Sunday afternoon circuit of the city. He drove us out of the city... We drove along narrow rough roads into the valleys of our eastern hills. We went through purely mullato villages where the people were a baked copper colour, much disfigured by disease. They had big light eyes and kinky red hair. My father described them as Spaniards. They were a small community, exceedingly poor, separate even in slave days and now inbred to degeneracy, yet still distinguished by an almost superstitious fear and hatred of full-blooded Africans and indeed of all who were not like themselves. They permitted no Negroes to settle among them, sometimes they even stoned Negro visitors. We drove through Carib areas where the people were more Negro than Carib. Ex-slaves, fleeing the plantations, had settled here and inter-married with the very people who, in the days of slavery their great tormentors, expert trackers of forest runaways, had by this intermarriage become their depressed serfs. Now the Caribs had been absorbed and had simply ceased to be. We were not far from the city... but it was like being in an area of legend. (...) We drove through abandoned, blighted cocoa estates and my father showed us the beauty of cocoa trees. We came out into the Indian areas, the flat lands where rice and sugar-cane grew. (...) some of the people we saw had made from another continent, to complete our own little bastard world. (p. 121/122)



Singh considera aqueles que vieram de outros continentes para explorar e colonizar Isabella, como os formadores de um "... little bastard world".

Outro espaço que a personagem nos aponta é o da casa paterna. Ela se apresenta na imaginação de Singh, frágil, sem segurança e modesta, refletindo a visão negativa que a personagem tem de seu pai. Ao alimentar esta imagem negativa, Singh vai ao mesmo tempo desenvolvendo uma sensação de medo constante em relação ao meio ambiente, no qual insere a casa. Realmente, a ação das forças naturais, no ambiente de Isabella, são por vezes destrutivas, o que justifica o temor do protagonista:

I thought of our house again, more urgently now; and above drama I felt alarm. A tree in the park groaned in a series of accelerating snaps and then slowly collapsed, rocking to rest on its branches, It was a great tree(...)My mind played with images of disaster, I created a house reduced to rubble, embedded in rippled mud,... (p. 153)

A casa do pai pela falta de segurança que apresenta, transforma-se em algo temível, pois até a chuva ameaça destruí-la:

I developed the fear that our old timber house was unsafe. It was not uncommon in our city for houses to tumble down; during the rainy season(...)As soon as I lay down on my bed my heart beat faster, and I mistook its throbbing for the shaking of the house. At times my head swam; ceiling and walls seemed about to cave in on me; I felt my bed tilt and I held on in a cold sweat until the disturbance passed.I

was safe and lucide only when I was out of the house. (p. 146)

Simbolicamente uma casa indica proteção, firmeza , aconchego e fixação, enfim algo que seja estável e firme, ca paz de abrigar. Paradoxalmente, Singh não enquadra a casa pa terna neste padrão, pois sente-se mais seguro fora dela. E por viver num ambiente familiar dividido entre duas casas — a paterna e a do avô materno — ele sente-se fragmentado e inseguro:

My sisters and I spent more our time with my mother's family. We went there every weekend... (We) were divided between the two houses. (p.105)

Os dois locais são ambientes de conflito interno e a ação da personagem difere em cada um deles.

Ao contrário da casa de seu pai, a casa do avô ma-  
terno é rica, sólida e tradicional. Nela Singh procura atra  
vés de seus sentidos integrar-se à sua estrutura e conseqüen  
temente à sua ordem:

The house of my mother's family was solid. I tested it whenever I went there for the weekend. I jumped on the floors when I thought no one was looking; and sometimes I lay flat on them to gauge their level. I leaned against walls to asses their straightness. (p. 153)

Outra função da casa do avô materno é evidenciar a origem indiana:

In his back veranda, where other people would have things like thermometes from the tyre companies and calendars from various firms,

he had religious picture and photographs of Indian film actors. He was not interested in the cinema and photographs of Hollywood stars in a private house would have struck him as hopelessly vulgar. But the Indian actors in his back veranda were on a level with the religious pictures: together they were an act of piety towards his past, a reverencing of the land of his ancestors. Details like this had gone towards the making of my picture of him.(p. 99)

Mas os elementos culturais presentes no interior da casa do avô estão ligados desordenadamente, neles se interpenetram o profano e o religioso. Esta disposição evidencia a ligação de seu avô com seu país de origem, conflitando com o meio ambiente em que vive, em Isabella.

O fato de ter colocado no mesmo plano figuras religiosas e fotografias de atores indianos, indica que o avô de Singh não possuía uma hierarquia de valores bem definida, o que lhe importava era cultivar a memória de sua terra natal. Enquanto que seu avô materno sabe que suas raízes estão em terras da Índia, seu pai e Singh sentem-se soltos, anônimos, desprotegidos naquela ilha, sem nada a reverenciar.

A casa do avô pode ainda ser vista como uma fortaleza impenetrável às investidas e acessos de outras raças (a negra e a francesa): "A solid house... It also offered freedom from the island of Browne and Deschampsneufs" (p. 154).

Outra função que a casa possui é a de indicar a transformação ocorrida entre as gerações e o deslocamento da personagem diante desta mudança:

My grandparent's house had changed. It had become a house of the young, mainly Cecil's friends, the sons and daughters of business families like his own. The community they formed was small and new. It took me by surprise(...)Outside school this had been my world(...)I could not feel I was part of their group. My sisters, though, fitted in easily (...) I was no longer completely at ease in the house, at least I found there no talk of past injury, no talk even of the past. These young people were of the new world. They made the photograph of Indian actors in the back veranda appear quaint and old; the prints, of gods and maidens and swings in the flower-spangled lawns of white palaces outlined in splayed perspective, were of an antiquated piety. (p. 154-5)

Com a modificação do ambiente da casa do avô, Singh vê morrer o que fora seu mundo infantil e rompe com uma parte significativa de sua vida. O presente torna distante as figuras do passado, antes tão reverenciadas. As cores da Índia vão perdendo seu brilho.

Outro ambiente que Naipaul ressalta é o ambiente escolar. A escola é marcada pela ambivalência que existe na sociedade de Isabella. Como elemento de ordem, ela impõe aos que a frequentam a estrutura vigente e defende seus valores. Seu processo de desordem se revela através do cultivo da alienação, pois a escola nega uma realidade vivida em favor de uma idealizada e faz Singh sentir-se estranho ao cenário de Isabella:

We had converted our island into one big secret. Anything that touched on everyday life excited laughter when it was mentioned in a classroom: the name of a shop, the name of a street, the

name of a street corner, foods. The laughter denied our knowledge of these things to which after the hours of school we were to return. We denied the landscape and the people we could see out of the open doors and windows, we who took apples to the teacher and wrote essays about visits to temperate farms (...) school remained a private hemisphere. (p. 95)

Também os estudantes fora da escola são tomados pelo mesmo sentimento de estranheza às pessoas e coisas da ilha:

(...) we were also in our private hemisphere, and we walked through the streets of our city like disrespectful tourists to whom everything that was familiar to the resident was quaint and a cause for mirth; a snatch of conversation, the shout of a vendor, a donkey-cart. (p. 96)

Na escola, vamos encontrar a gênese de um mundo ideal, enganoso, que se caracteriza pelo "deve ser" e não pelo "que é". A inutilidade de certos ensinamentos divorciados da realidade aqui se evidencia: "This version contains a few lessons. One is about the coronation of the English King and weight of his crown, so heavy he can wear it only a few seconds". (p. 90)

Singh, portanto, denuncia o processo cultural como enganoso e sem perspectivas — "school is such pointlessness" (p. 91) — porque a escola não prepara o indivíduo para uma vida dentro da realidade em que se acha inserido. E Singh mostra como ele próprio foi vítima desse processo, através da carta que escreve como solicitação de uma tarefa:

Dear Sir, I humbly beg to apply for the vacant post of shipping clerk as advertised in this morning's edition of the Isabella Inquirer.

I am in the fourth standard of the Isabella Boy's School and I study English, Arithmetic, Reading, Spelling and Geography. I trust that my qualifications will be found suitable. School overs at three and I have to be home by half past four. I think I can get to work at half past three but I will have to leave at four. I am nine years and seven months old. Trusting this application will receive your favourable attention, and assuring you at all times of my devoted service, I remain, my dear Sir, your very humble and obedient servant, R.R. Singh. (p. 91)

Nessa carta a impossibilidade de ação, a ingenuidade, a falta de informação, revelam o despreparo do estudante distanciado da realidade do dia a dia.

Singh destaca outro fator de desordem ao ver no seu ambiente escolar um lugar de conflito, gerador de preconceitos sociais, raciais e culturais, pois há um grande número de raças existentes na ilha: franceses, chineses, indianos, ingleses, africanos e mais os frutos desta miscigenação — povos que constituem a etnia de Isabella. Ocupam o mesmo espaço, mas provém de mundos diferentes. Daí a diversidade no pensar, no agir, no sentir, o constante desafio e o espírito de competição que se inserem na categoria de desordem e caracterizam Isabella. A escola reflete a sociedade local além de despersonalizar o indivíduo. Exemplo de despersonalização é a personagem esfacelando seu nome numa tentativa de se valorizar e alcançar status, igualando-se através da adaptação do nome ao padrão de uma família da ilha:

I gave myself a new name. My own name was Ranjit Kripalsingh. That gave me two names, but Deschampsneufs had five apart from his last name, all French, all short, all ordinary, but this conglomeration to the ordinary wonderfully suggested the extraordinary. I thought to compete, I broke Kripalsingh into two, correctly reviving an ancient fracture, as I felt; gave myself the further name of Ralph; and signed myself R.R.K. Singh. At school I was known as Ralph Singh... In this way I felt I mitigated the fantasy or deception; and helped in school reports, where I was simply Singh R. From the age of eight till the age of twelve this was one of my secrets. (p. 93)

Singh inspirou-se para isso num colega, Deschampsneufs, porque nele vê a segurança, o respeito conquistado na ilha, o status, a deferência, enfim tudo o que é proporcionado por sua invejável posição social e econômica, que não faz parte de seu próprio mundo nem da maior parte dos mundos dos habitantes da ilha.

A escola também é vista como uma fonte geradora de alienação. Browne é o representante da raça negra, elemento aparentemente bem integrado na vida da ilha e aceito na sociedade de Isabella. Seu refúgio é o mundo dos espetáculos.

"Browne was also famous. He knew many funny songs and whenever a song was required at school he was asked to sing". (p. 92)

Dentro deste espaço, Naipaul revelando como cada estudante se refugia num espaço ideal, demonstra como se dá o processo de alienação e a conseqüente evasão do espaço real

de Isabella.

Hok nos apresenta o resultado da miscigenação da raça negra com a chinesa. É vítima do preconceito da ilha. Assim como Singh — inspirado em suas leituras secretas — ele se refugia num mundo ideal, é um mundo longínquo que ele, através de suas fantasias, localiza na China. Singh identifica-se com Hok porque ele "had dreams like mine, was probably also marked, and lived in imagination far from us... China was the subject of Hok's secret reading" (p.98). Quanto ao preconceito racial existente na escola, ele é denunciado quando Hok e seus colegas participam de uma atividade extra-classe.

We were enjoying the sights of our city in this way one morning when some of the boys began to titter and whip their fingers, calling the teacher's attention.

One boy said, "Sir, Hok went past his mother just now and he didn't say anything at all to her".

(...) We looked for the mother, the hidden creature whom Hok saw every day, had said good-bye to that morning and was to see again in two hours or so at lunchtime. She was indeed a surprise, a Negro woman of the people, short and rather fat, quite unremarkable.

"Hok, go this minute and talk to your mother!" (...) Hok the nervous, the secret reader, the eater of paper and ties, now totally betrayed and as ordinary as the street. The poor boy was crying.

It was for this betrayal into ordinariness that I knew he was crying. It was at this betrayal that the brave among us were tittering. It wasn't only that the mother was black and of the people, though that was point; it was that he had been expelled from that private hemisphere of fantasies where lay his true life. (p. 97)



Cecil, tio de Singh, é seu colega em Isabella Imperial School. Sua posição social e econômica é invejável. Cecil é o herdeiro de Bella Bella (uma fábrica de bebidas de seu avô). Ele busca se identificar com os heróis dos filmes de Western, adotando os seus padrões de comportamento:

Cecil never ceased to enjoy his money and never lost the desire to startle the poor by his money(..)Pleasure for him appeared to lie in an increase in self-violation; he was like a man testing his toleration of the unpleasant(...) I believe (they) saw themselves acting out a film. (p. 158)

Eden é o mais pobre de todos, de origem humilde , africana. Igualmente, refugia-se num mundo ideal — o asiático — onde não sofre as imposições do preconceito e as limitações econômicas. Seu ideal é ser tal qual o personagem do livro Lord Jim:

(...) Eden had fixed on Asia as the continent he wished to travel in; he had been stirred by "Lord Jim". His deepest wish was for the Negro race to be abolished; his intermediate dream was of a remote land where he, the solitary Negro among an alien pretty people, ruled as a sort of sexual king. Lord Jim, Lord Eden. (p.151)

A escola exerce, portanto, como se pôde constatar, um papel duplo, no qual se evidencia como fonte de ordem e de desordem. Ao mesmo tempo que exerce sua função de transmissora de valores e padrões pertencentes a uma realidade ideal (a do colonizador) também pode ser vista como elemen-

to alienador, gerador de fantasias e aglutinante dos diversos ramos étnicos da ilha, que ali se reúnem obedecendo um padrão ideal de integração. Assim, as duas forças ordem e desordem se intercalam no ambiente escolar — um pequeno reflexo da sociedade multi-racial de Isabella.

Ao lado da escola o cinema<sup>3</sup> também se apresenta como um órgão de transmissão de valores e padrões. O cinema tem por função ser uma fonte transmissora de cultura importada; cultura que projeta padrões e paisagens que contrastam com os de Isabella. É através do cinema que tomamos conhecimento de outras realidades e de atores que se transformam em ídolos. É igualmente nesse local que surgem as fantasias que nutrem e vivificam o Mundo Ideal. Nele Singh e outras personagens buscam refúgio evadindo-se do meio hostil e desordenado em que vivem:

I had begun to spend much time in the cinema. It was my own refuge. On week-days I went either to the late afternoon show or the evening show. On Saturdays I went to the one-thirty afternoon show which some of the cheaper cinemas put on. It was the hottest time of day, but these shows were packed out by the young, attracted like myself by the atmosphere of holiday and licence. It was shockingly bright when we came out at about four; this was as dramatic and pleasing as the shock of true heat after an air-conditioned room. (p. 151/152)

Outra função do cinema é a de alienar os jovens do Mundo Real, porque lhes favorece a identificação com os ídolos da tela, o que lhes proporciona uma compensação e pa

drões de comportamento estranhos àquela sociedade. Esta função é evidenciada pelo comportamento de Cecil pautado no dos heróis do farwest:

Cecil's father bought a cinema in the country. It was the last thing he bought(...)The cinema became Cecil's toy(...)It was also another place to drive to. He was in and out of the cinema with his valet, harassing the manager; it gave him pleasure to be recognized in the village as the man who owned the cinema. He arrived drunk one evening, when a film was running, and ordered the manager to put on the hall. He walked in, Luger in hand, his valet behind him. They climbed up to the stage... He fired one shot into the floor and one at the ceiling.(p. 165/166).

Deste lugar gerador de fantasias, o narrador nos leva a outros ambientes, sempre evidenciando o contraste ordem/desordem. As casas de Browne e Deschampsneufs estão no caso.

A casa de Browne mostra um ambiente onde se misturam elementos que se contrapõem entre a ordem e a desordem. A sala de visitas da casa é estreita sugerindo uma idéia de opressão. Singh a vê como. "a prison of the spirit in which Browne lived" lembrando também uma rotina, "which he awakes every day". (p. 150)

Os objetos que compõem este ambiente revelam o interior de uma casa humilde, de família proletária, onde a falta de refinamento e de bom gosto pode ser notada no amontoado de coisas que não obedecem aos padrões da ordem e da harmonia:

...It was a narrow room, bounded by a maroon curtain whose reflection darkened the stained and polished floor. Beyond the rockers on which we sat four upright cane-bottomed chairs were arranged around a marble-topped centre table on three legs. The marble was covered with white lacy material. On it was a brass tray with a stunted but still topheavy palm in a tin wrapped around with crepe paper. At the top of the tin the crepe paper was finely fringed, almost minced, and fluffed out. On one wall, ochre-coloured with white facings, there were framed pictures of Joe Louis, Jesse Owens, Haile Selassie and Jesus. Against the opposite wall was a glass-doored cabinet with coloured tumblers, cherubs and pink-and-white ladies in glazed clay, three drunk top-hatted men in battered evening dress under a lamp standard, and a bouquet of paper flowers. (p. 149)

As alusões aos quadros de Joe Louis, Jesse Owens , Haile Selassie e Jesus mostram uma mistura de ídolos, a confusão entre o profano e o religioso — sentimentos antagônicos — e dão a Singh a certeza que Browne "In those rooms (he) collected his facts, out of which he could make no pattern". (p. 150)

A casa de Deschampsneufs é o próximo ambiente a ser registrado. Tem uma dupla função: a de relacionar as personagens Deschampsneufs e Singh com o passado, onde se movimentam seus antecessores, e, evidenciar as diferenças raciais e sociais tão constantes naquela sociedade:

There were photographs on the walls of various members of the family, including one which I took to be of the great Deschampsneufs, the leader of the man without in 1877. There was also a very large oil painting of a woman in early nineteenth - century costume. The

painting looked new and shiny and I thought it was appallingly done. There was also group photographs; pictures of the French country-side; one or two of French châteaux; and a half a dozen old prints in old frames of Isabellan scenes: people landing on surfy beaches and being taken ashore on the backs of naked Negroes, forest vegetation, a waterfall, Negroes in straw hats and striped knee length trousers rolling casks of rum. There were also, on one wall, the photographs at which I feared to look: racehorses, Tamango no doubt among them. (p. 169/170)

Verdade e mentira se interpenetram na composição dos elementos decorativos do ambiente. O quadro da dama do século XIX "very large", "new and shiny", "appalingly done" é o elemento revelador do segredo da família, cuja origem não está realmente ligada ao mundo das letras francesas — mas precisamente ao autor de Le Rouge et le Noir, Sthendal — como querem fazer crer. O quadro tido como prova dessa ligação, faz parte de uma farsa. Mais uma vez o ideal choca-se com o real:

It was done by a man in Florida or Minnesota or some such place. He paints from photographs and my father sent him a sketch of some sort. There is another one, if you want to know, in my parents "bedroom". (p. 175)

Entre as fotografias presas à parede, Singh vê a dos cavalos de raça, o que o leva a lembrar Tamango, um cavalo morto por seu pai, causa de antagonismo entre as famílias. A função das fotografias é, portanto, relacionar paisagens, pessoas e fatos com a história da ilha há mais de um século passado e, ao mesmo tempo, evocar a ligação dos Deschamps-

neufs com a França. Elas se justapõem às de Isabella que ali estão para evidenciar a respeitável posição social da família. Na casa dos Deschampsneufs, conseqüentemente, a herança tradicional convive com a fragilidade de uma farsa.

Outro ambiente que se destaca é o cais. É o portão de Isabella aberto para o mundo. Tem por função estabelecer o contraste da ilha vista à distância como um cartão postal, e a verdadeira Isabella, vista como um foco de desarmônia e desordem, como já mencionado:

As we drew nearer the docks the island of the travel poster vanished. Hills, palms and fishing boats in the morning grey gave way to the international paraphernalia of dockside; tall ware-houses bounded and shadowed our view of cranes, asphalt and a small old locomotive. Here and there a near-naked Negro in spectacularly ragged khaki shorts lounged in a parked lorry. Thoroughly, tropically futile he might have seemed to a sight hungry visitor; but I knew that his garments were his so-called working clothes, that he was a docker, and that he belonged to a particular cantankerous trade union whose go-slow and general wilful inefficiency had been the subject of innumerable fruitless inquiries. (p.52)

Dentro da narrativa são ressaltadas as cores escuras que envolvem este ambiente de trabalho, em que a indolência se apossa dos estivadores, contrastando com a movimentação daqueles que chegam. Mais uma vez o contraste se estabelece entre duas situações contrárias. O cais é para Singh um local de conflito, pois sua mãe dele se utiliza, para demonstrar sua hostilidade e preconceito contra o cas

mento dele com uma jovem inglesa, Sandra — o elemento colo\_ nizador. O protesto é acompanhado de uma ruptura familiar porque Singh quebrara uma tradição de família casando-se com uma estrangeira:

(...) There rose the most fearful clamour (...) It was a scene, perhaps the grandest that had been granted her, and was recompense of a sort for the ridicule I had exposed her to, particularly from those families with marriageable daughters by whom, during my absence, she must have been courted(...)we are a melodramatic race and do not let pass occasions for public display(...)the gesture of rejection realizing the nature of her reception hesitating in her already tentative approach to the frenzied figured of my mother, and finally standing still, the center now of a scene which was beginning to draw a fair , audience of dockworkers roused from their langour, passengers, visitors, officials, the crews of ships of various nations. (p. 52-3)

Simbolicamente o cais pode ser visto como uma assembléia onde se reúnem povos de todas as partes do globo , congregando pessoas de todas as raças e classes sociais. Uma boca onde qualquer manifestação oral será veementemente tes\_ temunhada pelo mundo.

A casa de Singh e Sandra têm como função ressal- tar a falta de ordem existente na vida do casal e a sua bus\_ ca de adequação à ilha. Não criar raízes é uma constante na conduta do casal porque nada possuem que precisem conservar; pertences, tesouros, tradição, objetos culturais. Conseqüen\_ temente não têm necessidade imediata de construírem uma ca-

sa. Portanto, o próximo cenário é o de uma casa alugada que apresenta elementos que se contrapõem, evidenciando, como em toda a narrativa, o contraste entre ordem e desordem. Este se faz notar através dos elementos que compõem a casa: a casa é colonial, ligeiramente decadente, no entanto abriga uma cozinha moderna. É ampla, porém vazia, é atraente, mas não os entusiasma. Singh assim a descreve:

It was one of those large timber town houses of the old colonial period, slightly decaying in spite of its modern kitchen. We both thought it attractive but for some reason we had never succeeded in colonizing it. Large areas of it remained empty: it felt like a rented house, which soon has to go back to its true owner.<sup>42</sup>

A cozinha é também um espaço importante na narrativa. Num plano simbólico a cozinha é fonte de vida, de alimento e calor, como deve ser uma mulher. Aqui, contrariamente é o ambiente da casa que o narrador escolhe para refletir a apatia, a falta de interesse de Sandra pelo lar. A atmosfera que emana da cozinha onde impera o abandono, a sujeira, a inatividade, retrata a maneira de ser de Sandra enquanto ali vive.

Sob outro aspecto a cozinha é colocada com a função de evidenciar o elemento de renovação, consumismo, dentro de uma estrutura colonial antiga, tanto que ela não é usada convenientemente.

The well-equipped kitchen of our rented house was cold for much of the time. Little came out of it: coffee and toast, hot milk, scrambled eggs, some simple bit of frying. On the shelves



were musty, once-used tins and drums of herbs; at night, as soon as the fluorescent tube jumped into dazzle, cockroaches scattered lightly in all directions over bare white surfaces. The women of our group were outraged. (p. 69/70)

Mas a casa não os prende: "... to me as well to Sandra our house was something to get out whenever we could" (p. 70) , pois verdadeiramente não é um lar.

E, assim como a casa alugada, a ilha também não lhes oferece atrações: "Into that most inferior place in the world. Where could we go?" Tudo havia sido explorado neste lugar agora considerado inferior, pois os lugares naturais haviam perdido seus encantos. Tentavam se distanciar da realidade local buscando outras emoções que lhes invocassem coisas maiores e procuravam no aeroporto, no bar, nos restaurantes, casas noturnas, centros de relações efêmeras, um refúgio para fugir à monotonia, que minava a vida conjugal. Fora do ambiente doméstico o casal procura aparentar felicidade buscando a alegria nos prazeres da bebida e do sexo, ao mesmo tempo chocando a sociedade local com suas atitudes irreverentes:

At nights we would go out driving, just for the sake of motion. We drove to the airport and sat drinking in the lounge with intransit passengers, listening to the names of foreign cities. We hunted out every new bar or restaurant or nightclub (...). We were at our happiest outside, in a crowd, late at night, the champagne working, that we communed. (...) And so, in public, we would commune. It was the word we used. (...) On a high settle she might then sit, her head and shoulders jammed against the wall, her feet hanging loose over my shoulders as I sat on the floor below the settle; and I would be content, kissing and stroking those feet and legs which twitched and squeezed in answer. As much as by Sandra's cold kitchen the feminine instincts of Europe and Asia were outraged - and perhaps rightly - by these public displays. (p. 70)

Outro ambiente a merecer destaque é o da casa romana, que Singh decide construir, mais tarde, em Crippleville. Ela traduz o anseio da personagem de deixar suas raízes, agora no espaço de Isabella. Entre outros modelos Singh escolhe o da casa romana, porque sente-se atraído pelas linhas simples e austeras daquela construção, pertencente a uma civilizaçã\_o que se impôs, em seus primórdios, pelo espírito de ordem, força e conquista - elementos constantes no mundo idealizado pelo protagonista. Entretanto, a solidez da casa, o senso de ordem que inspira, contrastam com a fragilidade das relações conjugais de Singh e a desordem que passa a imperar na sua vida com Sandra. E à medida que a casa vai sendo edificada o interesse do casal pela mesma vai decrescendo. A construção não mais empolga. Ela lembra um ritual cujo significado foi perdido:

(...) at Crippleville our Roman house was being built. We had both lost interest in it, but we both kept this secret from the other. It is a strain to inspect the progress of a house in which you know others will live. A house, though, is one of those things in which the principle of inertia is clearly demonstrated. It is more difficult to abandon the building of a house than take it to end. To the end we took ours through all the rites that go with the building of the house, sacred symbol, until we came to the final rite, the housewarming, the installing of the household gods who convert brick and timber into something more. (p. 73)

A inauguração da casa romana tem como função colocar em destaque o contraste entre o idealizado e a realidade. As linhas simples e a austeridade daquela habitação não se harmonizam com o luxo e a licenciosidade que reinam naquele

ambiente festivo e desordenado. A solidez da edificação, lembrando segurança e estabilidade não combina com a presença dos policiais, pois esta ressalta a necessidade de segurança e evidencia uma Isabella dividida entre os que tudo podem e tudo usufruem e os que nada têm: a classe daqueles que observam por detrás dos portões; portões que separam o mundo dos desfavorecidos e dos privilegiados:

The lights, the food, the illuminated swimming pool (our modification of the Roman impluvium) the discreet band; the shining faces of those outside the gates who had come to watch; the road choked with motorcars, and even a couple of policemen, like hospital attendants with their white night armbands. (p. 73)

A presença dos policiais sugere ainda a possibilidade do ambiente ser perturbado por um surto de desordem vinda do lado de fora dos portões. Contudo, a desordem origina-se no interior da casa romana, quando o comportamento irreverente dos convidados quebra a austeridade do ambiente, contrariando os padrões de ordem que Singh pretendia ali adotar:

... within seconds the ball was sent from hand to hand, from pool to house to pool again, and there was a positive destroying fury. The pool was set centrally, so that damage was satisfying and easy. There rose excited laughter; it seemed that at the first, releasing sound of breaking glass and china a sort of hysteria had set in among our guests. Everyone pretended to be drunker than he was; everyone was suddenly very active. (...) Just pictures: of the disturbed blue of the pool, rocking to rest in an instant of stillness, of the splashed edges of the pool, the bright lights, the

recessed areas of gloom, the flies fluttering above the caged underwater light, the faces of one or two registering so clearly the thought that I had gone mad about me the splashings and the spilled drinks and wasted food. (p. 74/75)

O ambiente da casa romana que deveria refletir a ordem se transforma no caos. O turbilhão da desordem leva Singh a desejar estar longe dali, pois como a personagem mesmo afirma: "In the center of all this I felt a stranger..." (p. 73). A agitação da qual participam os convidados com "a positive destroying fury" e "a sort of hysteria" revela que o novo ambiente proposto por Singh é inadequado àquelas pessoas levadas pela inconsciência. Por extensão, os ideais ditados pela austeridade e simplicidade da casa romana são incompatíveis com os padrões da sociedade isabellana.

A casa romana ainda será, no decorrer da narrativa, o cenário onde Singh inicia sua vida de homem público, abraçando a carreira política e o jornalismo. É no seu interior que se dá o reencontro do protagonista com o seu ex-colega Browne, resultando no aparecimento do jornal "The Socialist" e mais tarde na transformação da casa num reduto de idéias e movimentos encabeçados por ambos. Até o rompimento com Browne ela é considerada como o centro de poder onde se aninha a vaidade de algo que está sendo criado:

The truth of our movement lay in the Roman house, the court inside, the guard outside (...) There was also vanity; the vanity of the prime mover

who believes it is in his power to regulate what he had created (...) The truth of the movement lay in the Roman house. (p. 196)

Conclui-se que a casa romana, assim como outros espaços nos quais Singh tentou se fixar, não consegue dar à personagem a estabilidade tão desejada. Até os acontecimentos políticos que ali tiveram lugar não têm o êxito esperado. E o paradoxo ideal/realidade culmina com o abandono da casa pelo próprio Singh.

Os espaços destacados e analisados revelam-nos o confronto de Singh com a desordem, elemento constante nos cenários que compõem o ambiente da narrativa de The Mimic Men, ligados ao mundo de Isabella. Os elementos espaciais têm como função, como vimos, mostrar o distanciamento da personagem, a sua necessidade de preencher a vida com determinado objetivo, capaz de fazê-la sentir-se autêntica e participante; também evidenciam a inutilidade de seus intentos. Por outro lado, ao inserir a personagem nos espaços de Isabella, o autor faz uma radiografia da ilha, revelando-a sem disfarces em toda sua realidade. Em Isabella a busca não termina. Ela se desloca para Londres — espaços que trataremos a seguir.

## NOTAS

<sup>1</sup>"The Black Swam" filme produzido em Hollywood estrelado por Tyrone Power e Maureen O'Hara anunciado no Trinidad Guardian em agosto de 1943. Citado por WHITE, L. V.S. Naipaul a critical introduction. London, Macmillan, 1975.

<sup>2</sup>WHITE, L. p.164.

<sup>3</sup>NAIPAUL, V.S. The middle passage. p.63-4. Em seu livro The middle passage, Naipual ressaltava a importância dos meios de comunicação numa sociedade colonial - Trinidad. Ao se referir ao cinema, rádio e jornal, ele nos faz perceber alguns aspectos da influência desses órgãos sobre aquela sociedade.

Em The Mimic Men, Naipaul também se refere aos órgãos de comunicação, apontando os seus efeitos sobre a comunidade de Isabella e reforçando, assim, as observações contidas em The middle passage: "Newspapers and radio were, however, only the ancillaries of the cinema, whose influence is incalculable. The Trinidad audience actively participates in the action on the screen. (...) the audience continually shouts advice and comments; it grunts at every blow in a fight; it roars with delight (...) It responds, in short, to every stock situation of the American cinema.

In the immigrant colonial society, with no standards of its own, subjected for years to the second-rate in newspapers, radio and cinema, minds are rigidly closed; and Trinidadians of all races and classes are remaking themselves in the image of the Hollywood B-man. (...) To the Trinidadian mind, however, no absurdity attaches to the pretence of being American in Trinidad (...) They can never completely identify themselves with what they read in magazines or see in films.

### 2.3 LONDRES

É neste espaço onde decorre uma parte da vida do protagonista, que o processo de busca da ordem mais se acentua. Em Londres torna-se mais nítido o distanciamento entre o mundo idealizado em Isabella e aquele com o qual se depara na realidade da grande metrópole. Londres é o palco onde a personagem se movimenta, tentando de espaço em espaço encontrar-se e colocar uma ordem em sua vida. Entretanto, é a desordem que se insinua em todas as coisas, colocando suas notas dissonantes mesmo na aparente harmonia dos ambientes, tidos como atraentes e promissores. Realmente, os contrastes fazem parte da vida londrina e não apenas Naipaul os destaca, outros escritores também o fazem, como Jan Morris.

Segundo Jan Morris<sup>1</sup>, Londres "é uma cidade entre inquieta e expectante, como um ator indeciso que não soubesse ao certo que papel escolher". Realmente, Londres é acima de tudo uma cidade marcada pelos contrastes que vão desde o grandioso até o mais exótico. Nela, o dinamismo que faz viver as grandes cidades e movimenta a história, seja de uma nação, de uma sociedade ou do simplesmente humano, revela-se em sua forma dual: ordem e desordem, colocando em todas as coisas o selo da transformação.

A História nos conta que Londres foi a primeira capital industrial, a primeira capital parlamentar e o berço das grandes experiências políticas e sociais. Ao mesmo tempo, as crônicas da cidade nos dizem que lá já agiram terríveis criminosos, espiões, ao lado de romancistas célebres, de nomes respeitados pela ciência e destacados astros do esporte.

Em Londres o desagradável sempre se faz disfarçar pela presença do fantástico, que consegue magistralmente fazer do comum um ritual excêntrico. A sensação de se estar num palco é uma constante na cidade — diz Jan Morris, para quem os mais teatrais dos espetáculos londrinos fazem parte integrante do "status" da cidade. E ilustra sua asserção descrevendo a posse de um membro da Câmara dos Lordes:

.... o novo par do reino apareceu vestido de vermelho arminho, escoltado por dois colegas e precedido por um funcionário de calções ne gros segurando um bastão de ponta dourada. Os três pares(...)em conjunto curvaram-se diante do Grande Chanceler do Reino. Simultaneamente eles tiraram o chapéu (...). O Chanceler tirou o seu. Duas vezes mais, sem ruído, o ritual foi repetido — sentar, levantar, tirar os chapéus, curvar-se, pôr os cha péus, sentar-se. Aquilo (...) era um acontecimento à moda de Londres.<sup>2</sup>

Entretanto, ao mesmo tempo que conserva religiosamente a tradição (por mais absurda que às vezes pareça ser) Londres vai mudando rapidamente, tornando-se uma cida



de das mais cosmopolitas, para onde acorrem emigrantes de todas as partes. Jovens das mais variadas nacionalidades sentam-se nos degraus de suas estátuas e deitam-se em suas praças, tomando de assalto a cidade, enquanto conversam entre si em línguas desconhecidas. Deste modo formam-se, em Londres, comunidades deslocadas onde ninguém parece contente e a violência e o preconceito imperam. Contudo, Londres não pára e novas transformações sucedem-se dando-nos a impressão de que em lugar nenhum como ali, uma cidade sabe melhor tomar conta de si mesma.<sup>3</sup> Estas características que marcam Londres nos oferecem uma idéia mais nítida do ambiente dessa cidade, onde se processará mais uma etapa do processo de busca da ordem, no qual Singh se empenha.

Assim, como no mundo de Isabella, o autor se utiliza do mesmo processo de contraposição ordem/desordem, para mostrar o cenário londrino, no qual o narrador coloca a sua ideação: um mundo de luz

... I would sit in Lieni's basement room, in the clutter, and study the light, not willing to risk losing any gradation in that change. Light was slowly withdrawn: a blueness remained, which deepened, so that before the electric lights began to make their effect the world seemed wholly aqueous, and we might have been at the bottom of the ocean. Then at night the sky was low; you walked as though under a canopy; and all the city's artificial lights, their glow seemingly trapped, burned intensely; and sometimes the wet streets threw up their own glitter. (p. 18)

Não tarda, porém, a decepção diante do que realmente encontra ao constatar a transformação daquele mundo de luz, para ele todo proteção e solidez, num mundo desagregado, embaçado, "onde cada pessoa escondia sua própria escuridão":

*In the great city, so three dimensional, so rooted in its soil, drawing colour from such depths, only the city was real. Those of us who came to it love some of our solidity; we were trapped into fixed, flat postures. And, in this growing dissociation between ourselves and the city in which we walked, score of separate meetings, not linked even by ourselves, who became more than perceivers: every one reduced, reciprocally, to a succession of such meetings, so that first experience and then the personality divided... Each person concealed his own darkness... (p.27)*

Constatamos que a desilusão com aquele mundo anteriormente idealizado e agora percebido como artificial e enganoso, provoca na personagem uma gradativa fragmentação, que se estende aos diversos ambientes e pessoas, localizadas pelo narrador em Londres. À medida que Singh se vai dividindo, sua visão vai se modificando. As estruturas que lhe pareciam sólidas e fortes vão desabando. Tudo se esvai e a incomunicabilidade, o vazio, a desorientação, o distanciamento, enfim, a desordem em todos os seus aspectos, se faz presente.

Desta forma a expectativa de Singh, no cenário londrino, onde ele esperava o desabrochar da ordem cultivada no seu mundo ideal, sofre um arrefecimento. Londres que era a possibilidade de concretização dos elementos constituintes

do seu mundo ideal (não encontrados em Isabella), mostra agora um aspecto ambivalente: "Here was the city, the world! I waited for the flowering to come to me" (p. 18). Ao mesmo tempo que a amplidão é enfatizada, Londres reduz as pessoas a "individuals" onde cada homem é comparado à uma "private cell". Dá-se o contrário, pois em vez de desabrochar, o protagonista retrai-se premido pelo meio ambiente londrino:

How easy it was to dwindle in this city! (...) Where now the magical light? I walked about the terrible city. Wider roads then I had remembered, more cars, a sharper smell (...) I was bleeding, with that second intimation of the folornness of the city on which, twice, I had fixed so important a hope. (p. 224/225)

O fato de conhecer nomes e lugares famosos não muda em nada a sua condição de homem sem rumo — um estranho naquela "solidy city" cuja vida "was two dimensional".

Singh continua a oscilar entre o mundo real e o ideal. Em Londres também não encontra resposta aos seus anseios:

I would play with famous names as I walked empty streets and stood on bridges. But the magic of names soon faded. Here was the river, here the bridge, there that famous building. But the god was veiled. My incantation of names remained unanswered. (p. 19)

Seu desapontamento acentua-se cada vez mais, evidenciando-se o seu amargor, quando assim se refere a Londres:

So quickly had London gone sour on me. The great city, centre of the world, in which fleeing disorder, I had hoped to the beginning of order. So much had been promised by the physical aspect. That marvel of light, soft, shadowless, always protective. (p. 18)

Os fatores artificiais emprestam intensidade ao cenário, sugerindo expressivamente a desilusão. A luz artificial reforça o que há de enganador. Ela somente brilha à noite, quando as sombras disfarçam a realidade das coisas, pois a escuridão sendo maior vence a luz, centrada apenas em determinados pontos. Por isso dentro do cenário londrino, a luz é o elemento, por excelência, capaz de traduzir o encanto e o desencanto de Singh. Ela indica o aspecto fraudulento, frio, artificial, enganoso da cidade. Os ideais de Singh também pareciam ter brilho duradouro, mas a realidade fê-lo ver o contrário.

Singh é sempre um espectador procurando participar do brilho que seus olhos vêem nos ambientes que percorre, sentindo-se sempre estranho em Londres, onde ele diz: "I could never feel myself as anything but spectral, disintegrating, pointless, fluid" (p. 52). Seu desencanto atinge o clímax, quando ele revela seu desajuste ambiental e igualmente psicológico, através de uma sucessão de elementos materiais que evocam o descontentamento e a desordem:

(...) the anguish of London, after the mean rooms, the shut door, the tight window, the tarnished

ceiling, the over-used curtains, after the rigged shilling-in-the slot gas and electric meters, the dreary journeys through terraces of brick, the life reduced to insipidity... (p.56)

O próprio Singh portanto, nos leva a perceber que suas expectativas de encontrar em Londres as características do mundo ideal, apresentaram um resultado oposto, o que constataremos nos ambientes que iremos apresentar.

Além do aspecto já mencionado: Londres como uma cidade "two dimensional" convém destacar um segundo aspecto, o de Londres "three dimensional", que apresenta além dos planos físico e ideal, o plano individual. Este é constituído pelo mundo dos que participam com Singh da luta pela conquista de um lugar, no contexto da grande cidade.

Dentro do ambiente londrino localizamos Singh numa pensão, ambiente transitório, assim descrito pela personagem:

... I found myself after a few days in a boarding-house, called a private hotel in the Kensington High Street area. The boarding-house was owned by Mr. Shylock. (...) I paid Mr. Shylock three guineas a week for a tall, multi-mirrored, book-shaped room with a coffin-like wardrobe. (p. 05)

O ambiente apresentado como quarto de Singh, mostra-se reduzido, estreito e retangular, qualificativos que indicam limitação espacial e refletem o diminuto campo de ação e a impossibilidade

de de expansão da personagem. O adjetivo "tall" indica a redução do indivíduo no ambiente e por extensão dentro da cidade onde ele é um simples anônimo. O formato de seu guarda-roupa o faz parecido com o de um caixão mortuário e reforça a idéia de um local acanhado, sufocante e cerceador. Os diversos espelhos, por sua vez, irão constituir os reflexos daquele ambiente e da alma da personagem, pois simbolizam a multiplicidade de imagens que Singh cria para si, buscando sempre uma identidade. Também a menção ao pagamento semanal, simbolicamente um tributo que lhe confere o direito de alifcar, pode ser entendida como um distanciamento entre ele e a cidade.

Naipaul aproveita, por conseguinte, o cenário do quarto de Singh para contrapor a situação da personagem vivendo em um pequeno espaço e a sua pretensão de conquistar a expansão da cidade grande, onde o frio, a garoa, empanam a luz:

I went up to my narrow room (...) It was very cold. It went dark in the room, and I noticed that the light outside was strange. It was dead, but seemed to have an inner lividness(...) Then it began to drizzle. An unusual drizzle. (p.06)

Outra função dada ao quarto é a de questionar a falta de possibilidades, de êxito, amplidão, na cidade grande: "How in the city could largeness come to me?" (p. 28). Novamente, a frieza e a escuridão do quarto revelam o esta-

do interior da personagem, desorientada, sufocada pelo ambiente opressivo. A luz lá fora, embora fraca, estranha e mortífera, projetada de uma janela alta, apresenta-se como uma frágil esperança de expansão vinda de um outro mundo a conquistar.

O quarto ainda tem por função mostrar o processo de solidão e depravação que atinge a personagem, pois torna-se um local de encontros amorosos: "I took to retaining trophies from girls who came to the book shaped room" (p. 25). O que a leva a concluir que este ambiente reflete o seu mundo em degradação. "My world was being corrupted..." (p. 30).

Outro ambiente é o quarto de Mr. Shylock que tem como função mostrar o local dos encontros amorosos do proprietário da pensão. Este quarto também dá a Singh uma visão da morte e a diferença que há entre a realidade daquele espaço e a realidade idealizada por ele. Por estar situado no sótão, o quarto tem simbolicamente o sentido de algo superior a ser alcançado, tal qual um ideal; para Singh ele era luxuoso, requintado, à altura de abrigar a "importante figura" de Mr. Shylock, cujas maneiras finas e distintas, aliadas à imagem de um conquistador bem sucedido, eram dignas de serem copiadas pela personagem. Com a morte do proprietário, porém, Singh toma consciência da verdade, pois ao penetrar no quarto percebe o gritante

contraste entre o ideal e o real. Por sua vez, a passagem do ideal para o real se faz através da escalada, que o leva em direção ao quarto e à luz da clarabóia. Assim como a luz perde o seu encantamento tornando-se artificial, o quarto perde a sua atração. É vazio, frio e nele tudo se harmoniza com a imagem de desordem. As paredes nuas, a sujeira e a pobreza conferem àquele lugar um aspecto decadente, refletem um mundo acanhado, mesquinho, completamente diferente do imaginado por Singh:

I went out to the dark passage and stood before the window. Then I climbed up and up, towards the skylight, stopping at each floor to look out at the street. The carpet stopped, the stairs ended in a narrow gallery. Above me was the skylight, below me the stair — well darkening as it deepened. The attic door was ajar. I went in and found myself in an empty room harsh with a dead — fluorescent light that seemed artificial. The room felt cold, exposed and abandoned. The boards were bare and gritty. A mattress on dusty sheets of newspapers; a worn blue flannelette spread; a rickety writing-table. No more. (p. 06)

Outra função do quarto é a de revelar o lado desconhecido de Mr. Shylock, não condizente com a imagem que dele fazia Singh — quarto e proprietário se harmonizam , porque ambos contêm em seu interior a desordem.

Neste ambiente pobre, Singh encontra uma fotografia desbotada de uma jovem, numa casa suburbana, uma prova das conquistas amorosas de Mr. Shylock:



A creased photograph of a plumpish girl in a woollen skirt and a jumper. (...) An innocent, unarresting face, untouched by the wonder which vice and the world "mistress" ought to have given it. She stood in a back garden. The house behind was like its neighbours. (p. 07)

A janela do quarto leva Singh a perceber a fragilidade do que lhe parecia, lá embaixo, tão sólido. Mostra também a cidade coberta pela neve.

A neve presente neste cenário surge igualmente como elemento acobertador das imperfeições da cidade e sua função é disfarçar e igualar o cenário exterior. Ela empresta a tudo um aspecto ordenado e belo, escondendo o lado negativo das coisas. Contudo, este elemento natural torna tudo frio e falso:

Standing before the window — crooked sashes, peeling paint-work: so fragile the structure up here which lower down appeared so solid — I felt the dead light on my face. Below the lived grey sky roofs were white and shining black in patches. The bombsite was wholly white; every shrub, every discarded bottle, box and tin was defined. I had seen. Yet what was I to do with so complete a beauty? And looking out from that room to the thin lines of brown smoke rising from ugly chimneypots, the plastered wall of the house next to the bombsite tremendously braced and buttressed, looking out from the empty room with the mattress on the floor, I felt all the magic of the city go away and had an intimation of the forlornness of the city and people who lived in it. (p. 07)

E o contraste entre o ideal e o real se evidencia novamen-

te através das vidraças tortas, paredes lascadas, mostrando a fragilidade de uma estrutura que de mais abaixo parecia sólida.

O seu desapontamento não se restringe ao quarto, onde não há calor nem vida, ele se estende à cidade e aos seus moradores. Pessoas que sob roupas finas e maneiras distintas escondem seus ambientes mesquinhos.

O quarto de Liení tem como função apresentar as características de um submundo para onde todos os anseios de ordem convergem, mas a desordem impera. Até mesmo a sua localização no porão favorece a idéia de algo escondido, à parte.

Percebe-se também uma oposição entre o espaço onde ficava o quarto de Mr. Shylock e o de Liení: o primeiro ficava no alto e era um quarto de prazer — "pleasure" — o segundo ficava embaixo e era o quarto de punição — "penalty" —. Embora distantes e aparentemente contrários, têm algo em comum: a desordem tanto material quanto moral que no final acaba por atingir Singh.

O quarto de Liení, de aspecto limitado, sombrio e frio é assim descrito:

It was in a greater mess than usual: assorted haberdashery on the matelpeece together with bills and calendars and empty cigarette packets; clothes on the bed and the lino and baby's crib; old newspapers; a sewing machine dusty with shredded cloth. Beyond the grilled

basement window the small back garden, usually black, was white: snow lay on the weeds, the bare plane tree, the high brick wall. It added to the dampness inside and seemed to add to the chaos. (p. 11)

O protagonista continua a ressaltar o ambiente de desordem onde paradoxalmente, Lieni alimenta a sua fantasia de "English Girl" para conquistar a cidade. O cheiro de bolor, a luz fraca, roupas penduradas na porta, o berço, caixas, a máquina de costura, mostram o ambiente como "a chaos of weak light and deep shadow; ..." (p. 17). O quarto, portanto, reflete Lieni; uma pessoa num ambiente de desordem, procurando dar uma ordem à sua vida e à vida das pessoas que frequentam seu ambiente. A influência do ambiente é negativa, pois as leva à corrupção, à pobreza moral e à uma vida desordenada onde fala mais alto a voz do instinto. As pessoas que ali se aglomeram, submetem-se aos padrões de desordem que predominam no porão: "o quarto da punição".

A sensação de desordem sentida naquele cenário é partilhada por outros hóspedes e frequentadores do quarto, na maioria escória, estrangeiros e coloniais; sensação sentida através do comportamento inusitado dos amigos de Lieni. Entre eles Paul, que no quarto assume outra identidade, transformando-se em "Johnny-boy":

In Lieni's basement rooms this was his "character". He liked wearing an apron and

doing household things. He liked sweeping up dirt, storing it and, before throwing it away, gloating over its quantity... The first thing he did whenever he came to Lieni's was to express horror at the disorder and to set to sweeping. (p. 15)

Já o jovem Dominicu, oriundo de Malta, reage à influência de Lieni e de seu ambiente, embora se sujeitasse a ali ficar.

O quarto funciona, pois, como ponto de união de diversas raças que procuram encontrar nesse ambiente um pouco de calor humano e aceitação, que não lhes oferece a cidade grande. Os amigos de Lieni são pessoas desajustadas, perdidas e insatisfeitas:

Lieni had invited all her friends (...) Several damp macintoshed Maltese came in together and talked glumly in English and their own language. I got the impression they were talking of jobs and money and the current London prejudice that turned every Maltese into a white slaver. The Countess smiled at everyone and said little. Johnny the fascist came in with his wife. He wore his black shirt, a sign that he had been "working" some district. His wife was drunk as usual. (...) Other boarders came down. The girl from Kenya; her man friend, a blond, vacant alcoholic incapable of extended speech and making up for with a fixed smile and gestures of great civility; the smiling, mute Burmese student; the Jewish youth, tall and prophetic in black; the bespectacled young Cockney who had as much trouble with his two Italian mistresses, according to Lieni, as with the police; the Frenchman from Marocco who worked all day in this room, kept to Maroccan temperature with a paraffin stove, translating at speed — he did one or two a month. It was always good to see them, familiar in all the

unknown of the city. But this was how they always appeared: two-dimensional, offering simple versions of themselves. (p. 13/14)

Enfim, Singh dá uma pretensa ordem à sua vida na grande cidade, quando passa a adotar os valores existentes naquele ambiente de desordem. Outra vez o real confronta-se com o ideal.

É no Conselho Britânico, local de encontro para estrangeiros e coloniais que vêm a Londres, que Singh busca desenvolver o papel que adotou: o de "dandy". Ali no Conselho Britânico Singh encontra o lugar ideal para suas conquistas, seus relacionamentos fugazes que não implicam em envolvimento e maior comunicação. Ele procura não se expor, evitando as possibilidades de suas conquistas chegarem a revelar seu "background". De certa forma, o Conselho Britânico é o prolongamento do quarto de Liení:

... In the halls of the British Council there were always women to be picked up... It suited me better to have a relationship with someone whose language I couldn't speak. (p. 22)

Suas conquistas se estendem às galerias de arte:

From the halls of the British Council I wandered off on occasion to the art galleries. I thought that with their vast intercommunicating rooms, their excuse for movement backwards, forwards and sideways, any number of times, they provided perfect hunting ground. (p. 22)

Dentro da análise dos espaços da desordem, Naipaul utiliza-se do trem , elemento de movimento contínuo onde a personagem, a fim de pôr em prática seus novos esquemas de sedução, se apresenta como turista, na tentativa de se autoafirmar através de suas conquistas, pois "The Continental girls were easy to pick out". (p. 22)

O trem nos mostra que as conquistas não se restringem ao espaço do Conselho Britânico, nem ao seu quarto, nem às galerias de arte, foram além, ganhando sucessivamente novas experiências em outros espaços. Utilizando-se desse espaço móvel, Singh sente-se orgulhoso, pois acha que suas viagens de trem são uma forma de conquistar, original e frutífera.

Outro espaço onde vamos encontrar Singh, é o da casa de uma família inglesa — os Murals. Neste ambiente, aparentemente ordenado, a comunicação de Singh com a família é bastante restrita, o que evidencia o distanciamento existente entre o elemento colonizador e o colonizado. Somente as crianças ainda isentas de preconceito, mostram tomar conhecimento da existência de Singh naquela casa, na qual a cor da pele levanta uma barreira entre as pessoas. A própria personagem, anos mais tarde, reconhece que: "You couldn't blame the Murals then for wishing, as the saying now is, to keep Britain white" . (p. 30)

Deslocando-se no espaço londrino a personagem che-

ga ao quarto das prostitutas. O ambiente tem por função indicar o grau de decadência moral a que chega Singh através de suas conquistas. O sexo o faz enveredar pelo caminho da degradação. Este ambiente é descrito como

A very warm ante-room with a gas fire, a wallpaper of flowered, country-cottage pattern, and an elderly cigarette-smoking maid in an upholstered armchair reading the evening paper by the light of a dim ceiling lamp; In the room beyond there was the manageable talk of money and something extra for the maid; then humiliation. (p. 28)

O quarto de luz mortiça, de decoração extravagante, onde reina o sexo, reflete a necessidade crescente de Singh se relacionar com pessoas e buscar "something more immediate and more reassuring (...) I began (...) to frequent prostitutes" (p. 28). O comportamento é puramente instintivo, onde somente os corpos falam.

Entretanto, as tentativas de busca de integração com o meio não param aí, mas, sucedem-se indicando a transitoriedade de seus relacionamentos. E as mudanças de ambientes levam Singh a afastar-se do coração da cidade para o submundo que o distancia cada vez mais dos padrões da ordem de seu mundo ideal:

From room to room I moved, from district to district, going ever farther out of the heart of the city (...) Quickly each area was exhausted (...) But the restlessness remained. It took me to innumerable tainted rooms with drawn curtains and bedspreads suggesting other

warm bodies (...) I had a sight of the prostitute's supper; peasant food, on a bare table in a back room. (p. 30)

Outro espaço em que se confrontam o ideal e o real é a escola, em Londres. Nela a personagem sente a sensação de estar solto, não se ligando a nada. É o local que apresenta, segundo o narrador, aspecto de engano e hipocrisia.

A escola londrina pode ser comparada com a de Isabella. Não eram diferentes os padrões, e a falta de objetivos dos estudantes era a mesma. O que nos é revelado pela presença enfática da forma verbal "playing":

... in the last week of the vacation, having nothing to do, I drifted into the School and discovering nothing to do either, stood in front of the notice board... Those students associations! Playing at being students, playing at being questioning and iconoclastic, playing at being young and licensed, playing at being preparation for the world! The dishonesty of the young! I belonged to none of their association. (p. 41)

Além disso é no ambiente escolar que Singh conhece a "destruidora" Sandra com a qual chega a se casar.

O cartório, cenário onde o casamento se processa, também tem por função indicar o contraste ordem/desordem. É o local onde se efetiva o cumprimento da lei, onde tudo ao ser registrado e ao ser testemunhado se torna legal. Portanto, pode ser considerado como um elemento da ordem; por ironia o cartório neste contexto reflete o preconceito (elemen-



to de desordem) existente na Inglaterra pela união de uma súdita com um colonial do Terceiro Mundo — "the dark romance of mixed marriage" (p. 50). Nesse local, Singh sente de forma ostensiva o preconceito em relação à sua pessoa: e aos que representa (os coloniais) quando, paradoxalmente, o cartorário na hora do casamento orienta Sandra sobre a possibilidade de desfazê-lo. Ele indica à jovem uma associação de proteção à mulher inglesa, fora do país:

The registrar, I remember, was concerned about Sandra. He warned her that in certain countries women could be divorced just like that; with his own hand he wrote out the address of an association which offered information and protection to British women overseas. (p. 49)

A indiferença que lhe é dirigida ali, também se reflete na aquele espaço: "in that largish room, full of empty folding chairs;..." (p. 49).

O bar — local de refúgio — tem como função refletir o estado de alma da personagem, em luta com a situação criada com o casamento que a faz sentir-se "like a cartoon man". Lá Singh vive uma situação conflitiva ao sentir que sua tentativa de conquistar Londres, resulta no inverso, é Londres que o conquista através de seu casamento com Sandra. Ali, Singh faz um retrospecto de sua vida até então, rememorando os papéis que assumiu até aquele momento:

(...) I got off and went into a public house, already, though only a husband of some minutes, feeling like the cartoon man (...) Think of me sitting in the Holborn bar, drinking Guinness for strength, (...) I thought (...) So nemesis came to the dandy, the creation of London, the haunter of British Council halls, art galleries and excursion trains. (p. 50)

Finalmente, vamos encontrar a personagem em um ho-tel de luxo em Londres "a place which radiates its magic to the city" (p. 222), quando Singh passa por uma fase de destaque e prestígio no meio social, político e econômico que conquistou em Isabella. Tudo nesse hotel é como um conto de fadas, convidativo, fácil, tentador:

(...) a score of services await one's lightest call. Glamour touches everyone: the chambermaid, the telephone girl... the girl at the newspaper kiosk. (...) There are few things as fine as an arrival at a first-class hotel in a big city. (p. 222)

Ao contrário do ambiente pobre da pensão de Mr. Shylock, o hotel ressalta o poder do dinheiro, a importância de se ter prestígio, e, ao mesmo tempo, se faz conhecer como um local de trabalho, onde os funcionários propiciam todo o luxo e conforto, mas não participam daquela atmosfera:

They are part of the fairyland, which continues

as fairyland until one catches sight of the telephonist at her winking board, the weary uniformed figures sitting slackly on chairs in the laundry rooms, and one sees the pale night clerk arriving in his shabby macintosh, until the structure of fairyland becomes plain, and the hotel becomes a place of work... (p. 222)

E, à medida que os dias passam, o encanto se dissipa e o aspecto de ordem, beleza e luxo é visto como ilusório. A rotina se encarrega de desmistificar a magia do ambiente.

O hotel de luxo, por sua vez, possibilita o paralelo com o hotel suburbano onde Singh se abriga nos dias de exílio. A descrição do quarto da personagem nos dá uma idéia daquele ambiente onde tudo é padronizado, tudo é impessoal e nada constitui um prazer aos olhos:

... The room is in the new wing of the hotel. It has a metal window of a standard size and pattern; the flush door, equally of the standard size and pattern, is made of a composite material so light that it has already warped and, unless bolted, swings slowly to and fro. The skirting board has shrunk with all the woodwork. Nothing here has been fashioned with love or even skill; there is a result nothing on which the eye rests with pleasure. (p. 34)

Apesar de situado numa ala nova do edifício, o quarto se apresenta vulnerável, pois na sua construção foi usado material frágil e inferior, o que sugere desinteresse pelas pessoas ali abrigadas e o distanciamento cada vez maior de Singh de seu mundo ideal, onde tudo é belo e perfeito.

O cenário do hotel suburbano, na verdade, não apresenta beleza nem nada que venha a lembrar à individualidade; contudo, prima pela ordem, silêncio e disciplina — elementos constantes em ambientes de confinamento e restrição. Estas características emprestam ao hotel uma atmosfera de casa geriátrica, como se pode verificar:

The window looks out on the hotel's putting green, where on sunny days our middle aged ladies, mutton dressed as lamb, as our barman says, give themselves a tan. Beyond, a mass of pale red brick; and from beyond that, (...) there is a ceaseless roar of traffic; the tainted air vibrates. (p. 35)

As pessoas vêm ali um local de repouso e recuperação. São pessoas idosas que buscam o sol, para obterem um aspecto saudável: "to give themselves a tan", como citado. O autor coloca a personagem neste local para evidenciar a sua limitação e afastamento de um mundo que não o mais pode conter.

O hotel suburbano ainda exerce a função de um refúgio para as pessoas que nada mais esperam a não ser a morte, pois nada mais há que as possa ligar ao mundo que as circunscreve. Singh também não se acha mais ligado aquele mundo do qual nada mais espera:

We are people who for one reason or another have withdrawn from our respective countries, from the city where we find ourselves, from our families. We have withdrawn from unnecessary

responsibility and attachement. We have simplified our lives. I cannot believe that our establishment is unique. It comforts me to think that in the city alone there must be hundreds and thousands like ourselves. (p. 247)

Outro elemento a ser destacado dentro do espaço que compõe o ambiente do hotel suburbano, é o pilar. O pilar tem como a escrivadinha, o seu lugar na história de Singh. Representa o não-envolvimento num espaço em que o protagonista apenas está como observador. Ele se protege atrás do pilar como se este fosse uma fronteira entre o seu mundo e aquele mundo que não o atrai e que deixou para trás. "I like being behind the pillar... gives me privacy of a sort" (p. 245).

Ao mesmo tempo tem a função de objeto de sustentação e também funciona como defesa contra o contágio do ambiente artificial e devorador, do qual conseguiu se libertar. Ao esconder-se atrás do pilar, Singh nos revela seu sentimento de rejeição a tudo aquilo que ilude e corrompe:

We, staff and faithful in the dining-room, studied the guests as they were received and went up the stairs. Our guest of honour arrived, with his wife Lady Stella. I pulled my face behind the pillar and studied Garbage bringing his two-pronged knife down on the struggling cheese. Dixi. (p. 251)

A escrivadinha ocupa um lugar importante na sequência narrativa do quarto do hotel, pois o autor a carrega de

funções, sinais que revelam a viagem de Singh ao interior de seu "eu". Apresenta-se sob dois aspectos onde a ordem e a desordem se interpenetram, um depreciativo e outro como objeto conquistado, ganhando então brilho e importância. Torna-se um instrumento de trabalho, de conquista, testemunha de um momento de encontro de Singh com si mesmo:

I work at a rough, narrow table, acquired after a little trouble, since it is in excess of regulation hotel furniture. (pág. 34)  
... And the table itself: when I first sat at it I thought it round and too narrow. The dark surface was stained and scratched, the indentations filled with grit and dirt; the drawer didn't pull out, the legs had been cut down. It wasn't part of the standard hotel furniture. I had been provided specially; it was a junkshop article, belonging to no one, without a function. Now it feels rehabilitated and clean; it is familiar and comfortable; even the scratches have acquired a shine. (p. 245)

Reflete, pois, dois estados de espírito, um antes e outro depois do encontro com a ordem, quando tudo recebe novo significado na vida de Singh que se vê tomado por uma esperança: "I have cleared the decks, as it were, and prepared myself for fresh action (...) the action of free man" (p. 251).

Na luta por um espaço dentro do espaço reduzido de seu quarto, a mesa é um marco: o da sua determinação. Pela primeira vez Singh busca algo com afinco, não se

acomoda, impõe sua vontade mesmo contrariando a ordem estabelecida dentro do hotel. É sua única conquista em Londres.

Sua importância no cenário do quarto do hotel ainda cresce quando toma a forma de um centro de irradiação, como receptáculo de um ato concreto: o escrever. Ela assume, assim, características de um espaço onde a personagem, através da memória, reconstitui sua história, impondo uma ordem em sua vida e em sua criação literária. É a gênese do mundo da ordem tão perseguida pelo protagonista através de vários espaços (em Londres e em Isabella) e fases de sua existência, que encerram sua busca considerada vã; gênese esta de um outro mundo ideal, onde a ordem não é perseguida e sim imposta pelo próprio escritor - Singh:

This is the gift of minute observation which has come to me with the writing of this book, one order, of which I form part, answering the other, which I create. And with this gift has come another, which I least expected: a continuous quiet enjoyment of the passing of time. (p. 245)

Finalizando: ao tratarmos dos espaços nos quais a ordem e a desordem se contrapõem, concluimos que Naipaul deles se utiliza para evidenciar o distanciamento da personagem em relação às sociedades, onde ele busca encontrar ou fincar suas raízes. Para ressaltar os elementos da desordem se utiliza de antinomias, nas quais ordem/desordem se opõem num jogo de contrastes.

Enfim, nesta obra os espaços se justapõem, confrontam-se, servem de pano de fundo para evidenciar a ação da personagem no processo de busca da ordem.

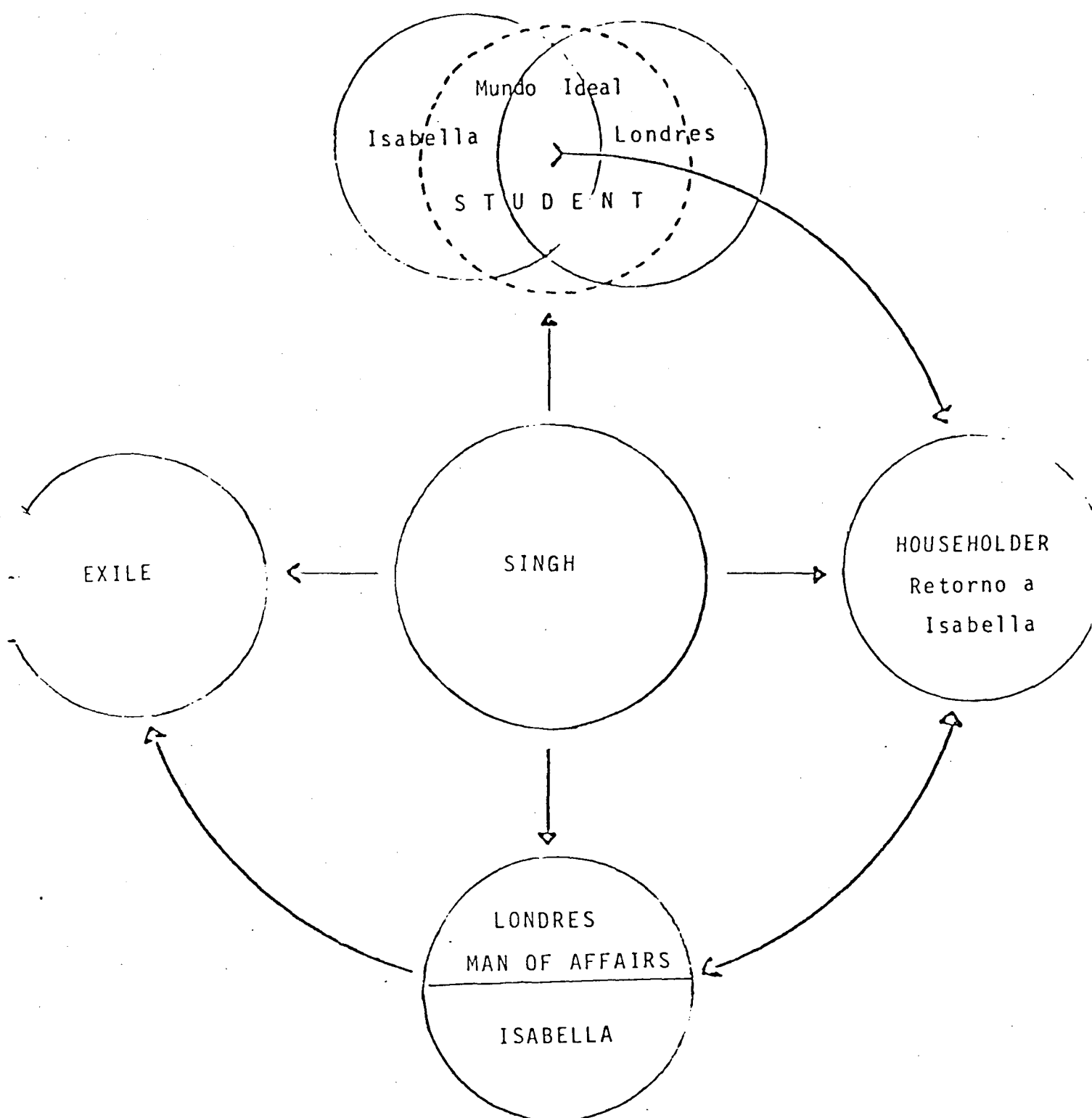


**NOTAS**

<sup>1</sup>MORRIS, J. Intermezzo Londrino. Seleções do  
READER'S DIGEST, 19 (113): 48-54, Out., 1980.

<sup>2</sup>MORRIS, p. 52-3.

<sup>3</sup>MORRIS, p. 54.



O presente gráfico indica as fases temporais que nos são apresentadas através do processo memorativo da personagem. Na fase "Student" os mundos físicos de Isabella e Londres são interpenetrados por um Mundo Ideal: O MUNDO DA ORDEM. A segunda fase "Householder", tem uma dimensão tempo-espacial restrita a Isabella; a terceira fase "Man of Affairs" já apresenta uma fragmentação tempo-espço (divide-se entre Isabella e Londres). A última fase "Exile" fecha as anteriores dando abertura a um outro ciclo.

Na busca da ordem, Singh narra sua história num tempo em que passado e presente caminham juntos até que o primeiro se esgote. O passado é dinâmico e contém as situações e ações da personagem, enquanto o presente é apenas o tempo da personagem-escritor. A narrativa abrange um ciclo de quarenta anos dividido em quatro fases, nas quais é possível se estabelecer uma identificação da personagem com a raça indiana. Cada uma se associa com um ou mais espaços, evidenciando num processo dialético, a ordem e sua antítese: a desordem. Ao mesmo tempo em que revelam o conflito de Singh ao se questionar quanto à sua origem, pessoa e razão de ser, as fases ressaltam os elementos que marcam a vida das comunidades e dos mundos percorridos pela personagem em sua ação (Isabella/Londres) e, de certa forma, da comunidade indiana em Isabella.

Como já foi mencionado, no Novo Mundo os indianos não têm história, porque para ele foram transplantados, deixando para trás suas raízes culturais. Vindos da Ásia depararam-se com os outros povos, com suas tradições e elementos culturais diversos, o que os distanciou da sua terra de origem e os impediu de conseguir uma plena integração com os habitantes do Novo Mundo. A tradição indiana sofreu o

desgaste resultante do constante atrito com os elementos raciais que ali estavam. O mesmo se nota no comportamento de Singh nas diversas fases de sua vida "Student", "Householder", "Man of Affairs", "Exile", conhecidas através da narrativa de The Mimic Men, que apresenta uma forma circular cujo ponto de partida é a última fase "Exile". Nela Singh avalia toda a seqüência da sua existência até a sua condição de recluso, tal qual seus ascendentes, isolados da pátria de seus ancestrais, impossibilitados de fazerem frente aos padrões do colonizador — "shipwrecked on an island".

Ao ligar a personagem ao tempo e ao espaço o autor nos dá a visão dos ambientes por ele percorridos, buscando uma identidade e, ao mesmo tempo, vai nos dando a conhecer o processo social, econômico e político de Isabella, revelando também sua História. Assim, reconstitui a sua história dentro da história da ilha. E ao chegar ao fim dessa reconstituição, como exilado, Singh revela seu objetivo: escrever um livro — "... The book to which I can address myself" (p. 08). Como escritor Singh conseguirá testemunhar a dominação colonial e seus efeitos negativos na vida da colônia e de seus habitantes, submetidos a um processo de constante alienação e rejeição ao seu meio ambiente. "To be born on an island like Isabella, an obscure New World transplantation, second-hand and barbarous was to be born to disorder" (p. 118).

Mas, o intento de Singh vai mais além, pois, não se restringe a contar sua vida, a questionar sua pessoa ou seu valor como ser humano, nem a se fixar nos efeitos do colonialismo. Ele nos leva ao seu Mundo Ideal (não-dimensional), onde a autenticidade e a ordem envolvem todas as coisas. A tentativa de encontrar os atributos desse mundo nas sociedades por onde passou e viveu, levam-no a conhecer a desordem e seus componentes, que se fazem presentes em todas as fases de sua vida, e à percepção de que a ordem em seu sentido absoluto jamais poderá ser encontrada no mundo real. O encontro com a ordem só poderá acontecer quando transferimos os atributos do mundo ideal para as atividades que pretendemos desempenhar no mundo real. As coisas "em si" não são ordenadas ou desordenadas, nós é que as fazemos pertencer a uma ordem ou a se perderem na desordem. Só quando Singh toma consciência de sua real situação e dá um autêntico objetivo à sua vida — dedicando-se à literatura — é que sua busca termina e um novo ciclo se inicia:

It never occurred to me that the writing of this book might have become an end: in itself, that recording of a life might become an extension of that life. It never occurred to me that I would have grown to relish the constriction and order of the hotel life, which previously had driven to me to despair; and that the contrast between my unchanging room and the slow progression of what was being created there would have given me such satisfaction. Order, sequence, regularity (...) (p. 244)

No decorrer da narrativa, nas quatro fases que o autor nos propõe, através de sua personagem narrador, sempre se destacará a contraposição ordem/desordem, passividade e conflito.

A primeira fase, "Student" corresponde dentro do ponto de vista histórico de Singh, à infância de Isabella e à adolescência, esta estabelecendo a ligação entre Londres e Isabella.

É nesta primeira fase que os indianos passam a integrar a história da ilha. E o narrador nos mostra como se deu essa integração ao tratar da vida de três gerações de indianos, às quais pertence a família do protagonista; as gerações representadas por Singh, seu avô e seu pai. Coube ao avô ser o elemento transplantador da cultura indiana para a ilha; o pai de Singh (natural de Isabella) não se sente mais portador da cultura de seus ancestrais, não tem um "background" bem definido. Singh, asiático de terceira geração nas terras do Novo Mundo, torna-se mais afastado ainda, distancia-se da tradição familiar e não se considera pertencente à terra de seus ancestrais. Embora venha a participar das questões sociais e de movimentos políticos de Isabella, também não se acha ali perfeitamente integrado.

Na segunda fase uma nova perspectiva se apresenta com a volta de Singh de Londres para a ilha. O objetivo do narrador agora, é a união dos ideais cosmopolitas com o modo

de ser de Isabella. Ideais de ordem, riqueza, autonomia e prestígio.

A Inglaterra também se destaca nesta fase. É a metrópole tomando consciência da ilha e da necessidade de mantê-la gravitando em torno do seu centro de poder. Para isso serve-se da ambição e dos ideais dos próprios nativos de Isabella. O autor ressalta bem este fato unindo Singh (o colonial indiano) com Sandra (a inglesa).

Acompanhando o desenvolvimento histórico implícito em The Mimic Men, a terceira fase se apresenta como um prolongamento da segunda. Historicamente a Inglaterra deixa a ilha, enquanto que a união enganosa dos diferentes grupos étnicos aparentemente se fortalece, no empenho de fazer Isabella crescer. Entretanto, o fator racial vai acentuando as diferenças entre os grupos que se tornam conflitantes e a unidade nacional continua apenas um sonho. É o fim da união com Browne, de sua carreira política e permanência em Isabella.

Finalmente, na última fase "Exile", Singh isola-se, volta-se para si mesmo, avaliando as diversas fases de sua vida e se propõe a trilhar um novo caminho, a conquistar um espaço onde possa se manifestar a ordem, a autenticidade, enfim o seu mundo ideal. E nasce o escritor que ao narrar suas tentativas de dar uma ordem à sua vida, confronta-se com a desordem nos ambientes, na vida daqueles que conhece e

com ele se relacionam. Narrativa que mostra — por extensão — a vida de qualquer um dos países filhos do Novo Mundo.

Convém notar que as memórias de Singh não apresentam os fatos dispostos cronologicamente. As fases que compõem o ciclo de sua vida visam dar uma ordem a uma narrativa aparentemente desordenada.

### 3.1 - PRIMEIRA FASE: "STUDENT"

Esta fase apresenta uma dupla temporalidade: uma mais remota, que abrange o período da infância de Singh e está ligada ao espaço de Isabella: "a place still awaiting Columbus and discovery" (p. 111). E outra que cobre o tempo da sua adolescência, situando a personagem em Londres.

As memórias de infância são reduzidas a um "brief cinematic blur" e são "sufficiently painful" para Singh, que numa sucessão de imagem-puxa-imagem vai nos apresentando sua visão deste período. Visão constrangedora, na qual o conflito existencial manifesta-se com intensidade. Vários são os fatores que contribuem para isto:

I could scarcely wait for my childhood to be over and done with. I have no special hardship or deprivation to record. But childhood was for me a period of incompetence, bewilderment, solitude and shameful fantasies. It was a period



of burdensome secrets — like the word "wife";  
a discovery about the world which I was  
embarrassed to pass on to the world... (p. 90)

A percepção do fracasso matrimonial de seus pais mostra a disparidade existente entre eles. Para Singh o afastamento dos pais resulta do desnível entre a família tradicional da sua mãe e seu pai, que se apresenta marginalizado — simples mestre-escola:

At an early age, then, I was made aware  
of the oddity of the arrangement whereby two  
human beings, who were in no way related,  
paired off. (p. 89/90)

Além de ser outra das causas do fracasso matrimonial de seus pais, o fator econômico também contribuiu para que Singh se distanciasse de seu pai, de quem não sabia ao certo a origem, e se aproximasse mais do avô materno, homem de prestígio na ilha. "The bottler of Coca Cola, the Isabella millionaire the nominated Member of the Council". (p. 100).

Com o correr da narrativa, a sensação de distanciamento, a rivalidade, os desencontros, atingem a personagem e fomentam o seu processo de fragmentação e desordem interior, que se torna mais pronunciado durante sua permanência em Londres.

A próxima etapa no processo de memorização de Singh relacionado com sua infância, será o período escolar. Nele o seu relacionamento com a sociedade se ampliará, o que

lhe tornará possível conhecer as contradições sociais existentes em Isabella. Também lhe serão apresentados novos padrões comportamentais e culturais e uma visão filtrada do caos ali reinante.

O período escolar é marcado, nas suas memórias, pela presença dos descendentes de várias raças, cada uma ligada à sua respectiva história na ilha. A escravidão dos africanos, a passividade dos asiáticos, a ordem imposta pelos ingleses são evidenciadas pelo narrador. Esta temporalidade é também, por extensão, a tomada de consciência do indivíduo e da raça indiana com o mundo que os cerca, deixando-se conhecer através da ordem e do seu contraste, a desordem.

Agora em Londres, a segunda etapa desta fase é marcada pelos mesmos sentimentos vividos em Isabella: inquietude, desorientação e confronto com a solidão, sua e daqueles que a rodeiam. Todos lutam por um lugar no coração da grande cidade, à qual ele chega logo após o fim da guerra, época de desestruturação dos antigos padrões. Singh vive ali o que chama sua preparação para a vida e faz uma avaliação das influências da metrópole sobre ele e sobre seus relacionamentos.

A condição de despreparo para aquela sociedade, por ele tida como um exemplo de ordem e a sua condição de

colonial, marginalizam-no naquele mundo até então considerado como um mundo ideal. Cada vez mais premente é a necessidade de situar-se ali. Contudo, o desconhecimento da cidade levam-no à desorientação, que procura vencer adotando diversos padrões de comportamento. Adota mais e mais a condição de "the mimic man", que tem sua gênese na infância, em Isabella. Foi-lhe fácil, então, representar o papel de "dandy"; papel que é decalcado em Mr. Shylock, de quem copia todos os gestos característicos: puxar o lóbulo da orelha, inclinar a cabeça para ouvir: "We become what we see of ourselves in the eyes of others" (p. 20).

É Liení que lhe sugere a adoção de papéis para os quais ela achava que Singh possuía os atributos ideais : olhos perturbadores, cabelos negros, luxuriantes e macios , enfim um tipo sedutor e rico:

She pretended that I was richer than I said.  
She made me aware of my looks, to which up  
to then I had paid little attention, content  
with the knowledge that I was no monster.  
(...) it was Liení who led me through the  
stores and chose my clothes, and suggested the  
red cummerbund. (p. 20/21)

Ao analisar esta fase, Singh conclui que as influências então sofridas, foram nefastas para sua existência porque, como um "mimic man", ele foi perdendo sua autenticidade. É a estação invernal com sua atmosfera de frio, inverno, neve e morte, que o faz evocar as situações som-

brias que então viveu; prenúncios de uma desordem interior cada vez mais intensa. Sua busca agora se desenvolve por meio de uma força instintiva que o faz enveredar pelos labirintos das conquistas amorosas, relacionamentos fugazes sem perspectivas. O desinteresse pela escola é completo e sua inquietude o faz se deslocar continuamente no espaço londrino, indo dos salões do Conselho Britânico às viagens de trem pelos subúrbios e aos quartos das prostitutas, como já vimos, Londres só lhe oferece um pouco de calor humano nos breves encontros amorosos. Sua decadência moral agora se acentua, seu vazio, sua solidão não são menores.

Contudo, o mal da grande cidade não atinge apenas Singh, que o vê se estender aos próprios habitantes de Londres, anônimos, igualmente empenhados na luta por um lugar naquele mundo insensível e devorador. E Singh identifica-se com um estudante que ao mesmo tempo mostra insegurança e necessidade de aprovação dos outros:

At the lecture halls there was the young English student who, out of his insecurity, had attached himself to me, an outsider. (...) He was like me: he needed the guidance of other men's eyes. (p. 19)

Na sua tentativa de autoafirmação encontra-se com Sandra, também estudante. Ao lembrar o fato, a personagem constata que na época vivia momentos de monotonia, desespero, e se deixava dominar por sua sensação de imenso vazio. Lon

dres não lhe oferecia mais encanto. A idéia de ordem perdia-se nos meandros da desordem que a envolvia a cada passo:

To me, drifting about the big city that had reduced me to futility, she was all that was positive. She showed how much could be extracted so easily from the city; (...) in those days at the darkest moments I was strengthened by the thought of Sandra. (p. 45)

Sendo assim, a figura de Sandra é importante, nesta fase marcada pela inquietude, pois dá a Singh a esperança de uma estabilidade emocional e segurança.

Singh liga-se à jovem por sentir-se, ao seu lado, equilibrado e ordenado. A vida da súdita inglesa apresentava condições de igualdade com sua própria vida. Ela queria destaque, odiava a mediocridade, sabia representar, criar ocasiões e o mesmo acontecia com Singh:

It was with surprise that I discovered that, though of the city, her position in it was like my own. She had no community, no group, and had rejected her family. She saw herself alone in the world and was determined to fight her way up. She hated the common. (...) No family, two or three school friends, now scattered: it was easy to see how she felt imprisoned and fearful and how important it was to her to be free of the danger of that commonness which encircled her. The king's mistress: I saw the magnitude of her ambition and the matching difficulties of her struggle and sympathized, not yet knowing the part I would soon be called upon to play in their resolution. (p. 45)

Sandra, além do mais, faz Singh sentir-se valorizado e atraído pela sua sensualidade, lucidez e voracidade. Assim, o protagonista acaba seduzido por ela:

... no one offered himself more readily. She was rapacious. It was in her social ambitions, in her diligent reading of approved contemporary authors and her pursuit of culture, for which at home she willingly - perhaps even gratuitously - carried the cross of being considered odd; it was in her walk, in the bite of her speech, even the way she ate food which she considered expensive; in all these things, not least in the adoration of her body, there was a consuming self-love. But how could I resist her quick delight? Her very rapaciousness attracted me. (p. 45)

Até a iniciativa de casar-se parte da jovem, que num tom de voz imperioso lhe faz a proposta: "Why don't you propose, you fool?" (p. 46)

Entretanto, as recordações de Singh no presente, como exilado, levam-no a questionar o porquê da sua união com Sandra e a admitir que se deixou influenciar pelo tom dominador e confiante da jovem, diante do qual se deixou ficar passivo e humilde. Sandra o dominou como o colonizador domina o colonizado:

The tone of Sandra's request, so odd considering its nature, seems to me to have come from a number of causes. The idea, I feel, had occurred to her on the spur of the moment, the one clear flash in dark panic; she was impatient with herself for not having thought of it before, impatient because she wished to see it instantly realized; and impatient because

she had broken down and shown weakness. (p. 46/  
47)

Singh. acaba concluindo que, se a idéia do casamento tivesse sido colocada como uma súplica, mais do que uma ordem, ele não teria atendido aquela sugestão. Agora ele percebe o que antes não tinha visto: aquele "dark and stirring romance" continha desde o início os sinais de uma união proibida e efêmera, que entretanto dá início a uma outra fase de sua vida.

### 3.2 HOUSEHOLDER

É a fase que se caracteriza pelo aspecto doméstico e tem início logo após o casamento do protagonista e de seu retorno à ilha. Singh coloca esta parte ativa de sua vida em parêntesis e a questiona, pois tem agora outra visão dos fatos então acontecidos. Seu casamento é considerado um mero episódio; seu êxito, em Crippleville, um golpe de sorte e a carreira política puramente acidental. Aparentemente foi um "período de intensa emoção", no qual parecia aos olhos dos outros estar cumprindo o seu destino.

À medida que se recorda, o protagonista vai destacando uma série de acontecimentos que modificaram a sua vida, numa cadeia de causas e efeitos. Seu retorno a Isabella, a ruptura dos laços e tradições familiares, a integração do casal a outros grupos sociais vivendo nas mesmas condições, dão a Singh a sensação de viver um novo tipo de vida numa sociedade então tida como ordenada. Apesar de ter-se desvinculado da família, a personagem sente-se integrada à ilha, pois passa a freqüentar um grupo para o qual Isabella se apresenta como o lugar ideal:

It was a group to whom the island was a setting; its activities and interests were no more than they seemed. There were no complicating loyalties or depths; for everyone the past had



been cut away. (...) we were dazzled. We had come to the island expecting the meanness and constriction of island life; we were dazzled, as by the sunlight itself, by the freedom which everyone who welcomed us proclaimed by this behaviour. (...) We were dazzled to be among the rich, to be considered of their number... (p. 55)

A monotonia que antes predominava em Isabella, segundo Singh, dá agora lugar a um clima festivo onde o comum não tem lugar e contrasta com a vida mesquinha que ele e Sandra levavam em Londres. Singh sente-se eufórico e pela primeira vez admite usufruir de uma autêntica ordem em sua vida, o que não acontecia quando vivia na Inglaterra em busca de um mundo ideal:

Austerity and prudence were forgotten. In that fortnight we spent! We gave as much as we received. We consumed quantities of champagne and caviar. It was part of the simplicity of our group; we loved champagne and caviar for the sake of the words alone. (p. 56)

Agora o protagonista acha-se imbuído da perspectiva de riqueza e prestígio. Tudo lhe acena com promessas de prosperidade e lhe faz sentir a conveniência de sua união com Sandra e de seu retorno a Isabella.

Sua mudança interior leva-o a viver um período de tranqüilidade e aceitação:

It was the mood of my placidity, the mood of my new life of activity. Within me, with that very placidity, with that departure from London

and that total acceptance of a new, ready -  
made way of life, I felt that I had changed.  
I recognized that the change was involuntary,  
so that at last my "character" became not what  
others took it to be but something personal  
and ordained. (p. 57)

Seus propósitos de riqueza, por sua vez, são favorecidos pelo recebimento de uma herança, que o torna proprietário de terras - em Crippleville. Ali ele traça um loteamento e vem a ser bem sucedido graças ao fator sorte e a sua visão enriquecida com a experiência em Londres. Efetiva sua posição de "householder" mandando construir uma casa - a casa romana.

Contudo, seu entusiasmo pela nova situação não dura muito tempo, pois a pretensa ordem novamente dá lugar à desordem. O casal vai perdendo o interesse pelo matrimônio, não mais gratificante, pelos amigos, dos quais vão se afastando e pelas atrações da ilha. Tanto Singh quanto Sandra lançam-se em aventuras e procuram preencher o vazio, que, outra vez devora suas vidas, através da satisfação sexual. Singh retoma o papel de conquistador. A desintegração moral que os atinge os afasta do mundo ideal que julgavam ter conquistado ao vir para a ilha.

O sentimento de euforia do casal vai sendo substituído pela frustração e pelo antagonismo. Sandra, sentindo-se ilhada, desinteressa-se pela casa e se lança na busca de novas emoções e afeto; de aventura em aventura, o casal vai

se distanciando até Sandra abandonar o lar, trocando-o pelas terras da América do Norte.

O fim de sua união com Sandra revela o quanto foi enganosa a pretensão de Singh ter atingido a ordem, porém é a causa de uma nova fase — "Man of Affairs".

### 3.3 MAN OF AFFAIRS

"Man of Affairs" é um período em que Singh apenas aparentemente encontra sua plenitude através de sua realização pessoal e social pois, como ele mesmo comenta:

(...) that period in parenthesis, when I was most active and might have given the observer the impression of a man filling his destiny, in that period intensity of emotion was the thing I never achieved. (p. 32)

Esta fase tem início com o fim de seu casamento e está incluída em suas memórias no tempo, considerado como a última parte de um parêntesis. Tal consideração deve-se ao fato de Singh julgar enganosamente que os fatos contidos nas fases "Householder" e "Man of Affairs", constituíam-se em padrões de ordem e que sua busca terminara. Entretanto, ao evocar esta fase localizada parte em Isabella, parte em Londres, o protagonista mostra uma nova visão dos fatos, agora distanciados no tempo e submetidos ao crivo da reflexão. Singh é visto pelo próprio Singh como um homem de ação, um político não mais por seu próprio empenho, mais por uma questão de oportunidade. Sua vida pública tem início quando Browne, seu ex-colega, dele se aproxima. Singh sente-se gratificado com esta aproximação, porque é visto por Browne como uma pessoa em sua totalidade, capaz de chamar a atenção

por si mesma:

For him I had been, ever since Isabella Imperial, a total person. He remembered phrases, ideas, incidents. They formed a whole. He presented me with a picture of myself which it reassured me to study. (p. 188)

Por sua vez, Singh mostra-nos Browne como um tipo popular, acalentado pela sociedade de Isabella, contudo vivendo uma fase em que procurava maior afirmação:

His character was of a special type. People like Browne were the nearest things we had to poets, renegades, interesting failures; they were people we cherished. He was a good example of the type: a man of the people, a scholarship boy who had not quite made good and was running to seed. He had given up his teaching job and had become a pamphleteer. (p. 185)

Ao contrário dos tempos de estudante, o relacionamento agora não mais se mostra marcado pelo preconceito cultural, racial e econômico; portanto, não mais tão conflitante. Browne, movido pelo interesse, não vê mais Singh como uma pessoa inexpressiva; aparentemente, mostra por ele, nesta fase, admiração e receptividade. Singh percebe, então, que Browne naquela época "needed alien witness to prove his reality". (p. 194)

A aliança com Browne leva-o também a atuar no campo jornalístico e é marcada pelos fatos que evidenciam a gênese da vida política de Singh, fatos mais ditados pelo acaso do que pela vontade do protagonista.

A data da comemoração do êxodo dos trabalhadores das docas, propicia a Singh a oportunidade de escrever para o "The Socialist", jornal desde então de propriedade de Browne e Singh. No seu primeiro artigo para "The Socialist", a personagem recupera a memória de seu pai, apresentado por Singh não como um agitador das massas, porém como um autêntico líder. Foi-lhe fácil fazer isto, bastou-lhe usar palavras enganosas e verdades distorcidas:

The essay about my father for "The Socialist" wrote itself. (...) The irony doesn't escape me: that article was, deeply, dishonest. It was the work of a convert, a man just created, just presented with a picture of himself. It was the first of many such pieces: balanced, fair, with the final truth evaded, until at last this truth was lost. (p. 189)

A união é bem sucedida, Browne explora a desgraça de seu povo sempre desfavorecido e marginalizado. Singh tenta, a seu modo, encontrar virtude nos pobres, nos trabalhadores e oprimidos. "I tried to find virtue, the virtue of the poor, the labouring, the oppressed" (p. 194).

O movimento desencadeado por eles através do "The Socialist" ganha uma nova e importante adesão, a de Wendy Deschampsneufs, uma representante da raça francesa. Wendy pela sua posição social e econômica era muito bem considerada na ilha. Sua participação é ativa e, em pouco tempo, ela se torna popular entre os adeptos do movimento, chegando

mesmo a abafar, em certos momentos, a liderança de Singh e Browne. Sua presença na casa romana é assim sentida por Singh:

She came to the Roman House and ruled it for two months, and I was helpless before her assurance. She became the mother to us all in her brisk young girl way; she offered the final benediction of her name and her race, both of which separated her from us. (p. 197)

Wendy divide sua atenção entre Singh, Browne e os trabalhadores das docas, procurando demonstrar uma ligação mais íntima com Singh, o que mais tarde será considerada como uma traição a Browne. Contudo, este relacionamento é fugaz: "At the end of two months she pronounced herself bored with the movement and bored with the island" (p. 197). Enquanto isto, o movimento popular vai crescendo e eles vão ficando ofuscados pelo sucesso, a ponto de não mais distinguírem se eles criaram o movimento ou se foram criados pelo movimento.

Questionando-se sobre a fragilidade das situações que alimentavam então, Singh nos revela a linguagem ambígua e demagógica usada para impressionar o povo. Através de frases de efeito prometiam o que verdadeiramente estavam impossibilitados de cumprir: disciplinar a polícia; preços mais altos para os produtos agrícolas, nacionalização das empresas estrangeiras. Na verdade, manipulando a popula

ção com promessas enganosas que "generated the frenzy", eles aboliram a antiga ordem, porém, por não saberem o que fazer para substituírem-na, acabam por despertar as forças da desordem. Tudo porque não havia uma causa nem um propósito bem definido nas atividades políticas que desenvolviam, como o próprio Singh afirma já no exílio: "We zestfully abolished an order; we never defined our purpose" (p. 198). Em suas memórias Singh reconhece que, nenhuma causa, nenhum discurso político teriam conseguido integrá-lo àquela multidão manipulada por eles, àquela gente unida na crença da "dignidade do infortúnio". Ao fazer a análise daquela época, Singh percebe que, no âmbito pessoal, a sua tentativa de conquistar o mundo ideal é frustrada, pois sua união com Browne transporta-o para o mundo da raça negra, afastando-o ainda mais dos indianos. Singh sente-se cada vez mais deslocado e distante dos seus verdadeiros ideais:

I was now committed to a whole new mythology,  
dark and alien, committed to a series of interiors  
I never wanted to enter Joe Louis, Haile  
Selassie, Jesus, that black jackass the comic  
boy-singer: the distaste and alarm of boyhood  
rose up strongly. (p. 188-9)

Quanto à sua atuação política, agora considera desprovida de propósitos. Ele e Browne não estavam sendo autênticos, nenhuma causa, nenhum discurso seriam convincentes, porque eram inúteis diante dos problemas da ilha.



O esforço no sentido de tornar Isabella plenamente independente e soberana, como prometiam os "políticos", esbarrou com a realidade da ilha, porque Isabella não possuía os requisitos essenciais para adquirir uma vida própria. "We had no trade unions behinds us, no organized capital. We had no force of nationalism even, only the negative frenzy of a deep violation..." (p. 205).

Não bastava livrar-se do jugo colonial, era preciso contar com uma estrutura que desse sustentação às pretensas reformas. Não bastava afastar os ingleses nem a simples nacionalização das empresas, porque Isabella ainda não podia prescindir do elemento colonizador, como nos mostra a própria personagem:

we had spoken, for instance of the need to get rid of the English expatriates who virtually monopolized the administrative section of our service. We had represented their presence as an indignity and an intolerable strain on our Treasury. (...) Each expatriate cost us twice as much as a local man. One degree less of innocence would have shown us how incapable we were of doing without expatriates... (p. 209)

O elemento estrangeiro embora indesejável, era indispensável à ilha, pois monopolizava todos os recursos da tecnologia.

À medida que a nova ordem instaurada deixava transparecer a sua incapacidade para solucionar os problemas so-

ciais e econômicos de Isabella, o descontentamento popular crescia e a descrença no cumprimento das promessas umentava. A desordem passou a imperar na ilha. "There was much discontent". E "by making too much trouble we were gambling with our future;..." (p. 210/217).

Ao refletir sobre os acontecimentos de então , Singh conclui que, em vez de terem atingido a ordem ideal, desencadearam a desordem: "So we brought drama of a sort to the island. I will claim this as one of our achievements. (...) What many have discovered (...) in conditions of chaos... " (p. 214).

E o conhecimento da situação em que estão envolvidos é assim descrito:

We learned about power. We learned about our poverty.

The two went together, but it was our poverty which made the understanding of power more urgent (...)

It was part of our innocence that at the beginning we should have considered applause and the smell of sweat as the only source of power. It took us no time to see that we depended on what was no more than a mob, and that our hold on the mob was the insecure one of words. (p. 204)

Quando a emancipação política tornou-se um fato, Isabella não tinha como explorar seus recursos materiais , nem homens à altura daquele momento histórico. Os problemas surgiram em profusão e as crises foram se esboçando como

ameaças aos detentores do poder. Tentando encontrar uma solução para aquela situação dominada pela desordem, Singh vai a Londres, onde esperava negociar.

Sua estada em Londres revela-nos sua pouca receptividade nos meios oficiais e o pouco crédito que mereceu. Novamente a desordem se faz sentir em sua vida. Singh volta a ser o conquistador dos seus tempos de estudante, ávido por novas aventuras.

Nessa fase o encontro com Stella marca o início de uma nova posição da personagem frente ao processo de busca de uma ordem para sua vida, marcada outra vez pela desorientação e pela impossibilidade de um relacionamento duradouro. Stella o coloca em confronto com suas possibilidades de líder e de homem. Confronto do qual sai vencido, pois o leva a constatar sua gradativa perda de virilidade, ao mesmo tempo que sente diminuir sua influência política: "Then the inevitable happened; I had feared that it might. I began to fail. (...) It was the end. No relationship, especially a play-relationship like ours, recovers from such a failure". (p. 232).

A desorientação torna-se mais intensa quando Singh percebe não ter mais para onde ir, porque Londres — a "cidade da fantasia" — não mais o atrai. E, em Isabella, sente-se agora sem prestígio e deslocado. Para ele o mundo se reduz, esfacela-se e, mais uma vez, a necessidade de encontrar um

espaço onde possa se ajustar torna-se premente. Tanto Lon-  
dres como Isabella não lhe oferecem nenhuma possibilidade  
de realização pessoal depois do seu fracasso: "The city  
and snow, the island and the sea: one could only be  
exchanged for the other" (p.232). O protagonista é tomado  
pela crise, vê-se envolvido por uma forte sensação de pân-  
co. Entretanto, como não lhe resta outra solução, retorna  
a Isabella. Uma nova realidade se lhe apresenta: não mais  
está ligado às forças do poder. Marginalizado, considerado  
um irresponsável e sujeito a várias acusações, Singh é  
"convidado" a se retirar de Isabella, voltando a Londres  
como exilado.

Considerando os acontecimentos do fim desta fase,  
que Singh coloca entre parêntesis, o protagonista se aper-  
cebe que no mundo colonial tudo é efêmero, nada se estabi-  
liza. O ritmo dos acontecimentos é rápido, e nem sempre  
deixa marcas. Os ídolos se sucedem à medida que caminham  
para o ocaso. O que antes era enaltecido passa a ser temi-  
do ou odiado, enfim tudo obedece a um padrão marcado pela  
instabilidade: "It falls into the pattern". (p. 8)

### 3.4 - EXILE

É o período de revelação, fruto do desencanto e da redução do mundo de Singh à uma nova realidade espacial marcada pela limitação. É a fase que nos revela uma época de perda e questionamento e nela a personagem volta-se para si mesma fazendo um levantamento de sua vida, buscando as causas de uma desordem interior e procurando encontrar o seu verdadeiro nível social, quando nada mais lhe resta de concreto:

(...) we are condemned we pass for immigrants.  
The pacific society has its cruelties. Once a  
man stripped of his dignities he is required,  
not die or to run away, but to find his level.  
(p. 8)

Agora ele tem quarenta anos. Segundo os estudiosos, os quarenta anos marcam o fim de uma fase de experiências, de determinadas vivências e preparam o início de outro ciclo que seria de renovação e novas buscas. Conseqüentemente, a busca de Singh ganha nova conotação, atinge outra dimensão, marcada pela autoavaliação e aceitação da verdade. Processa-se en tão numa sociedade (pacífica) e ordeira, onde, por ironia, impera a crueldade e a indiferença (elementos da desordem). Nela os indivíduos lutam para conquistar uma posição que os integrem naquele contexto social.

Despojado de tudo, deslocado naquele mundo que para ele tem como fronteiras o limitado espaço que Londres lhe oferece — o bar e o quarto de um hotel suburbano — Singh sem lar, sem objetivos definidos, busca um novo caminho, um espaço onde possa manifestar a ordem que tanto almeja e assim colocar a autenticidade em sua vida e caminhar em direção à sua realização pessoal. Enfim, conquistar e explorar seu tão sonhado mundo ideal:

Daily, by erratic bus services, making difficult connexions, I travelled from small town to small town, seeking shelter with my sixty-six pounds of luggage, always aware in the late afternoon of my imminent homelessness. I consumed the hours of daylight with long waits and brief periods of travel... At the end of a week I was exhausted. (...) I was fighting the afternoon alarm of homelessness, inseparable part of the gipsy life that had inexplicably befallen me. But this was the limit of desolation. (p. 249)

Paradoxalmente o que poderia ser o fim da busca da ordem é a fase mais rica em termos de identificação, como a própria personagem demonstra: "So this present residence in London, which I suppose can be called exile, has turned out to be the most fruitful. Yet it began more absurdly than any" (p. 248). É a procura da autenticidade, o confronto com a sua realidade. As palavras que, até aquele momento crucial de sua vida, Singh havia distorcido e tornado enganosas, ga

nam veracidade, revelando a verdade da personagem e, por ex tensão das sociedades em que ele viveu em constante conflito. Para isso Naipaul confere a Singh o poder criador. Tor na-o um escritor cuja obra é mais que uma biografia. É a história de uma vivência singular que contém paralelamente a história de uma nação igualmente em busca de autenticidade e liberdade. Examinando sua criação Singh assim o define:

These are not the political memoirs which, at times during my political life, I saw myself composedly writing in the evening of my days. A more than autobiographical work, the exposition of the malaise of our times pointed and illuminated by personal experience and that knowledge of the possible which can come only from a closeness to power. (p. 08)

Como escritor Singh recupera seu passado submetendo-o à uma avaliação em relação a sua situação presente. E ao mesmo tempo em que, como escritor, vai evocando as diversas fases do seu ciclo de quarenta anos, Singh passa por uma catarse: liberta-se do desespero e da ânsia de novas paisagens. Agora é um homem livre. Como escritor, encontra-se e revela a sua transformação:

It does not worry me now, as it worried me when I began this book, that at the age of forty I should find myself at the end of my active life. I do not now think this is even true. I no longer yearn for ideal landscapes

and no longer wish to know the god of the city. This does not strike me as loss. I feel, instead, I have lived through attachment and freed myself from one cycle of events. It gives me joy to find that in so doing I have also fulfilled the fourfold division of life prescribed by our Aryan ancestors. I have been student, householder, and man of affairs, recluse. (p. 250/251)

A constatação dessa realidade é feita no espaço reduzido de seu quarto de hotel, atrás de uma escrivaninha. O processo que marca o seu encontro com a ordem e o fim de um ciclo de eventos, Singh assim nos faz conhecer:

It never occurred to me that the writing of this book might have become an end in itself, that the recording of a life might become an extension of that life. It never occurred to me that I would have grown to relish the constriction and order of hotel life, which previously had driven me to despair; and that the contrast between my unchanging room and the slow progression of what was been created there would have given me such satisfaction. Order, sequence, regularity (...)  
(p. 244)

De agora em diante, o protagonista propõe estabelecer uma ordem naquilo que estava sendo criado: seu mundo literário. Através do ato de escrever — "a process of life" — fruto da constatação que o mundo ideal (mundo da ordem) não pode ser encontrado na realidade, esteja onde estiver, porque esta é o resultado do constante choque entre a ordem e a desordem, que a tornam dinâmica e conseqüentemente viva,



Naipaul nos faz crer que somente por meio do ato criativo Singh irá impor a sua ordem, criando a sua realidade, sem condicioná-la aos limites espaciais e temporais: presente, passado, futuro; aqui, ali, acolá.

#### 4 - CONCLUSÃO

The Mimic Men, em última análise, é uma radiografia da busca e através dela uma visão sem disfarces do Terceiro Mundo e, em particular, das Índias Ocidentais por meio da ilha ficcional de Isabella, em toda sua realidade. Realidade por vezes cruel e desordenada.

Contrário à criação de mitos na ficção relaciona da com o mundo colonial, Naipaul se propõe por meio de Singh a desmistificar a imagem de cartão postal das terras que passaram pelo domínio estrangeiro, seja inglês, seja francês ou holandes. A apresentação de Singh como elementos questionador, conduz ao processo de avaliação reflexiva e crítica dos espaços por onde se desloca a personagem e nos permite acompanhar através do tempo as diversas fases pelas quais passa, tentando encontrar a ordem, cujo critério está contido nos elementos que compõem seu Mundo Ideal. Nos espaços por onde constantemente se desloca -Londres, Isabella- a personagem-narrador mostra a sua inquietude, a falta de autenticidade traduzida na representação dos vários papéis por ele vividos: estudante, conquistador, dandy, homem de negócios, jornalista, político.... A insatisfação aumenta seu vazio interior e o faz sentir-se prisioneiro entre os limites de Isabella, levando-o a buscar em outras paisagens a expansão

para seu ser, ali sufocado e deslocado:

Fresh air! Escape! To bigger fears, to bigger men, to bigger lands, to continents with mountains five miles high and rivers so wide you couldn't see the other bank, to journeys that took two days and a night. Good-bye to this encircling, tainted sea! (p. 179)

É dentro de um processo de avaliação que Singh irá justificar a passividade que caracteriza seu estado de ser diante das coisas. Ele reconhece então que não teve motivação para a luta porque faltou ordem em sua vida e no mundo no qual desenvolveu sua ação num ciclo de quarenta anos:

A man, I suppose, fights only when he hopes, when he has a vision of order, when he feels strongly there is some connexion between the earth on which he walks and himself. (p. 207)

À medida que no decorrer da obra Singh busca li-brar-se da estagnação, sentimento de morte que por vezes o invade, vai se evidenciando a mesma situação na vida dos países pertencentes ao mundo colonial, representados em The Mimic Men por Isabella. O sentimento de estar ilhado ("shipwrecked"), as associações com a morte sugeridas pelo cenário de Isabella e a noção de fugacidade do tempo em relação à duração de um ídolo ou estado de coisas — suas con-quistas, vida política, luta pela soberania da ilha — sugerem a fragilidade do terreno em que os seres e as sociedades em questão têm suas raízes. Mostram que a busca de padrões

considerados essenciais no seu Mundo Ideal, torna-se inútil no mundo real. Singh não os acha na sociedade em que nasceu, nem naquela que considerava ordenada (Londres), pois em ambas o preconceito, as dificuldades de ajustamento social tornam mais viva e intensa a sua condição de "outsider", responsável pela sua posição de neutralidade diante das coisas, fatos e lugares.

Quando tudo parecia perdido para a personagem e nada mais lhe restava a não ser o reduzido espaço do hotel suburbano, a busca termina e Singh vê-se à frente de uma nova realidade: a sua verdade. Aceita as limitações, e a desordem que em tudo está ganha um novo significado. É tida agora como elemento natural, o outro lado da face da realidade concreta, conflitante e rica em antinomias. Também a solidão não mais o inquieta. Ela é entendida como condição capaz de levar o homem a encontrar a si mesmo e assim chegar à resposta para seus problemas existenciais. Para Singh, despido de todas as máscaras, vestidas na tentativa de encontrar fora de si o que lhe faltava interiormente, torna-se uma necessidade buscar em si mesmo e nas coisas, a autenticidade, mesmo dolorosa. Torna-se escritor e através do processo criativo, põe finalmente uma ordem em sua vida : "So writing, for all its initial distortion, clarifies, and even becomes a process of life". (p. 251)

Conseqüentemente, ao optar pela carreira de escri

tor Singh põe fim à sua busca da ordem, pois não vive mais a crise que se esgota no ato da escolha de um objetivo para sua vida, na aceitação da paisagem que o envolve. Ao mesmo tempo dá início a um novo ciclo existencial, marcado pelo discernimento e espírito crítico que se farão sentir ao longo de sua carreira de escritor. **Dixi.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, V.M. Teoria da Literatura. Coimbra, Almeida, 1973. 769 p.
- COMMONWEALTH INSTITUTE. Trinidad. London, 1977.
- ENCYCLOPAEDIA Britânica. Chicago, 1968. Vol. 21, p. 238.
- EDWARDS, V.K. The West Indian Language Issue in British Schools. London, Routledge & Paul, 1979. 168 p.
- FORSTER, E.M. Aspectos do romance. Porto Alegre, Globo, 1974. 135 p.
- FRYE, N. Anatomia da crítica. São Paulo, Cultrix, 1973. 362 p.
- GEOGRAFIA ilustrada. São Paulo, Abril Cultural, 1971. vol. 3, p. 910.
- GRAY, P. Among the believers an Islamic journey by V.S. Naipaul. Time. New York, 118 (7): 62-3, 26 oct. 1981.
- JONES, D.P. Selected books. London Magazine, p. 82-4.
- KENNEY, W. How to Analyze Fiction. New York, Monarch, 1966. 111 p.
- KING, B. West Indian Literature. London, Macmillan, 1979. 247 p.
- MAES-JELINEK, H. The myth of El Dorado in the Caribbean Novel. Journal of Commonwealth Literature, London, 6 (1): 113-27, 1971.
- MOISÉS, M. A criação literária. São Paulo, Melhoramentos, 1979. 368 p.

MOISÉS, M. Dicionário de Termos Literários. São Paulo, Cultrix, 1978. 520 p.

\_\_\_\_\_. Guia prático de análise literária. São Paulo, Cultrix, 1970. 284 p.

MORRIS, Jan. Intermezzo Londrino. Seleções de READER'S DIGEST, 19 (113): 48-54, Out., 1980.

NAIPAUL, S. The adventures of Gurudeva. London, André Deutsch, 1976.

NAIPAUL, V.S. An area of darkness. Harmondsworth, Penguin, 1964. 266 p.

\_\_\_\_\_. A bend in the river. New York, Knopf, 1979. 278 p.

\_\_\_\_\_. A flag on the island. Middlesex, Penguin Books, 1969. 172 p.

\_\_\_\_\_. Guerrillas. London, André Deutsch, 1975. 253 p.

\_\_\_\_\_. A house for Mr. Biswas. Middlesex, Penguin Books, 1973. 590 p.

\_\_\_\_\_. In a free state. Middlesex, Penguin Books, 1973. 246 p.

\_\_\_\_\_. India wounded civilization. London, André Deutsch, 1967. 174 p.

\_\_\_\_\_. The Loss of El Dorado. London, André Deutsch, 1969. 394 p.

\_\_\_\_\_. The middle passage. London, Penguin Books, 1962. p. 41.

\_\_\_\_\_. Miguel Street. Middlesex, Penguin Books, 1973. 256 p.

NAIPAUL, V.S. The Mimic Men. Middlesex, Penguin Books, 1973.  
251 p.

\_\_\_\_\_. Mr. Stone and the Knights Companion. Middlesex,  
Penguin Books, 1973. 126 p.

\_\_\_\_\_. The mystic Masseur. Middlesex, Penguin Books,  
1973. 219 p.

\_\_\_\_\_. The Novelist V.S. Naipaul talks about his work to  
Ronald Bryden. The Listener, London: 367, 22, mar. 1973.

\_\_\_\_\_. The overcrowded barracoön. Harmondsworth, Penguin  
Books, 1976. 309 p.

\_\_\_\_\_. The return of Eva Perón. London, Penguin Books,  
1980. 218 p.

\_\_\_\_\_. The suffrage of Elvira. London, Penguin Books,  
1969. 207 p.

PIRES, O. Manual de Teoria e Técnica Literária. Rio de Ja-  
neiro, Presença, 1981. 290 p.

POUILLON, J. O tempo no romance. São Paulo, Cultrix, 1974.  
201 p.

RAMRAJ, V. The All-embracing Christlike Vision: tone and  
attitude in the mimic. In: RUTHERFORD, A. Commonwealth.  
Aarhus, 1972. p. 125-34.

RAMCHAND, K. The West Indian Novel and its background.  
London, Faber and Faber, 1974. 287 p.

ROBERTS, E.V. Writing themes about literature. New Jersey,  
Prentice Hall, 1973. 297 p.



ROHLEHR, G. The ironic approach. In: JAMES, L. The Islands in between. London, Oxford University, 1968. p. 121-39.

SHEPPARD, R.Z. Notes from the fourth world: a bend in the river by V.S. Naipaul. Time, New York, 113 (21): 68-9, 21 May, 1979.

\_\_\_\_\_. The return of Eva Perón, with the killings in Trinidad: by V.S. Naipaul. Time, New York, 115 (4): 54-5, 7 Apr. 1980.

SCHNERB, R. A Índia e a Ásia Ocidental diante da expressão ocidental. In: CROUZOT, M., dir. História geral das civilizações. 2 ed. rev. atual. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961. t. 6, cap. 6, p. 115-64.

THORPE, M. V.S. Naipaul. London, Macmillan, 1975. 217 p.

WALSH, W. Commonwealth literature. London, Oxford, 1973. 150 p.

\_\_\_\_\_. Readings commonwealth literature. Oxford, Clarendon, 1973. 448 p.

\_\_\_\_\_. V.S. Naipaul. Edinburgh, Oliver & Boyd, 1973. 94 p.

WEBB, P.; BEHR, E.; KIRKLAND, R. The master of the novel. Newsweek: 44-8, ago. 1980.

WELLEK, R. & WARREN, A. Teoria da Literatura. 2 ed., Lisboa, Europa-América, 1971. 372 p.